

VINÍCIUS GONÇALVES BENTO DA SILVA

As mensagens sobre drogas do rap: como sobreviver
na periferia

Dissertação apresentada à Escola de
Enfermagem da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Mestre
em Enfermagem Área de Concentração
Enfermagem em Saúde Coletiva

ORIENTADORA: Cássia Baldini Soares

São Paulo
2003

Em memória de Milton Bento da Silva

que deixou no filho um pouco de suas inquietudes

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à professora Cássia, que com entusiasmo orientou os caminhos para a realização desse trabalho. Mais do que orientar, ensinou: a trabalhar com amor, com garra, com disciplina, com seriedade e honestidade. Acredito no valor da educação e do ensinar. A você Cássia, meus mais profundos agradecimentos e reconhecimento.

À Virgínia. Sem seu amor, companheirismo e apoio essa realização não seria possível. Te amo.

À minha mãe. Sem palavras. Alice: sou seu fã.

Ao meu filho Luan por existir e irradiar tanta alegria. Ao meu irmão Caco. Ao Lauro e a Acolina pela força, compreensão e apoio mais que importante em todos os momentos.

À Ana que sempre me incentivou pelos caminhos da música e do estudo. A todos os meus amigos, em especial ao Junior (mulher), Milena, Cris, Gustavo, Beto (Gualberto), Léo e Gordo (Adalberto) que sempre estiveram comigo em minha jornada acadêmica .

A todos os professores que contribuíram para minha formação acadêmica, especialmente a Márcia Car, que desde a graduação contribuiu para minha formação e a Suzy pela inspiração.

A toda a Secretaria do Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva por sempre facilitar todas as empreitadas dos alunos e professores.

A todos da Coordenadoria de Saúde de Ermelino Matarazzo pelo apoio. À Elizabete Fernandez. Sem sua compreensão e sensibilidade esse estudo seria impossível.

A todos os que fazem rap, que curtem e que contribuem para a perpetuação dessa voz da periferia: meus especiais agradecimentos. Paz para os irmãos.

Silva VGBS. As mensagens sobre drogas do rap: como sobreviver na periferia. [dissertação] São Paulo: Escola de Enfermagem da USP; 2003.

Resumo

Este trabalho toma por objeto as mensagens sobre drogas nas letras de rap. Compreende que esse gênero musical é parte de um movimento cultural maior – o hip hop – que difunde uma visão social de mundo principalmente nas periferias das grandes cidades do país. Teve como objetivo analisar as mensagens sobre drogas das letras de rap de grupos com representatividade e influência entre os jovens da periferia de São Paulo. Por meio da metodologia de Análise de Discurso estudou-se onze letras de nove grupos de rap. O tema marcante nas letras é a vida na periferia que é retratada pelo tráfico e consumo de drogas, pela violência e discriminação enfrentados pelos jovens. O problema do consumo de drogas é compreendido por alguns grupos no âmbito estrutural - como consequência do modo de produção capitalista - e por outros no âmbito particular - pelas características individuais, pela influência da família e dos amigos. As propostas do rap para o enfrentamento e para a superação desses problemas estão voltadas ao fortalecimento e responsabilização do sujeito, que através de um esforço pessoal, não se envolveria com o tráfico e com o consumo de drogas consideradas perigosas e potencialmente destrutivas como o crack e a cocaína. O fortalecimento de laços familiares, de amizade e a educação são também elencados como saídas para os problemas advindos do envolvimento com as drogas. Assim as propostas apoiam-se fortemente no sujeito, invocando um discurso que além de denunciar a situação dos jovens de periferia propõe mecanismos de proteção para criar uma alternativa de “vida possível” - de convivência com a violência, com o tráfico e com o consumo de drogas. Tal tática identitária tem a finalidade de garantir a sobrevivência dos jovens na periferia.

Palavras-Chave: periferia; rap; consumo de drogas

Abstract

This work takes as object the messages about drugs in the rap lyrics. It understands that rap is a kind of music that is part of a bigger cultural movement – the hip hop – that diffuses a social vision of world mainly in the peripheries of the big cities of the country. It had as objective to analyze the messages about drugs of the rap lyrics from the representative and influential groups among the youths living in the periphery of São Paulo. The Discourse Analysis was used as a methodology. Eleven lyrics of nine groups of rap were taken as a sample. The outstanding theme in the lyrics is the life in the periphery that is portrayed by the traffic and the consume of drugs, by the violence and discrimination faced by the youths. The problem of the consumption of drugs is understood by some groups in the structural scope - as consequence of the capitalism - and by others in the private scope - by the individual characteristics, by family and friends influence. The proposals of the rap are to confront and to overcome those problems are to empower and to hold the subject responsible, that through a personal effort, would not be involved with traffic and consumption of drugs considered risky and potentially destructive as crack and cocaine. The empowerment of family, friends and education they are also listed as exits for the resulting problems of the drugs involvement. Therefore, the rap proposals rely strongly in the individual, invoking a discourse that beyond the denounce of the situation of the periphery youths, it proposes to develop protection mechanisms to create an alternative of “possible life” - of socialization with violence, traffic and drug consumption. Such identification tactics has the purpose of guarantee the survival of the youths in the periphery.

Key words: marginal areas; rap; drugs

Sumário

1	Introdução: o objeto e o problema de estudo	9
1.1	Sobre os “manos”	17
1.2	O movimento no Brasil	21
2	Considerações teóricas: o rap como manifestação cultural.....	28
2.1	<i>Visão social de mundo</i> : mensagens sobre drogas do rap paulistano	30
2.2	A relação entre arte e visão social de mundo	34
2.3	A gíria como expressão do rap.....	39
2.4	As drogas na contemporaneidade.....	40
2.5	Periferia.....	44
2.6	O olhar da “sociedade” sobre as drogas.....	49
3	Problema de estudo.....	52
4	Finalidade e objetivos	53
4.1	Objetivo geral.....	53
4.2	Objetivos específicos	53
5	Procedimentos metodológicos	54
5.1	População de estudo: escolha dos grupos e apreensão das letras..	54
5.1.1	Critérios de escolha dos grupos.....	54
5.1.2	Fonte de dados: escolha das Letras.....	55
5.2	Análise de dados	57
5.2.1	Categoria de Análise.....	57
5.2.2	Análise de discurso.....	58
6	Resultados e análise	61
6.1	Quem fala.....	61
6.1.1	Racionais MCs.....	61
6.1.2	Xis	63
6.1.3	RZO.....	64
6.1.4	Sabotage	65
6.1.5	Thaíde & Dj Hum.....	66
6.1.6	509-E	67
6.1.7	Facção Central.....	68
6.1.8	SNJ.....	69
6.1.9	Doctors Mc's.....	70
6.2	O que falam.....	71
6.3	Tema 1: Vida na periferia.....	71
6.3.1	Subtema: A dualidade no cotidiano da periferia	71
6.3.2	Subtema: Sonho versus realidade do jovem de periferia	75
6.3.3	Subtema: A periferia é o espaço da criminalidade, uso de drogas e violência.....	77
6.3.4	Subtema: Ser um cidadão comum de periferia é valorizado	80
6.3.5	Subtema: As periferias são iguais.....	80
6.3.6	Subtema: Presença do Estado corrupto e violento na periferia	81

6.3.7 Subtema: Drogas e criminalidade como possibilidade de ganhar a vida	82
6.3.8 Subtema: Conseqüências da criminalidade e do uso de drogas	85
6.4 Tema 2: Problemas relacionados com as drogas.....	88
6.4.1 Subtema: A denúncia do tráfico	88
6.4.2 Subtema: O crack e a cocaína são as drogas perigosas.....	93
6.5 Tema 3: Teorias explicativas do consumo de drogas	98
6.5.1 Subtema: Centrada no usuário de drogas.....	98
6.5.2 Subtema: Centrada na família e nos amigos.....	103
6.5.3 Subtema: Centrada na estrutura e dinâmica da sociedade.....	104
6.6 Tema 4: Proposta de superação dos problemas relacionados diretamente às drogas.....	107
6.6.1 Subtema: de cunho individual, familiar e religioso.....	107
6.6.2 Subtema: Proposta que discrimina o tipo de droga permitida ou proibida	110
7 Discussão	113
8 Considerações finais	127
9 Referências bibliográficas	129
ANEXOS	136

1 Introdução: o objeto e o problema de estudo

Esta pesquisa toma como objeto as mensagens sobre drogas presentes nas letras de rap, manifestação cultural juvenil bastante difundida em grandes centros urbanos. Este trabalho compreende o rap como uma cultura juvenil de periferia, que faz parte de uma cultura mais ampla - o hip hop. É notório que na década passada o rap conseguiu, através da mídia fonográfica e televisiva, visibilidade fora das regiões mais desfavoráveis da cidade - que lhe deram origem -, passando a influenciar não somente os jovens dessas regiões, mas também os da classe média paulistana. Assume portanto caráter de fenômeno de metrópole, de amplitude maior que um fenômeno de periferia. Sposito (1994, p.172) reforça essa afirmativa

Os *rappers* não se contentam em atingir o público imediato com o qual se defrontam no seu "pedaço", território ou bairro. Querem e disputam a possibilidade de entrar no circuito do consumo e da circulação de bens culturais. Seu alvo é o grande público - jovem, negro, excluído - não apenas o que está mais próximo no âmbito das relações primárias do bairro. Lutam e empreendem ações voltadas para um público amplo, querem divulgar sua mensagem e constituir uma via alternativa de informação e conhecimento, constituindo os meios de comunicação de massa em poderosos adversários.

Assim, o rap será analisado como uma cultura produzida por *jovens, negros e excluídos* de periferia, que se torna produto de consumo e de influência para os jovens da cidade de São Paulo.

Mas o rap não se reduz somente a um estilo musical ou "mecanismo habitual da sociedade de consumo", mas adquire caráter de instrumento de comunicação do jovem que expressa seu cotidiano e critica o mundo que o cerca. Sposito (1994, p.167) confirma a característica do rap como um "produto da sociabilidade juvenil (...) capaz de mobilizar jovens

excluídos em torno de uma identidade comum". Os rappers vêm utilizando esse estilo não somente como forma de comunicação e de expressão, mas também como forma de lazer, posicionando-se diante de seus pares e da formação social na cidade de São Paulo.

É preciso falar sobre o que se passa, contar a vida das ruas, seus dilemas, denunciar ou ridicularizar o que ocorre na sociedade, fazer a crítica dos costumes (Sposito, 1994, p.168).

Diversos trabalhos que tomam o rap como objeto foram desenvolvidos principalmente na segunda metade da década de 90 e início de 2000 (Vianna, 2002; Magro, 2002; Dayrell 2002; Gonçalves, 2001; Guasco, 2001; Oliveira, 1999; Herchmann 1997; Arce, 1997; Yúdice, 1997; Rose, 1997; Andrade, 1996; Sposito, 1994) descrevendo-o como uma expressão artística de cerca de 20 anos de existência que parte originalmente, tanto no caso americano quanto brasileiro, de um grupo particular de jovens de periferia, em sua maioria negros, moradores de bairros pobres das grandes cidades.

No entanto, uma parte dos trabalhos concebe essa manifestação cultural como um movimento social (Andrade, 1996, Gonçalves, 2001). O trabalho de Oliveira (1999) posiciona-se frente ao rap destacando-o como manifestação cultural, mas não deixa de aludir um papel conscientizador que o rap pode exercer através da organização em associações ou posses¹. Na mesma direção o trabalho de Magro (2002) ao ressaltar o importante papel educacional do hip hop, evidencia novamente as posses como "ações coletivas bem definidas de

¹ Sposito define a posse com sendo "um território, que exprime uma intervenção mais ampla e coletiva (...) Em geral, a posse integra número variado de grupos (...) e busca ações mais estruturadas (...) formada para potencializar sobretudo a ação musical dos grupos, ao lado de algumas atividades comunitárias (...) A peculiaridade brasileira residiria no arco mais amplo de atividades, no seu caráter político e na sua preocupação com os aspectos de caráter organizativo" (Sposito, 1994, p. 170).

conscientização política e exercício da cidadania” (p.5), enfatizando sua relação com o movimento negro.

Sposito (1994) vem destacando a condição do rap como uma manifestação cultural da periferia que se caracteriza por “dois tipos de fenômenos: o primeiro diz respeito ao RAP enquanto gênero musical, consumido pela juventude, em especial negra e trabalhadora, (...) o segundo (...) envolve a disseminação do RAP enquanto prática de produção cultural” (p.167) Na mesma direção está o trabalho de Dayrell (2002), que analisa o rap na periferia de Belo Horizonte, reforçando a idéia de cultura ao “(...) observar que os jovens vêm lançando mão da dimensão simbólica como principal e mais visível forma de comunicação, expressa nos comportamentos e atitudes pelos quais se posicionam diante de si mesmos e da sociedade” (p.2).

Há outro trabalho que se preocupa com a cultura juvenil contemporânea das grandes cidades, enquanto manifestação de um grupo marginalizado pela sua condição de institucionalizado na Fundação Estadual do Bem Estar do Menor - FEBEM (Vianna, 2002), ressaltando o rap enquanto “linguagem comum que amplia a situação de receptores, para produtores de imagens (...) (p.78)”.

Guasco (2001) faz um estudo antropológico entre rappers da periferia de São Paulo, acreditando que o movimento hip hop poderia ser melhor entendido através de sua descrição próxima ao cotidiano de criação. Define-o como uma cultura de rua e naturalmente não de qualquer rua, mas das ruas da periferia – espaço marcado “pela carência em praticamente todas as áreas, desde a falta de saneamento básico à falta de investimento em cultura e educação (...) [onde] o crime se mostra mais atuante que o poder público” (p. 122).

Outros autores como Arce (1997), Herchmann (1997) e Yúdice (1997) também compreendem o hip hop como manifestação cultural, paralelamente ao funk. Na mesma produção agrega-se o texto de Rose

(1997, p.192) que vê o hip hop como produto da vida na *América urbana e pós-industrial* que transformou “os produtos tecnológicos que se acumularam como lixo na cultura e na indústria, em fontes de prazer e poder”.

Em síntese, e em consonância com a maioria dos autores referidos, o rap será analisado neste trabalho a partir de uma compreensão teórica que o define como uma manifestação cultural - proveniente dos jovens de periferia - que se reproduz nos bairros pobres, mas influencia também os jovens de classe média. Além de caráter cultural, o rap se constitui como um gênero musical consumido pela juventude.

A importância do rap (abreviação do inglês rhythm and poetry - ritmo e poesia) pode ser aquilatada através da literatura sociológica, que vê mudanças no tratamento da categoria juventude, a partir das “transformações significativas” nas formas de manifestação juvenil do final dos anos 70 para cá. A categoria juventude passou então a “abranger jovens de setores populares” e adquiriu características diferentes das que tinha nas décadas de 50 e 60, quando a juventude urbana brasileira era analisada pelos processos que aconteciam predominantemente com os jovens de classe média, ligados principalmente aos movimentos estudantis que tentavam “reinventar a ordem social” dominante e à contracultura, caracterizada por tentativas de construção de um modo de vida alternativo ao dominante (Abramo, 1994, p. 55).

Como em grande parte do mundo, no Brasil, a crise econômica, a inflação e a estagnação dos anos 70, favoreceu a consolidação de um novo modelo dominante de práticas econômicas, sociais e políticas - o neoliberalismo. Movimento que se opôs ao projeto capitalista vigente - operacionalizado sob os desígnios do *Estado de Bem Estar Social* - e que se fundamenta na “(...) desigualdade como valor fundamental para

estimular a vitalidade da concorrência, (...) abole a democracia como valor central, (...) utiliza o processo de globalização para veicular e expandir seu ideário” (Queiroz, Salum, 1996, p.2). A globalização impôs ao Brasil modificações de grande repercussão a partir da década de 80, que culminaram na perda de postos de trabalho com conseqüente aumento no número de desempregados e proliferação cada vez maior de bolsões de pobreza, situados nas periferias das grandes cidades (Bianchetti, 1997; Anderson, 1995; Laurell, 1995). Os jovens vem sendo afetados diretamente por essa nova condição, já que seu futuro profissional e sua inserção no mundo do consumo apresentam-se insertos, ficando a cargo do mercado a escolha da carreira profissional (Bock, 2000).

(...) a crise econômica, iniciada em 1973, vai produzir somente no final da década os seus maiores efeitos, que culminarão com a recessão de 1982. Os jovens vão sofrer de forma acentuada o estreitamento das possibilidades de arquitetar uma vida satisfatória através da carreira profissional e mesmo de sustentar a participação nos espaços da escola, do consumo e da diversão (Abramo, 1994, p.82).

Assim, diante do contexto de crise econômica acentuada na década de 80, conjuntamente com a

crise do espaço universitário como significativo para elaboração das referências culturais, o enfraquecimento da noção de cultura alternativa como modo de contraposição ao sistema e a emergência de uma intensa vivência, por parte dos jovens das camadas populares, no campo do lazer ligado à industrial cultural (...), emergem como personagens expressivos desse novo universo juvenil os grupos articulados em torno do *estilo* (Abramo, 1994, p.82),

colocam-se em questão uma série de necessidades gerais dos jovens, como aquelas relacionadas à construção de uma identidade em meio à intensa complexificação da cidade, ou aquelas relacionadas aos jovens pobres, em particular, de criar espaços de vivência próprios não conformados pelos apelos da massificação e do consumo.

(...) alguns grupos de jovens vão construir um estilo próprio, com espaços específicos de diversão e atuação, elegendo e criando seus próprios bens culturais, sua música, sua roupa, buscando escapar da mediocridade, do tédio da massificação e da própria imposição da indústria da moda (Abramo, 1994, p. 83).

Assim, estrutura-se em São Paulo, e nas grandes metrópoles brasileiras, grupos de jovens com diversas identidades e estilos, como os *punks*, os *darks*, os *rappers*, os *carecas*, os *clubbers* entre outros, e que reconhecem-se principalmente através de suas roupas, gosto musical e lugares freqüentados.

A preferência por estilos de música responde, nesse contexto, a distintas formas de inserção social. A posição ocupada pelo jovem e sua família no mundo do trabalho resulta em diferentes possibilidades de usufruir dos bens produzidos pela sociedade e distintas oportunidades de inserção do jovem no espaço público. Os valores culturais apreendidos e cultivados pelos grupos jovens são obtidos de acordo com suas experiências particulares, suas expectativas e aspirações.

As redes socioculturais, baseadas na identidade e na sociabilidade desenvolvida nos espaços públicos, convencionou-se denominar pela mídia em geral de "*Cultura de Rua*", termo que vem sendo usado para retratar uma forma de interação específica entre os jovens que se agregam ao redor de ideologias e saberes compartilhados. De acordo com Guasco (2001) a idéia de "cultura de rua" assume dentro do

movimento hip hop característica específica, “uma vez que é a partir dele que essa noção é forjada conforme a visão dos rappers”. Para o autor a

rua não é (...) uma descoberta dos rappers; nem foram eles os primeiros a perceber retratar a sociedade a partir dela. Mas a eleição da rua como ícone em torno do qual giram todas as idéias, construindo uma relação direta entre este elemento e o estilo ou o movimento cultural, denota um vínculo de outra natureza. No discurso dos rappers a rua aparece como espaço da cultura e metáfora da sociedade e, mais do que isso, a relação entre o estilo, a cultura e a rua vai do vínculo da origem à ordem da metonímia. Pois, da forma como se apresenta, o Hip Hop é uma cultura de rua e a cultura de rua é o Hip Hop” (Guasco, 2001, p.118).

Embora moradores de periferia, os jovens puderam consumir e produzir rap devido à popularização da aparelhagem eletrônica associada ao estímulo proporcionado pelo movimento punk, como o seu lema *do it yourself – faça sua música –*, que impulsionaram a produção cultural e musical juvenil em geral. O rap torna-se portanto um estilo musical bastante difundido na periferia devido a fatores como menor custo para montagem de apresentações e shows e a não utilização de instrumentos musicais como um pré-requisito para a confecção musical (Dayrell, 2002 p. 9).

Ao retomar as origens do rap, Guasco (2001, p.38) ratifica essa explicação ao afirmar que a opção pelo rap nos EUA, além de representar uma opção *político-cultural* foi “fruto do imprevisto e da criação diante da carência de recursos”. Devido às políticas norte-americanas que retiraram, dentre outros programas, o ensino de educação musical nas escolas públicas, conjuntamente “com a perda do acesso a instrumentos musicais” foi segundo os rappers norte-americanos fatores que “levaram os artistas a investirem na experiência de manipular os toca discos como instrumentos, improvisando novas músicas sobre as bases já gravadas, o que teria influenciado na expansão do rap” (Guasco, 2001, p.38).

Além do instrumental técnico utilizado no rap, Rose (1997, p.195) ressalta que as

mudanças pós-industriais na economia, como o acesso à moradia, a demografia e as redes de comunicação, foram cruciais para a formação das condições que alimentam a cultura híbrida e o teor sociopolítico das canções e músicas de hip hop”.

Para Yúdice (1997, p.26) através de novos estilos musicais, como o funk e o hip hop, os jovens marginalizados “procuram estabelecer novas formas de identidade”, mostrando, através da música, a diversidade cultural e conflitante existente no Brasil, ao contrário da ideologia disseminada de que o Brasil é uma *nação sem diversidades conflitantes*.

O movimento de formação da identidade através do rap se caracteriza por uma produção artística em grupo, sendo que, ao contrário de outros estilos musicais, dificilmente os grupos tocam músicas de outros artistas. Esse fato pode explicar em parte o grande número de grupos de rap e sua alta rotatividade – vários se desfazendo ou trocando de integrantes.

Dessa forma, o rap produz e é produzido por uma visão social de mundo que se expressa em suas letras, músicas e melodias, bem como na sua maneira de vestir, no visual de seus discos e em sua postura de grupo dentro e fora do palco.

Assim, o rap como expressão artística de um determinado grupo, além de retratar a realidade dos jovens que o produzem, compreende em si mesmo, um elemento de tal realidade. Enquanto movimento caracteriza-se por agrupar jovens ao redor de discussões sobre problemas sociais e sobre a ordem social estabelecida, incitando uma visão crítica acerca dos problemas das grandes metrópoles brasileiras e suas periferias. Suas letras retratam a realidade da reprodução social dos grupos que pertencem os rappers.

Guasco (2001 p.21) ao analisar as capas dos discos de rap retrata a imagem transmitida pelos rappers bem como suas mensagens e atitudes.

Jovens, na maioria das vezes negros e do sexo masculino, posando diante de cenários miseráveis, escuros ou em ruínas, com a presença recorrente de armas e drogas, às vezes vestidos de maneira uma tanto americanizada, mas principalmente refletindo a imagem estereotipada que construímos de pobres e pretos como bandidos. Isso tudo reforçado por gestos e olhares que insinuavam atitudes de enfrentamento, desafio ou desconfiança. Em contraste com mensagens pela “*conscientização*”, contra o racismo, contra as drogas e a violência, trazendo a idéia da valorização dos estudos e da família, clamando e agradecendo a Deus e aos orixás.

Com Sposito (1994, p.168) ainda, pode-se aprender que esse gênero musical procura articular três dimensões:

(...) a primeira (...) aponta para as questões específicas que afligem a população negra no interior de uma sociedade marcada pela hegemonia do branco; (...) segunda, de caráter social, expressa-se na denúncia das condições de vida das populações trabalhadoras da sociedade; e a terceira aponta para as dimensões excludentes das relações geracionais, remetendo a uma específica forma de discriminação que atinge os jovens, marcados pelas estreitas possibilidades de emprego, pelas dificuldades escolares, pelos dilemas presentes no mundo das drogas ou do crime e, sobretudo, porque este setor se tornou o alvo privilegiado da violência policial e de grupos exterminadores.

1.1 Sobre os “manos”

Esse estilo musical faz parte de uma vertente cultural mais ampla denominada de cultura *hip hop*. O hip hop estrutura-se em três pilares principais, que constituem sua expressão artística ideológica: a dança

representada pelo *break*; a pintura através do *grafite*; a música expressa através do *rap* (Guasco, 2001; Oliveira, 1999; Sposito, 1994).

Essas três formas de arte desenvolveram-se no bairro de Nova Iorque – Bronx, por volta de 1970, de uma maneira informal, em festas de rua, com a competição dos movimentos de dança – *break*, e com o discurso criativo – *rap*, uma réplica do costume rotineiro dos negros da África Ocidental que entoavam canções nas aldeias (*griots*) (Andrade, 1996, p.118; Sposito 1994, p.168). Rose (1997, p. 204) destaca ainda que as características de confronto e competição do hip hop reforçam a idéia de *resistência* “como à preparação para um mundo hostil que nega e denigre os jovens de cor” e que inicialmente era um movimento influenciado pela cultura proveniente da juventude da diáspora africana. O rap teve sua origem na Jamaica em 1950 com *Dj Big Youth* e chegou aos EUA com os músicos *Grandmaster Flash* e *Kool Herc*, que foram influenciados pelo *Reggae*.

O termo Hip Hop faz referência a movimentos de dança, sendo que sua tradução literal é algo como “pular mexendo os quadris”. Essa tradução perde seu sentido atualmente, pois o hip hop adquiri importância de movimento artístico e fenômeno sócio-cultural, refletindo transformações econômicas e sociais nas últimas décadas (Guasco, 2001).

Na busca de superação da crise social, como protesto, os jovens dos guetos de negros e imigrantes nova-iorquinos estampavam (pichavam) nos muros da cidade um desenho característico que expunha a imagem do grupo e repudiava a opressão - o grafite.

Nos EUA [e provavelmente no Brasil também], o grafite como movimento significou a invasão das áreas nobres das grandes cidades por aqueles que viviam segregados nos guetos e subúrbios pobres, que deixavam os sinais visíveis de sua presença através dos muros e paredes pintados (Sposito, 1994, p.164).

O grafite se apresenta como um tipo de pintura caracterizada por figuras que representam nomes, pessoas, paisagens urbanas ou protestos. É "(...) perceptível o abuso proposital de cores, brilhos e sombras; fazendo com que as imagens se tornem geralmente muito chamativas" (Guasco, 2001, p.10).

O break (quebrar em inglês) é um tipo de dança caracterizada por movimentos contorcidos, bruscos, acrobacias que variam de piruetas a rodopios no chão em diversas posições e coreografias que lembram movimentos de um robô. O nome break pode ser compreendido como uma referência ao tipo de movimento da dança, mas segundo Guasco (2001), é mais aceita a idéia de que o nome surgiu devido aos dançarinos se apresentavam nos intervalos ou *breaks* das apresentações musicais dos bailes no início do movimento hip hop. Apresentado como dança do movimento hip hop, tinha por finalidade

(...) a disputa entre gangues (competitividade), que trocavam as barbáries da criminalidade pela competição na dança (...), [seus movimentos] foram copilados e a seguir reiventados pelos jovens nova iorquinos. Eles protestavam contra a Guerra do Vietnã e lamentavam a situação dos jovens adultos que retornavam da guerra debilitados. Cada movimento do break possui como base o reflexo do corpo debilitado dos soldados norte-americanos, ou então, a lembrança de um objeto utilizado no confronto com os vietnamitas (Andrade, 1996 p.114-115).

Guasco reafirma a alusão à guerra e coloca o break como resultante de um *processo de fusões culturais*, construído por influências de "acrobacias circenses trazidas por porto-riquenhos e também da inspiração em movimentos de lutas marciais difundidas pelo cinema, mencionando-se inclusive a capoeira" (p.40). O rap, criação tecnológica feita a partir de elementos acústicos e fragmentos de diversos outros padrões musicais, começou como uma música para dançar o *break* e para servir de base rítmica para uma improvisação poética que, como

visto acima, tem como conteúdo principal o protesto social e o retrato da vida dos jovens negros de periferia envolvidos no movimento hip hop.

A vivência com o rap mostra que ele possui diversas formulações melódicas tendo por elemento comum uma batida seca, derivada do funk e do rock e técnicas sonoras elaboradas pelos DJs (Disque Jóqueis), que reinventam estruturas rítmicas e harmônicas, articulando sons eletrônicos, *scratches* (ruídos elaborados a partir da rotação inversa de toca discos, chamados de *pic-ups*) e trechos de obras instrumentais já conhecidas – processo que é denominado de *sampler*. O canto falado do rap é posto com bastante liberdade métrica, proporcionando ao *MC* (Mestre de Cerimônia - cantor) uma grande capacidade expressiva. Daí o nome rap: ritmo e poesia.

Musicalmente, o rap se constituiu da recuperação de características básicas do funk, como, por exemplo, a batida pesada. Mas ao mesmo tempo em que se usava o funk como base, a manipulação das bases de funk no toca-discos introduzia uma série de quebras e ruídos. E os efeitos se multiplicaram como avanço tecnológico. Mas a recuperação da pulsação do funk trabalhada na aparelhagem, ao invés de nos instrumentos musicais, resultou de uma combinação de meios à disposição com opções tanto estéticas quanto políticas (Guasco, 2001, p.37)

Rose (1997, pp. 207-208) aponta ainda que a música e a vocalidade no rap “privilegiam o fluxo, a fluidez e as rupturas sucessivas”. Discute essas características através de uma análise onde

pode-se dizer teoricamente que eles criam e sustentam um movimento rítmico de continuidade e circulação através do fluxo; que eles acumulam, reforçam e embelezam essa continuidade através da estratificação; e driblam as ameaças e essas narrativas ao construir rupturas que realçam a continuidade, desafiando as narrativas a todo instante. Os efeitos do estilo e da estética sugerem caminhos afirmativos, nos quais deslocamentos e rupturas sociais profundos podem ser questionados e até mesmo

contestados no terreno cultural. (...) estão preparados para a ruptura e até encontram prazer nela, pois de fato planejam uma ruptura social.

Os rappers apresentam dessa forma, não somente uma filosofia e identidade próprias, mas também uma linguagem, que compõe o discurso de uma crítica social elaborada e contextualizada, expressando o sentimento de pertencer à periferia, e denunciando a condição de viver essa realidade.

Além dos Estados Unidos,

essa também é uma história que se repete em outros tantos locais e momentos de forma parecida, pela semelhança dos processos históricos ou dos contextos sociais; mesmo que o encontro então aconteça em outros pontos e ainda que para chegar a eles tenham sido trilhados outros caminhos (Guasco, 2001, p.42).

1.2 O movimento no Brasil

No Brasil, o movimento hip hop teve como berço a cidade de São Paulo na década de 80, manifestando-se primeiramente através do *break*, dançado nos *bailes blacks* e na Estação São Bento do Metrô, zona central da cidade. Félix (2000) relata que na Estação de Metrô, além do *break*, o grafite também era apresentado - "em painéis de madeira ou de pano" - e alguns escreviam poesias e as apresentavam acompanhados por um DJ (Félix, 2000, p.157). O autor discorre ainda sobre a importância dos *bailes blacks* em São Paulo, que proporcionavam aos freqüentadores a criação de uma identidade étnica, encontrando "um espaço social onde podem ter a certeza de que não serão discriminadas, poderão ampliar as suas relações sociais através de novas amizades, assim como procurar parceiros afetivos que partilhem de sua concepção

de mundo” (p.176). Sposito (1994, p.169) destaca que “a freqüência a estes bailes foi, para alguns jovens, o primeiro contato com a música e o início de novas relações de amizade que resultaram, muitas vezes, na formação de grupos”.

O rap reproduz-se não somente nos bailes e nas rádios, mas desenvolve-se em espaços que fazem parte da vida cotidiana dos jovens de periferia.

Parte do tempo livre, entre a escola e o trabalho, é gasta em uma área nas ruas, que se torna o “pedaço”(…) Esses pontos de encontro (...) também caracterizam o modo inicial de apropriação do espaço da rua realizado pelos grupos de RAP: local onde as informações circulam, onde as letras das músicas são trocadas, assim como fitas, discos e revistas (Sposito,1994, p.169-70).

Nelson Triunfo, um famoso dançarino de *break (breaker)* que se apresentou na coreografia da novela “Partido Alto” da rede Globo de televisão em 1984, acabou por difundir a dança para todo o Brasil. “Surge então, a partir do *break*, os primeiros grupos de rap: a dupla *Thaide e Dj Hum e Racionais MC’S*” (Oliveira, 1999; p. 86), que gravaram os primeiros LP’s de rap em 1986 (Andrade, 1996). A primeira coletânea de rap – Hip Hop cultura de rua – foi lançada em 1988. Segundo Gonçalves (2001, p.102):

Os indícios destas práticas artísticas foram notadas a partir de exhibições de grupos de dança da rua 24 de Maio, o início dos anos 80, mais tarde no Largo São Bento. (...) Nas tardes de domingo a Estação do Metrô São Bento era dominada por dançarinos, chamados B. Boys, e cantores, os MC’s . Por volta de 1989, eles apropriaram-se também da Praça Roosevelt. Os B. Boys, MC’s e DJs tinham também a Galeria 24 de Maio como ponto de encontro, para se estar em dia com as novidades do mundo do hip hop.

A década em que o rap se manifestou pela primeira vez no Brasil faz parte de um tempo histórico em que a grave situação econômica vinha conduzindo o jovem ao mercado de trabalho, condição que, paradoxalmente, lhes colocava como integrantes de um mundo jovem ou da *condição juvenil*. Se de um lado, os jovens das classes populares eram levados ao mercado de trabalho nas grandes cidades, especialmente para ajudar na renda familiar, de outro, a procura do mercado de trabalho representava uma certa autonomia para o consumo, pelo menos para aqueles que se encontravam fora dos limites da pobreza. Abriu-se assim um mercado que se voltava para esse público, principalmente cultural (Abramo, 1994; Madeira, 1986).

Evidentemente o mercado absorveu a força de trabalho jovem porque sua remuneração era menor; sendo a maior parte do emprego informal e clandestino, colocando-se nos limites da marginalidade. Os jovens apresentavam ainda dificuldades de conciliar trabalho e escola, muitas vezes, tendo que abandonar os estudos (Abramo, 1994).

Os jovens brasileiros se apropriaram dos elementos do rap e do hip hop norte-americano, adaptando-o à realidade das grandes cidades brasileiras. Em relação à introdução do rap no cenário nacional, Gonçalves (2001, p.99) afirma que:

A indústria cultural possibilitou, pela circulação através dos discos, filmes, revistas, desde o final da década de 1960, que camadas urbanas da juventude brasileira, principalmente de São Paulo, Salvador e Rio de Janeiro, se aproximassem dos ritmos musicais soul e funk, americanos e caribenhos. Um processo brando de assimilação de culturas black power pouco a pouco ganharam as ruas e os ginásios de esporte dos bairros periféricos, até, por volta de 1977, chegar às discotecas e clubes freqüentados pela juventude branca da classe média.

E Oliveira (1999, p.85) que

(...) o rap vem se solidificando e fundando terreno em vários estados brasileiros”, como o Rio de Janeiro, Recife e Brasília, mas tendo como seu principal berço a cidade de São Paulo.

O hip hop, como movimento cultural de rua, funda-se pelo princípio de que seus participantes têm a rua como território para viver, se divertir, criar, interagir entre *manos* de rua. Sposito (1994, p. 162) analisa a rápida difusão do rap “nos bairros e ruas da periferia pobre da cidade de São Paulo, no final dos anos 80”, que aglutinava “(...) pequenos grupos a partir dos 14 anos de idade (...)”.

Em pouco tempo o RAP (...) enquanto estilo de música jovem invadiu os meios de comunicação de massa no Brasil e se torna objeto de consumo cultural mais amplo. Embora suas primeiras manifestações tenham ocorrido a partir do início da década de 80, nos últimos dois anos [1992 e 1993] esse gênero não se limita aos circuitos negros ou populares e passa a fazer parte do campo de preferências dos jovens de classes médias da cidade de São Paulo (Sposito, 1994, p. 162).

O movimento hip hop no Brasil estrutura-se também em organizações caracterizadas com o comprometimento da formação do jovem através de atividades comunitárias, seja shows de grupo de rap, mídia escrita ou convivência promovidos na periferia, com intuito de formar uma conscientização política, de cidadania, artística e cultural no jovem de periferia. As *posses* promovem atividades envolvendo conteúdos que não são abordados pela escola formal com a profundidade desejada pelo movimento hip hop - como por exemplo a questão racial. Sposito discorre sobre as *posses*, diferenciando-as da *crew* americanas devido à seu caráter de formação.

Muitas vezes o “pedaço” no bairro pode ganhar a feição de um território, que exprime uma intervenção mais ampla e coletiva, mediante a formação das posses ou “crew”.(...) A posse no Brasil, de acordo com seus integrantes, difere da *crew* norte-americana. Formada para potencializar sobretudo a ação musical dos grupos, ao lado de algumas atividades comunitárias subsidiárias do interesse principal: shows beneficentes para creche ou moradores do bairro (Sposito, 1994, p. 170).

Segundo Vianna (2002, p.79) a primeira posse formou-se em torno de grupo de rap que se reuniam na praça Roosevelt, no centro de São Paulo no início dos anos 90 – chamava-se sindicato Negro.

Em São Paulo, mediante o apoio dos movimentos negros, o RAP tenta uma ação mais articulada pela publicação de revista e desenvolve atividades como oficinas em centros de lazer, debates em escolas e espetáculos em bairros, nas ruas ou praças. Promovem cursos e conferências para integrantes dos grupos, marcando, algumas vezes, presença orgânica em manifestações políticas mais amplas, sobretudo aquelas ligadas à causa negra (Sposito, 1994, p.171).

O processo de reflexão promovido pelos jovens envolvidos com o universo do rap parece buscar uma proposição e superação dos problemas encontrados nas regiões mais pobres, das privações econômicas, culturais e sociais, que envolvem sua reprodução social.

Em São Paulo, mediante o apoio dos movimentos negros, o RAP tenta uma ação mais articulada pela publicação de revista e desenvolve atividades como oficinas em centros de lazer, debates em escolas e espetáculos em bairros, nas ruas ou praças. Promovem cursos e conferências para integrantes dos grupos, marcando, algumas vezes, presença orgânica em manifestações políticas mais amplas, sobretudo aquelas ligadas à causa negra (Sposito, 1994, p. 171).

As palavras de um grupo de rap de grande influência e pioneiro na cidade de São Paulo expressam a essência das mensagens que os rappers tentam transmitir em suas letras.

usando e abusando da nossa liberdade de expressão, um dos poucos direitos que o jovem negro ainda tem nesse país. Você está entrando no mundo da informação, auto-conhecimento, denúncia e diversão. Esse é o raio x do Brasil, seja bem vindo. (RACIONAIS MC'S 1993. Disco Racionais MC's - Faixa de introdução).

O grupo Racionais MC's é emblemático e representa o estilo de rap que é feito na cidade de São Paulo, sendo comumente chamado de "rap consciente" ou "radical" – denominação ao rap que possui discurso em suas letras de conscientização dos problemas sociais.

Em São Paulo, os racionais constituem o primeiro grupo que nasce na periferia e alcança repercussão intensa nos circuitos jovens, sendo considerados produtores de um RAP essencialmente político e agressivo, voltado para a denuncia do racismo (Sposito, 1994. p.168).

O grupo Thaíde & DJ Hum retrata na letra de "Sr tempo bom" as características do movimento hip hop na década de 80 com suas nuances de estilo, lugares freqüentados e a *evolução radical* do movimento através de sua mudança ideológica que passa de uma postura mais inocente aos problemas dos rappers a um caráter contestatório característico do hip hop atual.

Antigamente o samba-rock, blackpower, soul, assim como o hip hop era nosso som, a transa negra que rolava as bolachas, a curtidão do pedaço era o La Croachia (...) calça boca de sino, cabelo black da hora, sapato era mocassim ou salto plataforma (...) grandes festas no Palmeiras com a chic show, Zimbabwe e Black Mad eram Company soul, anos 80 comecei a freqüentar alguns bailes, ouvia comentários de lugares, clube da Cidade,

Guilherme Jorge, Clube Homes, Roller Super Star, Jabaquarina, Sasquachi, como é bom lembrar. (...) O tempo foi passando, eu me adaptando, aprendendo novas gírias, me malandreado, observando a evolução radical de meus irmãos percebi o direito que temos como cidadão, de dar importância à situação, protestando para que achemos uma solução. Por isso Black Power continua vivo, só que de um jeito bem mais ofensivo, seja dançando break, ou um DJ no scratch, mesmo fazendo grafite, ou cantando rap (...) (Thaíde e DJ Hum – Sr. Tempo Bom.)

Dessa forma este trabalho pressupõe que as mensagens presentes nas letras de rap podem estar fornecendo subsídios para a compreensão e superação dos problemas relativos ao uso contemporâneo de drogas pelos jovens, produzindo mensagens *utópicas*.

2 Considerações teóricas: o rap como manifestação cultural

Neste trabalho, toma-se o rap como uma expressão artística historicamente constituída e constituinte a partir das relações sociais de produção sob a égide do modo de produção capitalista contemporâneo. Assim, o rap será compreendido a partir da abordagem teórica marxista que explica a dinâmica histórica da realidade social como portadora de contradições que podem levar a rupturas e transformações. Diante dessa organização e estrutura social, “a arte tem sido, predominantemente, expressão de insatisfação, de questionamento, freqüentemente de revolta (...)” (Konder, 2002, p. 218).

Tomar o rap como objeto da ciência não deve significar

que os caminhos da sensibilidade sejam refratários à abordagem científica e aos critérios da razão: significa apenas que eles jamais podem ser inteiramente abrangidos ou completamente devassados pelo discurso científico ou pelo discurso feito em nome da razão (Konder, 2002, p.213).

Dessa forma o rap, bem como o significado de sua existência e de suas mensagens, deve ser compreendido como manifestação cultural de um determinado momento histórico, produto da atividade humana, da vida social, econômica e cultural. Trata-se de um processo em permanente construção, que vai se modificando através do tempo pela ação do homem.

De acordo com Severino (1994, p. 150), o homem no processo de sua construção histórica estabelece com a natureza sua prima relação, cria com ela, ao contrário dos demais seres vivos, uma relação marcada pela *subjetividade* - elemento este que dá ao homem a capacidade de “(...) antever e projetar sua ação sobre a natureza”. Ao interagir com a natureza para assegurar sua própria sobrevivência, os homens também estabelecem relações interpessoais, de troca e de intercâmbio, formando

assim uma estrutura social caracterizada por diversas relações de poder. Através do trabalho, os homens desenvolvem suas relações com a natureza, transformando-a. Nesse processo, acabam por estabelecer também relações entre os próprios homens, por meio da prática social, permeada pela subjetividade que se manifesta e se organiza por um sistema de signos. Os *processos de simbolização* passam assim a representar os aspectos envolvidos em suas relações com a natureza e com a sociedade. Dessa forma, a produção da atividade subjetiva expressa-se objetivamente através dos elementos simbólicos, os *bens culturais*.

A sua consciência subjetiva, além de servir de recurso diferenciado para otimizar sua intervenção sobre a natureza, respondendo às exigências imediatas da ação, passa a desenvolver um processo especificamente subjetivo que visa “explicar” a própria realidade de sua existência (Severino, 1994, p. 151).

Essa forma de compreender a constituição da cultura humana está alicerçada na capacidade do trabalho de constituir-se como uma atividade fundamental para o desenvolvimento da subjetividade do homem, na medida em que intensifica a atividade simbolizadora do homem.

Ao “(...) representar simbolicamente todos os aspectos da realidade”, criando sistemas de símbolos que expressam uma *segunda realidade*, a cultura vai assumindo importância nas relações sociais. As relações produtivas e sociais são representadas através de símbolos que adquirem significação e legitimação (Severino, 1994, p.175). A linguagem constitui um sistema de símbolos que proporciona e agiliza a comunicação entre os homens, permitindo

(...) ir além da realidade vivida, transpondo as coisas para um outro plano, constituindo um nível intermediário entre o dado imediato, singular, empírico, e a idéia abstrata e universal, enquanto pura representação mental desse dado, pela consciência subjetiva (Severino, 1994, p.177).

Se, de um lado, a cultura da consciência subjetiva é requisito necessário para a constituição da condição humana, de outro lado, pode também ser *lugar privilegiado de alienação*, pelo fato da consciência, ao representar a realidade, poder perder seu caráter objetivo, criando um processo ideologizante de perda da própria identidade e da própria essência (Severino, 1994, p.179). Alienado, o homem passa a não ser capaz de se reapropriar dos bens materiais e culturais construídos socialmente.

2.1 Visão social de mundo: mensagens sobre drogas do rap paulistano

Uma vez que se objetivava conhecer o teor das mensagens sobre drogas presentes no rap paulistano, respeitando-se as considerações teóricas deste estudo que trata da linguagem – artística no caso - como um processo de construção social e histórica que materializa uma dada ideologia, fez-se, num primeiro momento, o movimento para tomar a ideologia como categoria de análise do discurso sobre drogas presente nas letras do rap².

Procurou-se, empírica e aprioristicamente apreender a ideologia nas letras do rap através dos temas: **problemas relacionados às drogas e propostas de superação da realidade**. A análise do discurso

² A professora Marília Pontes Sposito, desde a qualificação, chamou a atenção para vários problemas que poderiam advir do uso da categoria ideologia, o que levou a uma necessidade de aprofundamento de estudo acerca do tema. Por outro lado,

revelou a recorrência de um outro tema - **a vida na periferia** - configurando-se na verdade como categoria empírica central nas letras analisadas.

Para então definir o processo de “construção” da categoria ideologia realizou-se uma busca do conceito³, amparando-se primeiramente em Löwy (2002), que na introdução de um importante ensaio sobre ideologia afirma a heterogeneidade e complexidade do conceito.

É difícil encontrar na ciência social um conceito tão complexo, tão cheio de significados, quanto o conceito de ideologia. Nele se dá uma acumulação fantástica de contradições, de paradoxos, de arbitrariedades, de ambigüidades, de equívocos e de mal-entendidos, o que torna extremamente difícil encontrar o seu caminho nesse labirinto (Löwy, 2002, p.11).

Na mesma direção, para compreender a propriedade de utilizar o conceito de ideologia para analisar o objeto deste estudo, recorreu-se a Leandro Konder que em longa e densa obra de discussão com os autores que ao longo da história tomaram a ideologia como objeto de estudo, a partir do seu significado *forte*⁴, conclui que

experientemente, a professora sugeriu a adoção da categoria periferia, o que de fato veio a se confirmar a partir da análise das letras selecionadas.

³ Lalande no Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia descreve quatro verbetes para ideologia, o primeiro caracterizando a criação da palavra propriamente dita – o que veremos a seguir no corpo do texto -; o segundo descrevendo o sentido pejorativo ligado à análise de idéias abstratas que não correspondem aos fatos reais; o terceiro caracterizando uma doutrina que inspira um partido ou governo; o quarto relacionando-se mais diretamente ao pensamento marxista, ou seja, “Pensamento teórico que crê desenvolver-se abstratamente sobre os seus próprios dados, mas que é na realidade, a expressão de fatos sociais, particularmente de fatos econômicos, de que aquele que a constrói não tem consciência, ou, pelo menos, não percebe que determinam o seu pensamento” (Lalande, 1999, p. 510).

⁴ De acordo com Konder (2002), o uso dos termos *forte e fraco* foi proposto por Stoppino para classificar os diversos significados atribuídos à ideologia. O significado *fraco* ficaria compreendido pelos *sistemas de crenças políticas* desenvolvidos com a *finalidade de orientar a ordem pública*. O significado *forte* ficaria referido, desde Marx, a

(...) para poder estimular avanços mais profundos na análise crítica dos fenômenos ideológicos, a práxis dos revolucionários, nas atuais circunstâncias, necessita de investimentos maiores e mais ousados na teoria (Konder, 2002, p. 265).

Assim, faz-se necessário esclarecer alguns aspectos norteadores da utilização desse conceito neste trabalho, definidos conforme percorreu-se o estudo dos conceitos de ideologia. Em primeiro lugar não se tem a pretensão de realizar aqui um desenvolvimento teórico nesse campo. Em segundo lugar se está consciente da existência de uma certa fragilidade em tomar como referência analítica um conceito em constante transformação. Considerando no entanto que a produção de conhecimento a partir da observação da realidade empírica é uma tarefa de caráter processual, aceitou-se o desafio de analisar os discursos sobre drogas presentes no rap paulistano, a partir do conceito de ideologia, conforme formulado por Löwy (2002) e debatido por Konder (2002), ambos estudiosos do desenvolvimento do conceito dentro do conjunto teórico marxista. Para tratar especificamente dos encaminhamentos operacionais da análise de discurso propriamente dita utilizar-se-á Pêcheux e Fiorin (1990).

A origem da palavra ideologia é atribuída a Destutt de Tracy, um filósofo francês que publicou um livro chamado *Eléments d'idéologie* em 1801, que se refere "ao estudo do relacionamento dos organismos vivos com o meio ambiente, onde trata da questão dos sentidos, da percepção sensorial, através da qual se chegaria às idéias" (Löwy, 2002, p. 11).

O autor de *Elementos de ideologia* não estava sozinho; ele integrava um grupo de intelectuais – os ideólogos – que se dispunham a prestar aos detentores do poder uma assessoria esclarecedora, orientando-os no sentido de promover o aprimoramento das instituições (Konder, 2002, p. 22).

uma distorção do conhecimento, cuja apreciação crítica seria tarefa reservada àqueles

Um grupo que parecia querer ensinar Bonaparte a dirigir o Estado. A reação de Napoleão tornou o termo negativo durante muitas décadas (Löwy 2002, Konder 2002).

Já com Marx, o termo passou a significar distorção ideológica.

Para Marx, claramente, ideologia é um conceito pejorativo, um conceito crítico que implica ilusão, ou se refere à consciência deformada da realidade que se dá através da ideologia dominante: as idéias das classes dominantes são as ideologias dominantes na sociedade (Löwy, 2002, p. 12).

Neste trabalho utilizar-se-á o termo visão social de mundo proposto por Löwy (2002, p.13) para resolver uma certa confusão terminológica e conceitual que a palavra ideologia vem sofrendo dentro e fora do marxismo, ao longo da história.

Visões sociais de mundo seriam, portanto, todos aqueles conjuntos estruturados de valores, representações, idéias e orientações cognitivas. Conjuntos esses unificados por uma perspectiva determinada, por um ponto de vista social, de classes determinadas.

As visões sociais de mundo poderiam ser de dois tipos: visões ideológicas, quando servissem para legitimar, justificar, defender ou manter a ordem social do mundo; visões sociais utópicas, quando tivessem uma função crítica, negativa, subversiva, quando apontassem para uma realidade ainda não existente (Löwy, 2002, p.14).

Uma análise dialética de uma determinada visão social de mundo tem que admitir em primeiro lugar sua constante possibilidade de transformação. Em segundo lugar deve se pautar pela relação que tem

que estão comprometidos com a atualização do conceito marxista.

com o conjunto da vida social. Finalmente tem que considerar as contradições que a realidade porta (Löwy, 2002).

Uma análise dialética das ideologias ou das visões de mundo mostra necessariamente que elas são contraditórias, que existe um enfrentamento permanente entre as ideologias e as utopias na sociedade, correspondendo, em última análise, aos enfrentamentos das várias classes sociais ou grupos sociais que a compõem. Em nenhuma sociedade existe um consenso total, não existe simplesmente *uma* ideologia dominante, existem enfrentamentos ideológicos, contradições entre ideologias, utopias ou visões sociais de mundo conflituais, contraditórias. Conflitos profundos, radicais, que são geralmente irreconciliáveis, que não se resolvem em um terreno comum, em um mínimo múltiplo comum (Löwy, 2002, p. 17).

Assim, é possível que em determinado momento histórico, uma mesma visão de mundo esteja mesclada de elementos aparentemente irreconciliáveis, por serem contraditórios, que representem interesses de uma determinada classe ou grupo social e de outro ao mesmo tempo. No entanto a distinção entre o caráter utópico (crítico) ou ideológico (dominante) de uma visão social de mundo é uma referência que permite ter um ponto de partida para analisar as diferentes concepções presentes numa dada formação social (Löwy, 2002).

2.2 A relação entre arte e visão social de mundo

Neste estudo tomou-se o rap como uma manifestação cultural e artística particular de um grupo de jovens da periferia que faz parte de uma determinada fração da *classe-que-vive-do-trabalho*⁵ (Antunes, 2000).

⁵ Ricardo Antunes atualiza o conceito marxiano de proletariado, ampliando o conceito de classe trabalhadora ou *classe-que-vive-do-trabalho* para incluir “todos aqueles e aquelas *que vendem sua*

A arte depende da eficiência construtiva dos artistas na utilização dos elementos materiais das linguagens artísticas (a cor, o som, a imagem, a palavra) de que se servem na elaboração de suas obras; e essa eficiência construtiva depende do acervo – espiritual – na expressão formal (Konder, 2002, p. 214).

.....
A arte mais do que figurar, transfigura a realidade. Na criação artística, o sujeito engendra algo que não existia antes dele (Konder, 2002, p. 215).

.....
É na medida em que são *inventadas* que as obras de arte revelam (desvelam) uma dimensão das nossas vivências que nós ainda não conhecíamos suficientemente (Konder, 2002, p. 216).

Compreende-se aqui que os rappers tenderiam a expressar artisticamente um conjunto de idéias que fazem parte da visão social de mundo da classe a que pertencem - a classe trabalhadora, *engendrando* a partir do lugar que expressam dimensões inovadoras e subjetivas da condição humana, da aspiração que os homens têm de se completarem, de exercer sua criatividade. Na formação social capitalista essa inquietude da criação é lida como subversiva da ordem dominante sendo solapada por outro conjunto de idéias: a ideologia dominante.

A ideologia dominante – que é a das classes dominantes – difunde amplamente a convicção de que inquietação é sinal de imaturidade, inconformismo é sintoma de neurose, e difunde discretamente a convicção de que adaptar-se à situação atual é prova de sensatez. (Konder, 2002, p. 217).

força de trabalho em troca de salário, incorporando, além do proletariado industrial, dos assalariados do setor de serviços, também o proletariado rural, que vende sua força de trabalho para o capital. Essa noção incorpora o proletariado dos Mc Donalds (...), os trabalhadores terceirizados e precarizados (...), os trabalhadores assalariados da chamada “economia informal”, que muitas vezes são indiretamente subordinados ao capital, além dos trabalhadores desempregados, expulsos do processo produtivo e do mercado de trabalho pela reestruturação do capital e que hipertrofiaram o exército industrial de reserva, na fase de expansão do *desemprego estrutural* (Antunes, 2000, p.103-04).

Encontrou-se em Konder (2002), um eco do pressuposto aqui tomado, uma vez que o autor concebe, como neste estudo se concebe, que a arte, como a ciência, também está exposta a possibilidades de distorção ideológica, havendo nesses campos chances de vitórias limitadas contra as distorções ideológicas, uma superação parcial da ideologia. Dessa forma, é possível que a *visão social de mundo* dos rappers seja entrecortada por elementos utópicos (críticos) e ideológicos (reiteradores) da ordem dominante, na presente formação social. A distorção ideológica da arte pode-se apresentar em diferentes dimensões:

Em decorrência da extrema complexidade da arte como fenômeno, é natural que as distorções ideológicas afetem a criação artística de diversas maneiras.

Esquemáticamente, poderíamos dizer que há distorção ideológica na arte, no plano político, quando são impostas aos artistas simplificações propagandísticas (pró ou contra), ou quando, através da censura (ou da discriminação publicitária), lhe são impostas contradições da realidade que o artista poderia perceber e representar. Esse é, provavelmente, o tipo de distorção ideológica mais fácil de ser percebido.

No plano daquilo que poderíamos chamar de teoria sociológica, a distorção mais comum é aquela que ocorre quando teóricos (...) impõem restrições ao pleno reconhecimento do poder da arte de engendrar o novo e reduzem a criação artística a uma explicitação de algo que já existe nas condições em que a obra foi criada.

No plano das atividades práticas econômicas, a distorção se concretiza quando a dinâmica rudemente utilitária do mercado se expande, na sociedade burguesa, e se infiltra coercitivamente na produção de obras de arte, induzindo os artistas a renunciar à busca mais ousada das formas adequadas as suas criações, para se dedicarem ao atendimento de demandas externas imediatas (Konder, 2002, p. 221).

Precisa-se cuidar, no entanto, - e este parece ser um ponto fundamental para não incorrer numa vulgarização do conceito de

ideologia - para não julgar precipitadamente uma distorção ideológica especialmente quando o texto, embora artístico, vale-se de linguagem semelhante àquela do cotidiano, como é o caso do rap. Nesse caso, é quase automático que o texto se aproprie dos fundamentos ideológicos políticos e sociais do momento histórico em que ele se apresenta (Konder, 2002).

Ademais, é preciso salientar novamente, os mecanismos de reprodução ideológica não são lineares e dotados de poder absoluto, caso contrário não haveria possibilidade de se perceber as intenções ou as incongruências dos discursos dominantes, mecanismo que ao mesmo tempo tornaria os processos de transformação de uma dada formação social impossibilitados.

A ideologia não se reproduz (...) de maneira regular e homogênea, como uma espécie de espaço pré-existente à luta de classes (...) é impossível atribuir a *cada classe sua própria ideologia*, como se cada uma existisse em seu próprio campo "antes da luta de classes", com suas próprias condições de existência e suas instituições específicas, de tal sorte que a luta ideológica de classe fosse o ponto de encontro de dois mundos distintos e pré-existentes, cada um com suas próprias práticas e sua "visão de mundo" (...) (Pêcheux, 1990, p. 144).

O pressuposto deste trabalho baseia-se na possibilidade de que o rap, criação cultural do jovem de periferia, constitui um sistema simbólico que produz uma forma particular de comunicação entre os jovens, que veicula idéias, representações, conceitos e valores.

São impressionantes o número e a importância dos artistas que se movem, nestes últimos dois séculos, numa linha de oposição crítica, aos poderes constituídos e à ordem burguesa.

Entre poetas, é fácil lembrarmos a rebeldia de Rimbaud, o satanismo de Baudelaire, o poder desestabilizador de Fernando Pessoa, o revolucionarismo de Maiakovski, a visão crítica de Nova York por García Lorca, a vontade que Drummond teve de dinamitar Manhattan, as denúncias de Neruda, a inquietação radical de Brecht e de Pasolini etc. Entre os romancistas logo nos ocorrem os nomes de García Márquez, Cortazar, Proust, Dostoievski, Tolstoi, Graciliano Ramos, Jorge Amado, William Styron, Mark Twain, Thomas Mann, Kafka ou Ítalo Calvino. Entre os cineastas, Chaplin, Eisentein, René Clair, Buñuel, Visconti, Ettore Scola, Glauber Rocha, Orson Welles, Martin Scorsese, Coppola, os irmãos Cohen, o Jonh Ford de *Vinhas da ira* e tantos, tantísimos outros. Entre os pintores, temos uma galeria que vai de Gauguin a Picasso, abrangendo uma legião de contestadores. (Konder, 2002, p. 218)

Nesse sentido, o rap, no contexto específico da periferia, poderia estar contribuindo para o processo de *emancipação humana*, no sentido marxista, que vai se conformando pela capacidade de adquirir cidadania plena, ou seja, participar socialmente, desenvolvendo as potencialidades de realização humana abertas por essa forma de expressão e apropriando-se dos bens materiais e culturais construídos socialmente (Coutinho, 2000).

As mensagens do rap aos jovens de periferia tratam de múltiplos aspectos da realidade dos bairros pobres de grandes cidades. O tráfico e o consumo de drogas tem sido apontado como um grave problema contemporâneo, que particularmente afeta os bairros de maior exclusão social, na medida em que estes são mais afetados pelos efeitos da globalização econômica e pelos princípios do neoliberalismo (Bianchetti, 1997; Anderson, 1995; Laurell, 1995, Zaluar, 1994). Por isso mesmo, o tema é recorrente nas letras do rap.

2.3 A gíria como expressão do rap

O rap utiliza-se também de uma forma particular de expressão para alcançar o jovem: a gíria⁶, materialização de uma *nova norma* da lingüística. A linguagem é um instrumento utilizado para transmitir informações necessárias à vida comum em sociedade. Pretti (1984, p.1) analisa que os hábitos lingüísticos estão “ligados de maneira indissolúvel ao modo de viver e encarar a vida”. A sociedade portanto rege o *uso* da linguagem e cria o que o autor denomina de *norma lingüística*. Ao obedecer *sistemática e inconscientemente* essa norma, os indivíduos tendem a articular o pensamento de uma forma comum na comunidade em que vivem. Mesmo que consideremos as expressões individuais, “o ato falado tende a evitar a diversidade”. Dessa forma, há uma generalização do modo de falar e de “expressar cada coisa de uma só maneira”.

Pretti (1984, p. 2) aponta que os meios de comunicação de massa são instrumentos poderosos que “ensinam a dizer as coisas de uma forma igual”. Ao alcançarem as diferentes regiões da cidade, os meios de comunicação fazem com que as pessoas adquiram a *norma comum*, perdendo-se assim as normas particulares ou regionais, sendo que a criação de normas particulares de certos grupos ou certas regiões pode ser explicada pela tendência do homem de repudiar o condicionamento das normas.

(...) sempre que possível, determinados grupos se isolam, adotam uma linguagem especial, (...) opondo-se ao *uso* comum (Pretti, 1984, p.2)

A criação de uma linguagem especial pode atender ao desejo de originalidade, mas também pode ter outras finalidades como servir de

⁶ Encontra-se em anexo um dicionário de gírias que contemplará algumas gírias utilizadas pelos rappers.

código a ser entendido apenas por indivíduos de um grupo ou como elemento de *auto-afirmação*.

Portanto, a gíria é um fenômeno que é construído por um determinado grupo, que a utiliza como um *signo de grupo*. Pretti (1984) afirma que quanto maior o sentimento de união entre as pessoas de um grupo mais a linguagem servirá como elemento identificador e de auto-afirmação. O autor refere ainda que

a agressividade expressa por certos vocabulários gírios, (...) por uma limitação de contextos ou por desgaste natural da linguagem, pode perder-se ou transformar-se em elemento afetivo de carinho e intimidade entre os falantes (Pretti, 1984, p.4)

Esse aspecto da gíria segundo Pretti (1984) pode ser um *mecanismo compensatório* dos grupos. Ao falarem dessa forma, agridem a linguagem o convencional, opondo-se ao uso aceito pela maioria, explicitando um possível conflito do grupo com a sociedade.

Dessa forma Pretti (1984) define a gíria através de seu aspecto dual: pode ser tanto um signo de defesa - da identidade do grupo - quanto de agressão às normas sociais.

As letras de rap são carregadas de gírias quase em sua totalidade. Essa forma lingüística é carregada de signos de agressividade que, como visto, pode assumir aspectos de identificação e união entre os pares ou de agressão.

2.4 As drogas na contemporaneidade

Este trabalho parte da concepção teórica de que a problemática das drogas na contemporaneidade deve necessariamente passar por uma análise macroestrutural, ou seja, pela concepção de que este processo é

determinado socialmente, a partir da dinâmica e estrutura da formação social, dependente do modo de produção dominante - capitalismo⁷. De acordo com Barata (1994) as drogas diferenciam-se no capitalismo por assumir as características de uma mercadoria.

Nesse sentido Rodrigues (2003) ao analisar a história recente das drogas nos Estados Unidos demonstra que o consumo e o tráfico respondem a disputas econômicas e pressões de grupos sociais, solidificadas em políticas públicas em momentos históricos determinados. Destaca que o tráfico de drogas inicialmente foi uma das conseqüências de leis proibicionistas americanas que tiveram suas raízes na disputa política entre agricultores protestantes de classe média e católicos imigrantes europeus, que trouxeram a industrialização e o costume de consumir álcool.

O ciclo que começara em princípios do século XX chegava, em meados da década de 1970 a um ponto de inflexão: a proibição internacional de psicoativos não havia coibido a produção, comercialização e uso dessas substâncias; pelo contrário, possibilitara o crescimento de um gigantesco mercado ilegal que motivava, por sua vez, o fortalecimento das agências e das leis destinadas a perseguir essa economia ilícita (Rodrigues, 2003, p.44).

Coggiola (2001) afirma que o tráfico de drogas é por excelência “um negócio capitalista” devido ao fato de possuir uma organização e ideários empresariais, sendo estimulado pelo lucro, e regulado pelas leis do mercado e do consumo. Exemplifica essa concepção relatando a transformação das economias monoprodutoras (agrárias), como o caso dos países andinos Bolívia, Peru e Colômbia, em economias narcoprodutoras, devido à queda dos preços das matérias-primas

⁷ Althusser explica que na visão Marxista o termo formação social refere-se à uma concepção concreta de “sociedade” , que se distingue pelo modo de produção dominante (Althusser, 1999, p. 42).

produzidas por esses países (café, algodão, trigo e açúcar) e da crise econômica mundial. O autor atribui também aos bancos - através da lavagem de dinheiro (apoiados pelo princípio do sigilo bancário) - e ao sistema financeiro mundial um caráter estimulador do tráfico.

O dinheiro oriundo da droga corresponde à lógica do sistema financeiro, que é eminentemente especulativo. Este necessita, cada vez mais, de capital "livre" para girar, e o tráfico de drogas promove o "aparecimento mágico" desse capital que se acumula muito rápido e se move velozmente (Coggiola, 2001 p.1).

Na mesma direção Barata (1994, p.36) traz à tona um outro aspecto através do qual o consumo de drogas é afetado pela economia de mercado. Trata-se do momento em que o homem é convertido em um "instrumento de ampliação do benefício e da acumulação do capital, em prol da reprodução do sistema econômico global".

Ainda sobre o "mercado consumidor" Coggiola (2001, p.1) destaca que "os setores mais afetados são precisamente os mais golpeados pela falta de perspectivas: a juventude condenada ao desemprego crônico e à falta de esperanças, e no outro exemplo, os filhos das classes abastadas que sentem a decomposição social e moral".

Embora o consumo de drogas afete todas as classes sociais, Kaplan (1997) ao analisar o narcotráfico nos países latino-americanos refere que os mais prejudicados são os que vivem em condições precárias e por isso se envolvem também com o tráfico, como é o caso de muitos jovens na periferia, que tornam-se *vítimas* da droga e do crime, pois

cometen crímenes (el narcotráfico mismo, robos, asaltos, estafas, prostitución, otros corretajes ilícitos, asesinatos), a fin de ganar lo requerido para la compra de drogas al precio exigido. Bajo la influencia de drogas ilícitas se cometen crímenes, por la reducción de inhibiciones y controles, la pérdida del sentido de responsabilidad o de realidad, las descargas de

agresividad. El tráfico de drogas atrae individuos con predisposición a la violencia y al crimen que en sus actividades despliegan conductas agresivas, intimidatorias, destructivas y corruptorias (Kaplan, 1997, p.12).

A juventude negra e pobre de periferia paulistana enquadra-se perfeitamente na descrição feita pelo autor. A falta de perspectiva e o desemprego tornam-se problemas emblemáticos para os rappers que amiúde os retratam nas suas letras e declarações.

Para completar Soares (2003, p.10) aborda o consumo de drogas no contexto do neoliberalismo. Como protagonista de um "mal-estar contemporâneo", esse modelo remete à idéia de que a perda da expectativa de futuro gera *respostas adaptativas diversas*, podendo "ir da simples aceitação pragmática, para propósitos de sobrevivência ao engajamento, passando por reações de adaptação que envolvem também a alteração da psicoatividade, seja para obter prazer seja para tolerar". A utilização de drogas na sociedade contemporânea como retrata Soares (1997, p.17) pode significar também "um movimento dinâmico de aquisição de novos hábitos que vão se difundindo na sociedade e ganhando um caráter cultural mais geral".

Soares continua problematizando essa compreensão:

Qual a importância do sistema econômico capitalista no consumo de drogas? (...). Nessa ótica, a classe social à qual a família do indivíduo pertence afetará os padrões de socialização, bem como, as condições socioeconômicas desfavoráveis como pobreza, moradia e saneamento inadequados. Desemprego ou desqualificação profissional comporiam uma influência negativa fundamental ou, em última instância, determinariam a relação dos indivíduos com as drogas (Soares, 1997, p.25).

Assim, o consumo de drogas na sociedade contemporânea é compreendido como resultante da inserção de classe e, portanto, reflexo

das interações do indivíduo com o seu contexto social mais próximo (Soares, 1997).

De acordo com o exposto, parte-se então da concepção de que o sistema econômico influencia diretamente o consumo de drogas. Portanto, ao tomar o consumo e o tráfico de drogas como objeto deve-se submetê-lo a análise macroestrutural, do capitalismo com seus mecanismos sociais e suas conseqüências para as classes sócias.

Tal concepção toma como objeto a complexa teia formada pelas diferentes localizações dos jovens e de suas famílias em distintas classes sociais, determinando conseqüentemente, diferentes acessos às drogas e diferentes possibilidades de lidar com os prejuízos que possam advir do consumo (Soares, 1997).

2.5 Periferia

A periferia atual das grandes metrópoles tem suas origens nas décadas de 30 e 40 como conseqüência de um processo de industrialização e urbanização que não acompanha uma política de reforma agrária, e se acentua "quando os interesses urbanos industriais conquistam a hegemonia na orientação da política econômica sem, entretanto, romper com relações arcaicas de mando baseado na propriedade fundiária" (Maricato, 2002, p.1).

A cidade de São Paulo tornou-se um atrativo para muitas pessoas que vinham para a cidade com a esperança de levar uma vida melhor. Maricato (2002) refere que nas décadas de 60 e 70 essa afirmativa era verdadeira e que "as grandes metrópoles, especialmente São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, eram vistas como a alternativa de melhora das péssimas condições da vida rural". Ocorre nesses anos um aumento do movimento migratório para as grandes metrópoles. Observava-se que

A vida na periferia urbana dos anos 60 ou 70 não era tão boa quanto na cidade oficial mas era possível reunir os amigos e vizinhos para um churrasco e uma cerveja (na vida da roça a carne era um alimento raro). As casas, produto do esforço autônomo dos moradores e de seus amigos nos fins de semana, nos loteamentos ilegais da periferia (Maricato, 2002, p.2).

As mudanças no capitalismo que vieram com a globalização da economia trouxeram condições muito diferentes destas. A cidade concentra de maneira concreta as noções abstratas do processo de globalização, configurando-se como “resultado das relações entre um lugar dado e fatores longínquos, vetores provindos de outros lugares, relações globais das quais cada lugar é o suporte” (Santos, 1996, p. 98).

O avanço do capitalismo pelo processo de globalização tem sido efetivado pelo projeto econômico, político e ideológico do neoliberalismo que vê agravadas as conseqüências de um modo de produção baseado na exploração.

A proletarianização que faz do salário o elemento central de sobrevivência, a concentração da população em centros urbanos, que rompe o vínculo imediato com a natureza como meio de subsistência; o desaparecimento das formas tradicionais de proteção social, que faz aparecer a insegurança social e a pobreza (Laurell, 1995, p. 158).

Em São Paulo há uma rápida adaptação aos novos padrões de produção – *novas localizações industriais, expansão da agroindústria e a substituição de culturas* -, desempenhando um novo papel como *metrópole das metrópoles* no Brasil, assumindo também um papel internacional (Santos, 1996).

A organização interna (...) também muda. A interferência do Estado por intermédio do Banco Nacional de Habitação (BNH) ajudou a criar um modelo

urbano disperso e extenso, que tende a se reproduzir; o papel da especulação ganha terreno (...); a forma como os diversos elementos da vida urbana se dispõem no território urbano tende também a mudar para que certas atividades "centrais" se tornem periféricas, como, por exemplo, os supermercados e mesmo parte da atividade hoteleira e de restauração (Santos, 1996, p. 134).

.....

Aproximadamente 50% da população das metrópoles de Rio de Janeiro e São Paulo moram nas favelas ou nos loteamentos ilegais da periferia. Mas os problemas urbanos estão longe de se restringir às áreas metropolitanas. Há um desaceleramento no crescimento das metrópoles mas ele se verifica especialmente no município central (...) Mas essa não é a realidade dos municípios periféricos das regiões metropolitanas. As periferias crescem mais do que os núcleos e em algumas metrópoles esse crescimento é explosivo como acontece em (...) São Paulo (16,3%), de acordo com pesquisa do IPEA para o período 1991/1996. Ou seja, as tendências futuras não são alvissareiras.

.....

O crescimento urbano resultante desse intenso crescimento demográfico se fez, em grande parte, fora da lei (sem levar em conta a legislação urbanística de uso e ocupação do solo e código de obras), sem financiamento público (ou ignorado pelas políticas públicas) e sem recursos técnicos (conhecimento técnico de engenharia e arquitetura). Sem alternativas, a população se instalou como pôde, com seus poucos recursos e conhecimento.

.....

Na malha urbana do Capão Redondo, distrito de São Paulo onde habitam aproximadamente 800.000 pessoas percebe-se a falta de coordenação entre os agentes que participaram de sua construção, incluindo o Estado com a promoção de conjuntos habitacionais. Loteamentos ilegais, conjuntos habitacionais de promoção pública, "condomínios fechados" de promoção privada e favelas (que ocupam as franjas sobranes dessas iniciativas) formam uma colcha de retalhos sem qualquer unidade ou articulação. A ausência de qualquer racionalidade na circulação viária, interrompida a cada 500 metros, revela que se trata de um depósito de pessoas. A ausência da gestão pública, a inexistência de qualquer contrato social remete o lugar

para a "terra de ninguém" onde "a lei é do mais forte". É compreensível que o distrito apresente alguns dos maiores índices de violência de São Paulo (Maricato, 2000, p.2-4).

A periferia paulistana vai se constituindo num primeiro momento pela ocupação desordenada dos espaços acessíveis da metrópole pelos imigrantes que buscavam uma alternativa de vida na região e procuravam trabalho nas indústrias, e num segundo momento, após a crise estrutural dos anos 70 e 80, com a globalização econômica apoiada pelo projeto neoliberal, por um processo de *proletarização* daqueles que se encontram do lado mais frágil da relação capital-trabalho-Estado.

Recorreu-se a Zaluar (1996) para evidenciar o modo como a periferia é atingida pelo tráfico de drogas em nosso país. Na sua concepção trata-se de um problema que surgiu no final dos anos 70, época que era quase exclusivo o tráfico de maconha e que a "a cocaína começa[va] a ser negociada em larga escala no país, seguindo as novas rotas escolhidas pelos cartéis colombianos e pela máfia ítalo-americana". A autora faz então uma ponte importante entre a criminalidade nas grandes cidades e o tráfico, apontando que o maior impulso ao ingresso no tráfico de drogas pelo jovem mais pobre é a vontade de *enriquecimento*. Analisa que a criminalização do consumo de drogas

faz do jovem usuário virtual prisioneiro do traficante, seja pelas dívidas contraídas na compra de droga, que se podem acumular na proporção da intensidade do vício, para o qual não recebe nenhum tratamento médico, seja pela constatação de que só pode se livrar do policial, da justiça, da dívida ao traficante, dos inimigos reais e imaginários, aprofundando seus laços com a quadrilha e afundando-se cada vez mais na carreira criminosa (Zaluar, 1994, p.113).

Nesse processo, a polícia tem *enorme poder*, podendo decidir quem irá ou não ser processado por mero uso ou por tráfico, “porque são eles os únicos que apresentam as provas e montam o processo” (p.114). Baseado em estudo realizado em dois órgãos policiais, a autora conclui que não há critérios claros para distinguir o traficante do usuário, favorecendo dessa forma a arbitrariedade policial e o aumento da corrupção nessa corporação. Relata ainda que

muitas vezes a sentença é dada com base na moralização da força de trabalho, ou seja, se o jovem tiver emprego regular, é mais provável que seja absolvido ou condenado por uso do que se for desempregado, favelado e pobre. Nesse caso, provavelmente será visto como um traficante hediondo (Zaluar, 1996, p.114).

Pereira (2000, p.169) ao analisar o desenvolvimento político do Brasil na década de 90 destaca que as políticas públicas, norteadas pelo ideário neoliberal, acentuaram um processo de empobrecimento e agravamento dos problemas sociais. A política adotada privilegiava ações voltadas ao controle monetário em detrimento “das políticas propriamente econômicas, principalmente, das sociais”.

A obsessiva preocupação governamental com a contenção do déficit público e com o equilíbrio orçamentário, no bojo de sua conturbada política de ajuste fiscal, deteriorou qualitativa e quantitativamente o sistema de proteção social a duras penas construído no Brasil, desde os anos 30 (Pereira, 2000, p.173).

Pereira ao olhar para o governo instituído no Brasil na década de 90 analisa que

Trata-se, evidentemente, de um governo anti-social, que, ao aderir à ala mais fundamentalista do neoliberalismo, não se preocupou sequer em

garantir o mínimo de proteção social, admitido até mesmo por Hayek (o pai do neoliberalismo ortodoxo), em casos de pobreza crítica (Pereira, 2000, p. 178).

A referida omissão do Estado no campo social teve grande impacto nos bairros pobres. Os altos índices de desemprego no país na atualidade têm reflexos ainda maiores nos bolsões de pobreza das metrópoles. Seus moradores possuem, devido à constituição histórica das periferias, qualificação inferior às pessoas de classe média. Esse fato contribui para um agravamento do quadro de desemprego (devido à lógica de contratação do setor privado), obrigando seus moradores a procurar formas “alternativas” de ganhar a vida, recorrendo muitas vezes a ocupações informais e por vezes ilegais. A ausência de políticas públicas de educação e saúde, saneamento etc., aliado aos altos índices de desemprego, tornam a periferia um espaço privilegiado de pobreza e da exclusão social. A violência e o tráfico tornam-se portanto problemas que a afligem de maneira especial.

2.6 O olhar da “sociedade” sobre as drogas

Segundo Soares (1997) a ideologia dominante no campo da prevenção do uso de drogas, de uma maneira geral, corresponde a práticas que responsabilizam o indivíduo, priorizando mudanças nos modos de vida e dos comportamentos em detrimento de mudanças da estrutura e dos processos sociais, que determinam o consumo de drogas. Este saber ideológico é chamado de “guerra às drogas”.

Os textos em geral, tratados como representativos da abordagem da “guerra às drogas” ou “combate às drogas”,

(...) remetem-nos a uma visão preconceituosa, repressora e, por vezes, moralista, que encontra aceitação no domínio político de tendência conservadora. O autoritarismo e a monossemia são marcas que direcionam as suas operações verbais, dirigidas às pessoas com objetivos claramente persuasivos, visando a exercer influência decisiva sobre as suas representações (Oliveira, 1992, p. 119).

Para Soares, 1997, p.82, a guerra às drogas

(...) é uma expressão que traduz as maneiras como a sociedade contemporânea tem reagido ao fenômeno das drogas. Nas últimas décadas os esforços dessa guerra têm se traduzido em batalhas que se espalham em diferentes ramos de atividade contra pessoas que vendem, compram, ou consomem as substâncias psicotrópicas ilícitas.

Em contraposição à ideologia da guerra às drogas, a abordagem da “redução de danos” vem sendo internacionalmente proposta, especialmente após o advento da Aids. “Essa proposta pondera que, se a utilização de substâncias psicoativas é uma realidade, a melhor maneira de enfrentar as adversidades que elas possam provocar é minimizando suas conseqüências prejudiciais” (Soares, 1997, p. 83). Essa concepção admite que os danos provenientes do uso prejudicial de drogas podem ser prevenidos através de meios e instrumentos de conscientização do usuário, seja em relação a possíveis efeitos indesejados das drogas ou a danos que podem estar relacionados a formas particulares de uso – como é o caso da transmissão do vírus da AIDS entre usuários de drogas injetáveis (Soares, Jacobi, 2000).

Esse conjunto de concepções teóricas a respeito da arte, da ideologia, das drogas na contemporaneidade e seus efeitos como mercadoria no mundo da periferia retroalimenta o pressuposto deste trabalho, de que, as mensagens sobre drogas do rap devem denunciar a

droga como parte da vida dos jovens pobres e negros da periferia de São Paulo.

3 Problema de estudo

O rap expressa uma "música urbana" proveniente da *cultura de rua*. Suas letras abordam temas relacionados aos problemas vividos pelos rappers. nas periferias, como a violência, o desemprego e a drogadição. A análise das letras poderá fornecer subsídios para entender como os jovens envolvidos e influenciados pelo rap estão compreendendo o problema da drogadição. É possível que as letras tragam proposições para os problemas levantados, especialmente em relação ao uso de drogas, e às formas como atingem os jovens de periferia.

Assim, as mensagens das letras de rap trazem algumas questões que norteiam o conjunto problematizador deste trabalho:

- As letras fornecem subsídios para uma compreensão histórica do uso contemporâneo de drogas no contexto da periferia paulistana?
- As mensagens trazem propostas para os problemas abordados?
- A linguagem possibilita uma reflexão crítica acerca do uso de drogas?

4 Finalidade e objetivos

Este trabalho tem como finalidade fornecer subsídios para uma discussão de cunho cultural, particularmente entre os *rappers* e jovens influenciados pela suas mensagens e aqueles que trabalham com jovens.

4.1 Objetivo geral

Compreender as mensagens sobre drogas das letras de rap de grupos com representatividade e influência entre os jovens de periferia.

4.2 Objetivos específicos

- Levantar as mensagens sobre a temática das drogas presentes nas letras de rap;
- Apreender e analisar o discurso atinente a essas mensagens.

5 Procedimentos metodológicos

5.1 População de estudo: escolha dos grupos e apreensão das letras

Para selecionar os grupos de rap que fazem parte da amostra deste estudo, em primeiro lugar, procedeu-se à identificação dos grupos através dos critérios de influência e penetração no meio juvenil, principalmente entre os jovens das periferias da cidade de São Paulo, onde o movimento hip hop aglutina muitos grupos. A tarefa de seleção do objeto da pesquisa passa por algumas etapas que se discrimina a seguir:

5.1.1 Critérios de escolha dos grupos

O grupo deve ter influência e penetração entre os jovens, e representatividade no cenário da música rap paulistana, sendo proveniente da cidade de São Paulo. Para tanto os grupos foram selecionados através de duas revistas especializadas em rap: a "**RAP Brasil**" e a "**RAP Rima**", que circulam entre os rappers. A primeira, além de se intitular a primeira revista especializada em rap do Brasil, ganhou em 2002 o prêmio de melhor veículo de comunicação de rap no Brasil pelo HUTUS - Festival Anual de rap realizado no Rio de Janeiro. O critério de escolha levou em consideração o número de vezes que o grupo foi citado em entrevistas, matérias ou propagandas, que ocuparam no mínimo uma página. Para essa seleção foram consultados os números 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8 e 15 (de um total de 15 números editados) da revista RAP Brasil e os números 1, 2 e 3 (de um total de 5 números editados) da

revista RAP rima. O Quadro 1 mostra os 10 grupos mais citados e que foram selecionados para este estudo.

Quadro 1 - Citações - entrevista, matéria ou propaganda - dos grupos de rap em duas revistas especializadas, São Paulo, 2003

Grupo	Citações
1. Racionais MCs	7
2. XIS	6
3. RZO	4
4. Thaide e Dj Hum	4
5. 509E	4
6. Doctors MCs	4
7. Facção Central	4
8. SNJ	3
9. Sabotage	3

5.1.2 Fonte de dados: escolha das Letras

A partir da seleção dos grupos, procedeu-se a um primeiro levantamento das letras, utilizando como critério a presença direta ou indireta de mensagens sobre drogas. As letras dos grupos selecionados foram levantadas a partir da discografia encontrada no comércio de CDs e revistas, e sites da internet.

Os grupos autores das letras pré-selecionadas, ou seja, com mensagens alusivas às drogas, foram estudados, apreendendo-se características como: tempo de existência; importância quantitativa da produção artística; reconhecimento no cenário do rap e popularidade no meio juvenil. Para essa tarefa utilizou-se como principal fonte de dados sites da internet, revistas, jornais e os próprios encartes dos discos. Foram utilizados diferentes revistas e jornais como Rap Rima e Rap Brasil, revista Trip e revista Raça e o jornal a Folha de São Paulo. Os

encartes dos discos são dos próprios grupos analisados. Os sites particularmente se encontram listados no rodapé⁸.

Dessa forma e procurando contemplar todos os períodos históricos do rap paulistano, foram analisadas uma letra de cada grupo, com exceção dos Racionais MCs que tiveram três letras analisadas, sendo uma de 1993 - primeiro período do grupo - outra de 1997 e a terceira do último disco de 2002.

Das várias letras encontradas que fazem alusão às drogas, nos diferentes grupos selecionados, finalmente, priorizou-se as letras que trazem a droga como **tema central** para, em seguida, dar lugar às letras que tratam das drogas sem que este seja seu tema central. A popularidade⁹ da música foi utilizada como critério de desempate quando havia mais de uma letra por grupo.

As letras escolhidas são onze e estão descritas no quadro 2.

⁸ <http://www.rapstar.kit.net/bandas.asp>
<http://www.terravista.pt/Nazare/2962/>
<http://www.movimentohiphop1.hpg.ig.com.br>
<http://www.rapnafita.hpg.ig.com.br>
<http://www.bocada-forte.com.br>
<http://www.facciao-central.cjb.net/>
<http://www.terravista.pt/Nazare/2962/>
<http://www.pretobomba.com.br>
www.realhiphop.com.br
http://www.vermelho.org.br/diario/2003/1110/1110_sabotage.asp
<http://www.nossomundo.net/sabotage.htm>
<http://www.mundonegro.com.br/noticias/index.php?noticiaID=155>
www.rzo.hpg.com.br

⁹ A popularidade foi avaliada informalmente pelo autor em contato com diversos jovens que apreciam o gênero e que participam diretamente do movimento hip hop e com o

Quadro 2 – Grupos e letras selecionadas. São Paulo, 2003.

Grupo	Letras	Disco - Ano
1. Racionais MCs	Crime vai e vem Mágico de Oz Mano na porta do bar	Nada Como um dia após o ourto dia - 2002 Sobrevivendo no inferno -1997 Raio X do Brasil - 1993
2. XIS	Paranóia delirante	Seja como for - 2000
3. RZO	A lei	Todos são manos - 1998
4. Thaide e Dj Hum	Malandragem dá um tempo	Preste atenção - 1996
5. 509E	Olha o menino	Proverbios 13 - 2002
6. Doctors MCs	Gangsta Joe	Agora a casa cai - 1998
7. Facção Central	Nada é mais como antigamente	A marcha fúnebre prossegue s/d
8. SNJ	Cavando sua própria cova	Se tu lutas tu conquistas - 2000
9. Sabotage	Cocaína	Rap é compromisso - 2001

5.2 Análise de dados

5.2.1 Categoria de Análise

Procurou-se, empírica e aprioristicamente apreender a ideologia nas letras do rap através dos temas: **problemas relacionados às drogas** e **propostas de superação da realidade**. A análise do discurso revelou a recorrência de um outro tema - **a vida na periferia** - configurando-se na verdade como categoria empírica central nas letras analisadas.

site www.usinadosom.com.br , que dispõe de opção de selecionar as músicas mais

5.2.2 Análise de discurso

Duas pesquisas sobre a ideologia do discurso sobre drogas serviram de inspiração para a escolha metodológica deste trabalho - a análise de discurso. A pesquisa de Bucher, Oliveira (1994), que trata de analisar textos de produção americana, artigos de mídia e a pesquisa de Ribeiro, Pergher, Torossian (1998), que analisa revistas destinadas ao público adolescente.

Para colocar em evidência a relação entre discurso e ideologia recorreu-se a Fiorin (1990) que resgata primeiramente a relação entre linguagem e discurso. A linguagem pode ser lida através de um discurso, que em si, diz respeito a uma formação historicamente situada, havendo um campo de expressão através de símbolos da linguagem (sintaxe) e um campo de expressão dos significados (semântica). É a semântica discursiva que constitui o campo da determinação ideológica. A cada discurso, portanto, existe uma determinada visão de mundo que pode ser ideológica ou utópica.

O conjunto dos elementos semânticos habitualmente usados nos discursos surgem a partir de outros discursos já construídos, cristalizados e cujas condições de produção foram apagadas. Esses elementos semânticos, assimilados por cada homem ao longo de sua educação, constituem a consciência, e, por conseguinte, sua maneira de pensar o mundo. Por isto, certos temas são recorrentes na maioria dos discursos: os homens são desiguais por natureza; na vida, vencem os mais fortes (...) (Fiorin, 1990, p. 19).

Assim, o discurso relaciona-se com a ideologia na medida em que materializa um conjunto de idéias correspondentes a uma determinada visão de mundo (Fiorin, 1990).

tocadas de cada grupo.

O sujeito do discurso é, nessa concepção, representativo de um determinado contexto histórico exterior ao próprio sujeito - respondendo a determinações sociais singulares -, mas não só, o sujeito teria possibilidade de construir um discurso diferente das idéias dominantes, em espaços de conflitos e contradições que permitem rupturas, discussões e interpretações da realidade diferenciados, constituindo a crítica da ideologia existente (Pêcheux, 1990).

O trabalho de Car, Bertolozzi (1999) foi fundamental para a operacionalização dessa análise, uma vez que as autoras descrevem os procedimentos operacionais da análise de discurso a partir das definições de tema e figura de Fiorin e Savioli (1991). Referem que os autores chamam a atenção para a articulação entre esses elementos:

Vale dizer que a estrutura narrativa comporta elementos concretos e elementos abstratos e o texto concretiza estes últimos através de **temas**. Já os elementos concretos são obtidos por meio de **figuras**. (p.350) (grifo meu)

.....
(...) após a transcrição literal do discurso, a primeira etapa constitui-se na leitura repetida do texto identificando *temas* e *figuras*. Estes podem se grifados no próprio texto ou agrupados em listagem anexa. (p.352)

.....
Na segunda etapa da análise, busca-se o encadeamento/articulação entre os temas e as figuras, identificando congruências e/ou ambigüidades na "fala" dos enunciadores. Em seguida procede-se à recomposição através de frases temáticas que sintetizem os temas e sub-temas do discurso em sua totalidade (Car, Bertolozzi, 1999, p.352).

As autoras se valem também da explicação de Minayo (1994) que localiza na Escola Francesa capitaneada por Michel Pêcheux, os seguintes fundamentos da análise de discurso: o Materialismo histórico, a lingüística e a teoria do discurso.

A apreensão dos significados das letras e análise através desta metodologia pretendeu “entender como o enunciador vê o mundo e, portanto, reconhecer, interpretar e reinterpretar as concepções sobre determinado objeto” (Car, Bertolozzi, 1999).

Ainda, do ponto de vista operacional, então, a primeira coisa a ser feita para conhecer um discurso é a consideração das condições em que esse dizer foi produzido. Neste caso, em particular, saber quem fala (rapper), para quem fala (jovens), de que forma (rap) e de que lugar da sociedade (de uma classe social que integra a periferia pobre das grandes cidades), são elementos fundamentais no processo de comunicação estabelecido pela linguagem (Oliveira, 1992, p. 57).

A análise do discurso pretende interpretar não somente o que diz aquele que o profere, mas também o que pretende com o que diz, qual é a sua intenção. O método propõe então que se proceda a ambas, à “análise como descrição e análise como interpretação” (Pêcheux, 1990, p.17).

A análise do discurso supõe que somente “(...) através das descrições regulares de montagens discursivas, se possa detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados” (Pêcheux, 1990, p.57).

6 Resultados e análise

6.1 Quem fala

O processo de análise e discussão terá início pelo conhecimento *de quem fala* - os grupos. Conforme assinalado na metodologia, essa tarefa valeu-se principalmente de fontes de dados da mídia escrita em geral, sites da internet, e encartes dos discos.

6.1.1 Racionais MCs

Os **Racionais MCs** constitui um grupo que se formou em 1988, lançado com a coletânea de rap "Consciência Black" (primeiro disco do selo Zimbabwe), com os sucessos Pânico na Zona Sul e Tempos Difíceis. O grupo foi formado por Ice Blue, Mano Brown, Edi Rock e Dj. KlJay. No início, Brown (apelido que ganhou por ser fã de James Brown) e Ice Blue formavam a dupla B.B.Boys, enquanto DJ KlJay e Edy Rock tinham também sua dupla de rap, na zona norte da cidade de São Paulo. Impressionaram o público com suas letras nas quais narram a dura vida de quem é negro e pobre, denunciando o racismo e o *sistema capitalista opressor* que patrocina a miséria e está ligado diretamente com a violência e o crime. Em 1990 lançaram seu primeiro LP c (também pela Zimbabwe), conquistando seus ouvintes gradualmente. Nos anos de 90 e 91 trabalharam com shows por toda grande São Paulo, interior do Estado e receberam prêmios como os de melhor conjunto de Rap do ano e conjunto revelação. Fizeram 2 shows na FEBEM e tiveram participação especial no show do grupo "Public Enemy" (um dos precursores do rap americano) no Ginásio do Ibirapuera. Em 1992 fizeram palestras a alunos e professores em escolas públicas num projeto criado pela Secretaria Municipal da Educação intitulado "RAPensando a Educação" *no qual se*

discutiu: Violência Policial, Racismo, Miséria, Tráfico de drogas, Mortes violentas; enfim, o cotidiano periférico. No final de 1992 lançaram o segundo disco, intitulado "Escolha o seu Caminho" que fortificou ainda mais a proposta do grupo. Neste mesmo período, foram a atração principal no Concerto de Rap que houve no Vale do Anhangabaú (Rap no Vale). Em 93 foram atração no Teatro das Nações no projeto "Música Negra em Ação". Participaram de shows filantrópicos em ajuda a doentes portadores de HIV, campanhas do agasalho e contra a fome realizadas em quadras de Escolas de Samba e ginásios de esportes. Participaram na organização da passeata feita por jovens negros em protesto à data 13 de maio (Libertação dos Escravos). A consagração do sucesso veio no final de 93 com o lançamento do terceiro disco intitulado "Raio X Brasil", que teve festa de lançamento na quadra da Escola de Samba "Rosas de Ouro" com a participação de mais de 10.000 pessoas. Em 1997 os Racionais montam seu próprio selo o "Casa Nostra" e lançam o álbum "Sobrevivendo no Inferno". O disco vendeu 200 mil cópias em 4 semanas, sem recorrer aos esquemas usuais de promoções e divulgações. Deste CD foram extraídos 2 video-clips. Em 1999 cantaram e receberam um prêmio na MTV – o que foi surpresa para muitas pessoas que consideravam os racionais como um grupo que não se envolvia com a mídia televisiva. O último disco foi lançado no ano de 2002 intitulado "Nada como um dia após o outro dia", - gravam o único DVD do grupo - o sucesso se repete. Atualmente o grupo continua fazendo shows e participando de eventos. (<http://rapnafita.hpg.ig.com.br>)

6.1.2 Xis

Na zona leste da cidade de São Paulo no bairro de Itaquera nasceu e foi criado o rapper, **Xis** (Marcelo Santos, também conhecido como Preto Bomba). Seu primeiro registro fonográfico foi na coletânea "Consciência Black", de 1992. Dois anos mais tarde, lançou o álbum "Cada Vez mais Preto", com o grupo DMN, liderado por ele. Foram oito anos como letrista, vocalista e produtor do DMN. Foram um dos indicados na categoria melhor vídeo clip de Rap no 1º Vídeo Music Brasil, premiação da MTV, com o clip da música "Aformaoriginalmental". A música "De Esquina", produzida por DJ HUM para o CD "O Poder da Transformação", esteve entre as músicas mais pedidas de toda a programação da Rádio 105FM, especializada em rap, samba e MPB. O *single* da música vendeu oito mil unidades em seis meses. Realizou shows por todo estado de São Paulo, incluindo apresentações no Balanço Rap Festival - evento que trouxe o grupo Naught By Nature e o Duloco 99 Cultura Hip Hop em Festa realizado pelo SESC - este evento teve a participação de Grandmaster Flash e Afrika Bambaataa (um dos precursores do hip hop mundial), do trio nova-iorquino De La Soul e do rapper Common, entre outros. "Seja Como For" é o primeiro álbum solo do rapper, com a produção do DJ KL Jay. São 12 faixas. Kid Nice, do grupo Sistema Negro, e Hébano, do Potencial 3, participam da faixa futurista "2092, a Lei da Rua". "Paranóia Delirante" é remix de frases do sucesso "De Esquina". A elogiada produção musical de KL Jay e a agenda de shows do rapper comprovaram o êxito do CD. Xis ficou mais conhecido pela música "Os Mano, As Mina", é do seu álbum de estréia lançado em 2000 pela gravadora independente "4P" e ganhou o prêmio de melhor vídeo clip de rap no Vídeo Music Brasil da MTV. Seu segundo trabalho solo, por uma gravadora grande (WEA Music), vem com uma produção mais elaborada de Zé González do grupo Planet Hemp, mas

sem deixar a crítica social de lado, como pode ser ouvido em "Rolê Na 2" e "Foda-se". (<http://pretobomba.com.br>)

6.1.3 RZO

O **RZO** (Rapaziada da Zona Oeste) tem como seu primeiro integrante Helião, que formou o grupo e deu o nome junto com "parceiros das antigas". Sandrão entrou para o grupo alguns anos após sua formação em Pirituba, zona sul da cidade de São Paulo. Sandrão, Helião e Dj Cia são os principais integrantes do grupo que também têm participações de Negra Lee, Marron, Negro Util, Dbs, Sabotage, Rafael, Robsom, Black Panter e Davi Do Gueto. Essa formação foi sendo composta ao longo de vários anos. Eles colaboram na composição, execução e outras atividades do grupo como segurança, produção, organização de agendas etc. O RZO existe desde 1994 (segundo entrevista de Helião em site oficial do grupo - www.rzo.hpg.com.br). Seu primeiro registro fonográfico se deu com o single "Pirituba e O Trem", que graças às rádios comunitárias se tornou sucesso na periferia da zona sul. Segundo Helião "(...) o RAP para nós foi uma forma mais fácil da gente entrar da música, ao mesmo tempo, reivindicar nossos direitos, representar a periferia e falar das nossas atividades e da nossa cultura negra na periferia". Foi lançado em 1998 pela Sony music o CD "Todos são Manos", e teve sucessos como "Pirituba", "O trem", "Assim que é", "A Lei" e "Paz Interior". Este CD consagrou o grupo no cenário nacional. O segundo CD do grupo é intitulado "Evolução é uma coisa".

6.1.4 Sabotage

Mauro Mateus - **Sabotage** - tinha uma vida não muito diferente de tantos garotos da periferia de São Paulo. Nascido na favela do Canão, Zona Sul da capital, cresceu na miséria, quase morreu de anemia e viu o irmão ser assassinado por causa do tráfico. Quando sua mãe faleceu, seu tio terminou de educá-lo para o crime e para a vida. Mesmo quando era gerente de tráfico, Sabotage (que ganhou o apelido por falsificar a assinatura da mãe em suas quatro passagens pela Febem) freqüentava a escola para “aprender as palavras” e fazia rap compulsivamente. Até chamar a atenção de seus parceiros de bandidagem - que quiseram custear um CD - e também de Mano Brown e seu selo Cosa Nostra. Acabou gravando o álbum de estréia *Rap é Compromisso*, distribuído pela Sony music em 2001. “Tenho o corpo fechado e muita sorte”, explica em entrevista para a revista trip, justificando sua saída do crime - “sem dar um tiro sequer”. Sabotage foi consultor de Paulo Miklos para criar seu personagem (um pistoleiro) no filme “O Invasor”, de Beto Brant. Sua intimidade com a vida marginal lhe rendeu outro convite: Sabotage atuou no filme Carandiru, filme de Hector Babenco, vivendo um traficante no histórico massacre dos 111 presos da penitenciária paulista. Em entrevista o rapper diz crer que suas andanças pelo cinema, além de renderem clipes e participação na trilha sonora dos filmes, são mais uma forma de passar a mensagem que ele traz nas músicas: “O crime não compensa, as drogas pesadas acabam com uma vida e a molecada tem é que ficar na escola, estudar para ter uma chance”. Lançou em 2001 o disco “Rap É Compromisso”. Foi assassinado em janeiro deste ano na Zona Leste de São Paulo, onde vivia, quando saía de uma festa. O rapper participara há pouco do disco de estréia do grupo “Instituto” e preparava para breve seu segundo álbum individual

(<http://www.realhiphop.com.br>;

<http://www.nossomundo.net/sabotagem.htm>).

6.1.5 Thaíde & Dj Hum

Desde 1984, Altair Gonçalves e Humberto Martin Arruda formaram o primeiro grupo de rap brasileiro - **Thaíde & Dj Hum**. Época em que o "hip-hop nacional era ouvir o ritmo batido nas latas de lixo na estação São Bento de Metrô, para poder ver a rapaziada dançando break". Naquele tempo, Thaíde, que era dançarino de break, foi dançar num clube chamado "Archote". Ouviu e gostou da técnica do DJ da casa. Eles se apresentaram e, percebendo que tinham muitas afinidades, resolveram formar a dupla, que se tornaria famosa logo em sua primeira participação em disco, na coletânea "hip-hop cultura de rua" em 1988. Em 1989 a dupla gravou seu primeiro álbum solo, "Pergunte a quem conhece", emplacando uma seqüência de sucessos como "corpo fechado", "minha mina", "falsidade" e outros. Os números não se repetiram em "hip-hop na veia" (1990), um trabalho excelente, segundo a crítica especializada. Por conta disso, Thaíde & Dj Hum tiveram um hiato em suas gravações até 1992, quando lançaram "Humildade e coragem são nossas armas para lutar", com as músicas "não seja tolo", "algo vai mudar" e a clássica "nada pode me parar". Buscando maior controle de seus trabalhos, a dupla partiu para a iniciativa privada em 1995, registrando seu selo próprio "Brava Gente", e lançando no mesmo ano o disco "Afro Brasileiro", que continha as canções "Acredite em você" e "Sinta esse som". Em 1996 lançaram o disco "Preste Atenção", que recebeu a premiação de melhor álbum de hip hop do ano pela MTV. Tinha sucessos como "preste atenção", "máquina de vacilar" e "malandragem dá um tempo". Em suas apresentações não se esquecem dos valores da

cultura hip hop, dando sempre espaço para o break, apresentado em todos os seus shows pelos dançarinos Marcelinho e Banks, e divulgando nas capas de seus discos a arte do grafite. A dupla se apresentou na França, no Midem de 1999 e deram cursos de DJ e rapper na casa do hip hop "Canhema", importante centro do movimento da cidade de Diadema, grande São Paulo. Em 1998, Thaíde participou de um debate com o filósofo americano Richard Shusterman e outros professores universitários. DJ Hum animou bailes de periferia e das casas noturnas mais sofisticadas. Juntos, os dois fizeram shows em palcos improvisados sobre carteiras de escolas, e também se apresentaram com a orquestra de jazz sinfônica, ao lado de Chico César (<http://rapstar.kit.net/bandas.asp>).

6.1.6 509-E

O grupo **509-E** surgiu em 1999. A sua formação tem características peculiares no cenário do Hip Hop nacional, pois seus integrantes, Dexter e Afro-X se encontraram presos na Casa de Detenção do Carandiru. Possuíam liberdade para fazer shows e retornar à detenção. Dexter tinha um grupo de rap em São Bernardo do Campo intitulado "Tribunal Popular" apadrinhado pelo grupo "Racionais MC's". Afro-X tinha um grupo no mesmo estilo agressivo só que com os "Suburbanos". Encontraram-se no *xadrez* 509-E do pavilhão 7 onde fundaram o grupo. Com rimas precisas, batidas pesadas e um arsenal de vocabulário distinto, Dexter e Afro-X expressam esse "quarto mundo dentro de um terceiro". O abandono, a angústia, a lentidão dos processos, acertos de contas e as rotinas da Casa de Detenção fazem parte das letras do grupo. Afro-X está atualmente sob liberdade condicional e faz shows através de um telão no qual faz parceria com

Dexter que ainda se encontra preso (<http://rapstar.kit.net/bandas.asp>; <http://rapnafita.hpg.ig.com.br>).

6.1.7 Facção Central

O grupo **Facção Central** foi formado em 1989, na região central de São Paulo, Glicério, Cambucí, Ipiranga. Nascidos e criados em cortiços os componentes da banda Eduardo e Dum-Dum, conviveram desde criança com a violência social, tráfico de drogas, vício, violência policial, delegacias e cadeias. *Seu passado é transformado em fonte de inspiração e traduzido em composições que demonstram atitude e ponto de vista.* Recebem, segundo site não oficial do grupo, ameaças de policiais por telefone, censuras de algumas rádios e até prisões por causa de algumas letras que denunciam a violência. A expressão da revolta e o inconformismo da banda se traduzem em letras que retratam favelas e cortiços da periferia de um olhar da marginalidade. O grupo participou de três coletâneas: "movimento rap II, explosão do rap nacional", "made in Brasil - vol. III" e "Linha de Frente". Possuem três discos: "juventude de atitude", "estamos de luto" e "versos sangrentos. Em 2000 tiveram o clip "isso aqui é uma guerra" proibido de ser exibido na MTV, sob alegação de fazer apologia ao crime. O vídeo mostrava um grupo de assaltantes que invade uma casa e mata uma mulher na frente do marido e do filho. A letra da música contém versos como "só quero roupa, comida (...)". O grupo teve apoio de outros rappers como Edi rock do Racionais Mcs (<http://www.facção-central.cjb.net>).

6.1.8 SNJ

No início da década de 90, no bairro Jd. Fortaleza situado no município de Guarulhos, zona norte de São Paulo, surge o grupo de rap **SNJ** (Somos Nós a Justiça), formação que não durou por muito tempo. Em 1995 surgiria uma nova formação com cinco integrantes denominados como DJ Alex, Boca, Pele, WF e Sombra formação que também não deu certo por motivos pessoais e familiares. Problemas que não vieram a abalar um dos integrantes desta mesma formação o vocalista Sombra que deu continuidade ao trabalho. No ano de 1996 o grupo passou por uma nova formação: DJ Pelé, Sombra e Cabeça que se destacaram em alguns eventos black, dividindo palco com grandes nomes do Hip-Hop nacional pela primeira vez na casa de cultura do Ipiranga em SP. E daí por diante outros grandes eventos surgiram. O SNJ ficou provisoriamente sem um DJ fixo, contando com o auxílio de DJ Kill e Dj Favela. Tocaram no concurso de rap, do American Graffiti, classificando-se em primeiro lugar para a fase seguinte, que não ocorreu. Desde então surgiu a formação mais duradoura. Num show no município de Arujá, o SNJ conheceu Bastardo do grupo Posse, que se tornou o quarto integrante do grupo. E logo em seguida ingressou o DJ Wjay formando assim o definitivo SNJ. O grupo se denomina como rap futurista, ao ter a postura de não se abalar com as dificuldades, mas sim empenhar-se para um benefício futurista. O grupo lançou seu primeiro trabalho demo, com a música "Ele está no mundo da lua". *Um CDR que causou impacto aos adeptos do movimento hip-hop. Com letras inovadoras e um estilo de cantar diferente. Censurando tudo aquilo que é prejudicial a sociedade tendo por consciência certas opiniões próprias defendendo algumas teses, tais como: respeito, honestidade, personalidade, dignidade e o senso humanitário.* Com a música "Ele está no mundo da Lua" o grupo explodiu em várias rádios comunitárias e

oficiais. Na praça Getúlio Vargas em Guarulhos com mais de cinco mil pessoas, fizeram show onde defenderam a classe operária vestidos de roupa de trabalhadores, o M.N.U. (Movimento Negro Unificado) e em homenagem a Zumbi dos Palmares. Participaram de ato político com a mais de 20.000 pessoas. Com esses eventos iniciou-se o interesse de Milton Sales (produtor de rap) pelo SNJ, lançando assim o primeiro trabalho do grupo (um single) pela Companhia Paulista de Hip-Hop, que traz a música "Ele está no mundo da Lua". Lançaram seu primeiro disco em 2000 intitulado "Se tu lutas tu conquistas". (<http://www.rapstar.kit.net/bandas.asp>)

6.1.9 Doctors Mc's

Smokey d, MC'A e Dog Jay formam os **Doctors Mc's** da zona leste de São Paulo. Em 1994 lançaram seu primeiro disco "para quem quiser ver", produzido por "Mad Zoo" e repleto de influências e samples de jazz. Eles ficaram conhecidos com a música "garota sem vergonha" e consagraram o estilo "bate-cabeça" (estilo de rap que preconiza um música para dançar pulando). O álbum *caiu nas graças do pessoal do "US3"* (grupo do acid jazz britânico) e do rapper americano "Guru" quando estiveram no Brasil, em 1994. Em 1998, lançaram pelo selo de hip-hop, kaskata's, o álbum "agora a casa cai", embalado pela música tik-tak, o disco vendeu 70.000 cópias. O grupo tem como filosofia uma música dançante, sendo contra a violência e *ficar com a cara amarrada* (<http://www.bocada-forte.com.br>).

6.2 O que falam

Os resultados obtidos na análise das letras serão apresentados de maneira sistemática nos itens a seguir, exemplificando os temas e subtemas com trechos das letras analisadas.

Os temas abordados são os que foram encontrados nas letras analisadas através da metodologia de análise de discurso proposta por Fiorin. A análise ater-se-á rigorosamente aos temas que foram destacados anteriormente, não sendo abordados frases ou temas subentendidos nas letras.

6.3 Tema 1: Vida na periferia

Um tema recorrente nas letras é a periferia, o que permite afirmar que este é o tema central das músicas analisadas. O espaço da periferia pode ser descrito tanto como lugar que porta dualidades quanto como lugar de criminalidade, uso de drogas e violência. Aponta-se uma contradição da estrutura social descrevendo o cotidiano, a infraestrutura e a relação da periferia com o Estado em comparação com a vida dos bairros ricos. É retratado também na periferia o motivo para o ingresso na criminalidade e uso de drogas bem como suas conseqüências.

6.3.1 Subtema: A dualidade no cotidiano da periferia

A periferia é retratada nas letras através de dualidades que são marcantes em seu cotidiano. Ela aparece como lugar que valoriza os talentos individuais – música e esportes, principalmente -, mas concomitantemente desvaloriza a condição humana devido à violência e

às drogas. Torna-se ao mesmo tempo lugar de ascensão e destruição, podendo ser de um lado perigosa e repleta de criminalidade ou de outro espaço de amizade e companheirismo. Pode também assumir o papel de espaço de discórdias (brigas, armas e morte) ou de diversão e socialização. Ela possibilita ao cidadão levar uma “vida comum de periferia” ou uma vida de criminalidade.

A letra do grupo 509 E exemplifica a dualidade entre a possibilidade de ascensão de alguns e a realidade de destruição de muitos, relatando a periferia como lugar onde existem pessoas com talento e vontade para a música ou esportes, mas que devido à impossibilidade de acesso aos meios necessários para desenvolver esses talentos acabam por desfazer suas esperanças. Essa compreensão da letra assume significado especial quando consideramos a trajetória de vida na periferia dos autores, que passa pela criminalidade e suas conseqüências.

OLHA O MENINO
509 E

*Lá vai o pivete descendo a ladeira com seu ouro na mão,
a sua chuteira*

*Ele tem um sonho quer ser campeão ser jogador de
futebol e jogar na seleção*

*Ele vem de lá do fundão lá da Sul quem sabe será no
futuro um Cafu*

*Guerreiro nato talento é mato as ruas foi o seu
aprendizado*

*Tem tudo pra brilhar nas telinhas de cinema e não
repreisar o pixote em Diadema*

*Quer vencer na vida e não ser um bandido eis a questão
olha o menino*

*.....
Um dia eu fui criança um dia eu fui um rei um dia eu fui
um anjo um dia eu sonhei*

*Um dia eu brinquei corri atrás da bola um dia eu pulei o
muro da escola*

*Um dia acreditei em papai Noel, mas a vida me mostrou
qual é o meu papel*

O grupo *RZO* remete a uma segunda dualidade da periferia: como lugar que proporciona ascensão e camaradagem, convivendo com a destruição e *traíragem*.

A LEI
RZO

Pode crê, no gueto tem essa desvantagem
Esse é o começo e o fim da malandragem

.....
Se pá ninguém me vê mais por aqui
Mas não, eu tenho uma missão
Foda-se o que dizem, foda-se a televisão
Meu lugar é do lado dos irmãos
De correria ou não, você é preto também ladrão

Já, o grupo *Xis* localiza na esquina da periferia o lugar das contradições, podendo ser observado tanto as coisas "boas" - como a cerveja, o baseado, a fuleraje - como as coisas perigosas e "más" como os otários que brigam, a morte, a farinha e a loucura.

PARANÓIA DELIRANTE
Xis

Esquina paranóia delirante
Atrás de uma farinha loucura na pani
Seqüência de um papel
Não curto isso aí mas tô ligado na parada que domina por
aqui
Fumando um baseado curtindo de leve
Num pagode lá na área eu tô esperto
No movimento que se segue segue e vai
Eu vou levando vou curtindo até não dá mais
Tudo prossegue normal até onde eu sei
Enquanto isso é a melhor cerveja que vem
Leva essa traz mais uma põe na conta
Tô sem dinheiro tá valendo eu tô a pampa

*São várias dela passeando por ai
No balançar no psiu Dentinho vem a mim
Meu 71 sei que é bom dá pra convencê
E essa noite aí meu Deus eu vou f* (foder)*

.....
A esquina é perigosa atraente

.....
*Então me diz Dentinho diz pra mim
Me cita qual que é dessas esquinas que existem por ai
São todas nóia delirante ou estão naquela nossa paz
Devagar e sempre
Devagar e sempre sei lá de repente
Toda tem otário que quer mais bota pra frente
Resolve a diferença acaba com aquela treta
Eu vou pedi mais uma breja
Eu tô na paz vou cola naquela preta*

A periferia e a criminalidade são espaços que, para o *Doctors Mc's*, portam tanto a traição e a violência como a amizade e o companheirismo. A criminalidade se apresenta tanto como um componente presente em qualquer periferia, quanto como um modo de andar a vida cotidiana.

GANGSTA JOE
Doctors Mc's

*Nascido e criado na periferia
A malandragem da área sua melhor companhia
Seu pai um traficante barra pesada
Sua mãe uma prostituta aposentada
Fuzilados a queima roupa numa emboscada
Talvez queima de arquivo por alguma treta errada
E assim cresce Joe sozinho na favela
Considerado na quebrada virou dono da viela*

Finalmente é nos *Racionais MC's* que a periferia é retratada como lugar que possibilita ao jovem uma vida comum e respeitosa (do bem) ou uma vida de tráfico e criminalidade (do mal).

MANO NA PORTA DO BAR
Racionais MC's

*A lei da selva é assim, predatória
Click, cleck, BUM, preserve a sua glória
Transformação radical, estilo de vida
Ontem sossegado e tal
Hoje um homicida*

6.3.2 Subtema: Sonho versus realidade do jovem de periferia

As letras retratam a esperança de uma vida livre de violência policial, drogas e criminalidade, e na qual existam vínculos familiares. O rap propõe eventualmente que a resolução desses problemas venha pela superação individual de ascensão social, através do rap ou futebol, como o mecanismo de realizar o sonho do jovem de periferia. Eventualmente não encontra meios na periferia para realizar o sonho almejado.

É no discurso do *509 E* que vai se encontrar claramente *o sonho de ser campeão*

OLHA O MENINO
509 E

*Lá vai o pivete descendo a ladeira com seu ouro na mão,
a sua chuteira
Ele tem um sonho quer ser campeão ser jogador de
futebol e jogar na seleção
Ele vem de lá do fundão lá da Sul quem sabe será no
futuro um Cafu*

*Guerreiro nato talento é mato as ruas foi o seu
aprendizado*

*Tem tudo pra brilhar nas telinhas de cinema e não
reprimir o pixote em Diadema*

*Quer vencer na vida e não ser um bandido eis a questão
olha o menino*

*Boto fé nos guerreiros da nova geração vai que vai na fé
mostra ai o seu dom*

Na mesma letra, pode-se perceber também que o esporte e a música e os estudos seriam a saída individual para superação dos problemas.

*Sou Jonnathas M.C. minha cara é o rap o som tá na veia
desde pivete*

*Na barriga da minha mãe já fazia barulho sou preto pobre
com muito orgulho*

*Tenho 11 de idade e já conheço a real que o crime é fatal
só me leva pro mal*

*Estudar praticar esporte ser alguém não quero ser mais
um Zé ninguém*

*Já fiz minha presença agora tô saindo fora num toque de
prima passo a bola*

.....
*Um dia acreditei em papai Noel, mas a vida me mostrou
qual é o meu papel*

.....
*Faço parte dessa luta também Deus seja louvado e me
proteja amém*

*Me dê saúde me dê sabedoria não me deixe ser alvo de
patifaria*

*Não quero ser um zero a esquerda como alguém R.A.P
sigo a linha desse trem*

Não não quero ser o neguinho do cachimbo

O nóia que fuma de segunda a domingo

*Dessas paradas eu tô legal, obrigado 509, é nós tô lado a
lado*

Em uma letra dos Racionais MC's a contradição sonho *versus* realidade é abordada, sendo que a realidade da dinâmica da vida na periferia mostra-se como empecilho direto para a realização do sonho. As drogas aparecem como obstáculo para realização do sonho do jovem de periferia.

MÁGICO DE OZ
Racionais MC's

*"Eu queria sair dessa vida
Meu sonho? É estudar, ter uma casa, uma família
Se eu fosse mágico?
Não existia droga, nem fome e nem polícia "
Aquele moleque sobrevive como manda o dia a dia
Tá na correria como vive a maioria
Preto desde nascença escuro de sol
Eu tô pra ver ali igual no futebol
Sair um dia das ruas é a meta final
Viver decente sem ter na mente o mal*

*.....
Dizem que quem quer segue o caminho certo
Ele se espelha em quem tá mais perto
Pelo reflexo do vidro ele vê
Seu sonho no chão se retorcer
Ninguém liga pro moleque tendo um ataque
Foda-se quem morrer dessa porra de crack
Relaciono os fatos com seu sonho
Poderia ser eu no seu lugar*

*.....
Ei Mano! Será que ele terá uma chance?
Quem vive nessa porra merece uma revanche*

6.3.3 Subtema: A periferia é o espaço da criminalidade, uso de drogas e violência

A periferia é retratada nas letras como uma realidade distinta de outros bairros da cidade. Faz-se diferente pelo fato de que nela não existe a infraestrutura dos bairros não periféricos. Devido à ausência do

Estado e de acesso à infraestrutura urbana, a periferia torna-se um lugar de violência. Tanto a presença do crime e das drogas, quanto da violência e da desvalorização do ser humano, torna a vida na periferia muito difícil. Além disso, a polícia discrimina o morador e o crack traz a desgraça para as pessoas.

Desse modo, os Racionais MC's encaram a periferia como um lugar onde as pessoas *sobrevivem* ao seu cotidiano.

CRIME VAI E VEM

Racionais MC's

*O crime vai o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
O movimento dá dinheiro sem problema
O consumo tá em alta como manda o sistema
O crime vai o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
Onde há fogo há fumaça
Onde chega a droga inevitável embaça*

.....
*Um irmão morreu outro se casou
Saiu dessa porra, firmeza se jogou
Só eu fiquei fazendo um tempo por aqui*

.....
*Só, o vício da morte está a venda
Em cada rua uma alma em cada alma uma encomenda*

.....
*Tráfico não tranca mais segredo
São três horas da manhã e pra alguns maluco ainda é
cedo*

*Na esquina, na entrada da favela
Uma mula de campana fumando na viela*

.....
*O pobre, o preto no gueto é sempre assim
O tempo não pára a guerra não tem fim
O crime e a favela é lado a lado
É que nem dois aliado o isqueiro e o cigarro
Na viela, no beco, na rua sem saída
Na esquina da quebrada continua assim na mesma vida
Rotina que assim vai prossegue
Vitorioso é aquele que se pá consegue*

*Sobrevive e não deitar crivado de bala
Igual na rua D ensangüentado no meio da vala
Muita cautela ainda é pouco*

O Facção central compreende assim que a periferia é a pior parte da cidade quando comparada aos bairros ricos, diferenciando-se destes não somente pela falta de infraestrutura e presença do Estado, mas também porque a polícia, quando presente, discrimina os moradores. Para o grupo o crack – droga da periferia - traz a desgraça aos moradores.

*NADA É MAIS COMO ANTIGAMENTE
Facção Central*

*Final feliz eu sempre quis
Um carango uma goma, paz, uma vida feliz
Bem humilde esquecido como toda a quebrada
Um detento em formação
Um cadáver, as coisas boas não foram ensinadas
Ninguém é santo, mas também não tem demônio aqui,
morô?*

*Se tem dois 157 121 eu se atiro na cabeça do boy
É só o fruto da semente que o Brasil plantou
Desde pivete, choque, no DP
Polícia, barulho de tiro, cadáver no chão
Com miolo em volta e tiazinha gritando:, ajuda meu filho
Ninguém nunca respeitou nossos direitos
Deram o crack uma glock 22 de pente cheio
A mesma que usam pra roubar o seu rolex no sinal
Ou a mesma do assalto a banco
Que passa batida pelo seu detector de metal
Em Alphaville é piscina
Escola particular e vigia na guarita
Aqui é sangue, algema no pulso
Professor na escola de quinze em quinze dias
Tem gram, m-10, colt, taurus, bereta
Pra defunto em baixo do jornal*

.....
*Eu tô falando aqui também da parte mais fudida
Aonde vale muito o crack e nada a sua vida*

6.3.4 Subtema: Ser um cidadão comum de periferia é valorizado

Apesar da realidade desfavorável, é possível viver na periferia como um cidadão feliz de vida simples, que valoriza a família, os amigos e de poucos bens materiais.

Esta categoria é representada pelo Racionais MC's.

MANO NA PORTA DO BAR
Racionais MC's

*Você viu aquele mano na porta do bar
Jogando um bilhar descontraído e pá
Cercado de uma pá de camaradas
Da área uma das pessoas mais consideradas
Ele não deixa brecha, não fode ninguém
Adianta vários lados sem olhar quem
Tem poucos bens, mais que nada,
Um fusca 73 e uma mina apaixonada
Ele é feliz e tem o que sempre quis
Uma vida humilde, porém sossegada
Um bom filho, um bom irmão,
Um cidadão comum com um pouco de ambição
Tem seus defeitos, mas sabe relacionar
Você viu aquele mano na porta do bar*

6.3.5 Subtema: As periferias são iguais

A periferia é compreendida e exemplificada como sendo uma categoria social cujas características se repetem, sendo comuns a todos os bairros pobres com problemas semelhantes. Na letra do XIS a periferia é análoga à esquina, que pode ser mais ou menos perigosa e ter uma rotina imutável, com otários e malandros em todas elas.

PARANÓIA DELIRANTE

Xis

*Então me diz Dentinho diz pra mim
Me cita qual que é dessas esquinas que existem por aí
São todas nóia delirante ou estão naquela nossa paz
Devagar e sempre
Devagar e sempre sei lá de repente
Toda tem otário que quer mais bota pra frente*

6.3.6 Subtema: Presença do Estado corrupto e violento na periferia

A ausência do Estado na periferia é denunciada por dois grupos que também apontam a corrupção no governo e na polícia. Tais instituições públicas são vistas com descrédito e ao mesmo tempo como indispensáveis para a melhoria das condições de vida. A maneira como essas instituições se apresentam na periferia - violentas e corruptas - são vistas como uma má influência para os jovens que acabam por tomá-las como exemplo. A diferença da periferia para os bairros ricos é justamente o fato de nela existir a discriminação policial e criminal.

NADA É MAIS COMO ANTIGAMENTE

Facção Central

*A cada esquina um opalão preto e branco
Só ganhando a lança
Investigador de ganso a mais de uma semana
Sonhando com seu sangue querendo te ver
Na maca do hospital
Querendo sua mãe reconhecendo seu corpo
No instituto médico legal
A opressão sirene carro derrapando
Revolver engatilhado
Coronhada na cara do traficante*

*A doze do PM só explode a cabeça do traficante da favela
O boy que traz de avião não sangra no chão da periferia
E nem se mata por centímetros de cela
Tanto velório tanto tiro tanta morte em vão
Tanto gambé que se promove matando ladrão*

No caso dos racionais MC's há uma ênfase da influência negativa que o policial e o governante exercem sobre os jovens, aproveitando-se da periferia para uso próprio.

MÁGICO DE OZ
Racionais MC's

*A polícia passou e fez o seu papel
Dinheiro na mão, corrupção a luz do céu
.....
Cê diz que moleque de rua rouba
O governo, a polícia, no Brasil quem não rouba
Ele só não tem diploma pra roubá
Ele não se esconde atrás de uma farda suja
É tudo uma questão de reflexão irmão
É uma questão de pensá, rá
A polícia sempre dá o mau exemplo
Lava minha rua de sangue, leva o ódio pra dentro*

6.3.7 Subtema: Drogas e criminalidade como possibilidade de ganhar a vida

A criminalidade e o tráfico de drogas são compreendidos por alguns grupos analisados como a possibilidade de ascensão na periferia.

Os *Doctors MC's* relatam que a inserção do jovem na criminalidade é um meio de ganhar a vida, devido à condição familiar e à dinâmica da vida na periferia, que é marcada pela violência e morte.

GANGSTA JOE
Doctors Mc's

*Nascido e criado na periferia
A malandragem da área sua melhor companhia
Seu pai um traficante barra pesada
Sua mãe uma prostituta aposentada
Fuzilados a queima roupa numa emboscada
Talvez queima de arquivo por alguma treta errada
E assim cresce Joe sozinho na favela
Considerado na quebrada virou dono da viela
Assim o lugar que então o seu pai deixou
Vários pontos na favela o rei da boca agora é Joe*

Já o grupo *Thaíde e DJ Hum* aborda o tema apontando a criminalidade como meio de ganhar a vida, especialmente através do tráfico.

MALANDRAGEM DÁ UM TEMPO
Thaíde e DJ Hum

*Diz ai tá estudando ou trampando o que você faz?
(corro atrás do prejuízo me adianto nada mais)*
.....
*Só te vejo correndo pra cima e pra baixo angustiado
descarregando pente
Às vezes nem me reconhece no meio da rua outro dia até
me estranhou
Qual é a sua?
E você não precisa mentir pra mim dizendo que sua
família tá bem a pampa
Faz uma cara que você não dá notícias em casa
E se acaba de graça com os manos da sua banca
O que fazer se você escolheu assim revolver pó pedra
covardia emfim
Uma vida perigosa pra você e pros outros que certamente
lhe trará o fim
A muito que eu venho observando no seu movimento
Malandragem dá um tempo*

Para os Racionais MC's o envolvimento na criminalidade para ganhar a vida é resultado da insatisfação e do inconformismo gerados pela vida cotidiana na periferia. O tráfico de drogas torna-se um meio para satisfazer ambições e anseios de uma vida material com mais bens e mais prestígio. Na música "mano na porta do bar", a relação do indivíduo com a criminalidade tem como consequência à violência e a morte.

MANO NA PORTA DO BAR

Racionais MC's

*Você viu aquele mano na porta do bar
Ultimamente andei ouvindo ele reclamar
Da sua falta de dinheiro era problema
Que a sua vida pacata já não vale a pena
Queria ter um carro confortável
Queria ser uma cara mais notado
Tudo bem até aí nada posso dizer
Um cara de destaque também quero ser
Ele disse que a amizade é pouca
Disse mais, que seu amigo é dinheiro no bolso
Particularmente para mim não tem problema nenhum
Por mim cada um, cada um
A lei da selva consumir é necessário
Compre mais, compre mais
Supere o seu adversário,
O seu status depende da tragédia de alguém,
É isso, capitalismo selvagem
Ele quer ter mais dinheiro, o quanto puder*

Na música "Mágico de Oz" o crime é visto pelo jovem como uma saída para o sofrimento e para a conquista de popularidade.

MÁGICO DE OZ

Racionais MC's

*Um dia ele viu a malandragem com o bolso cheio
Pagando a rodada, risada e vagabunda no meio
A impressão que dá é que ninguém pode parar*

*Um carro importado, som no talo
"Homem Na Estrada" eles gostam (raça do caralho)
Só bagaceira só, o dia inteiro só
Como ganham dinheiro vendendo pedra e pó
Rolex, ouro no pescoço a custa de alguém*

.....
*Dizem que quem quer segue o caminho certo
Ele se espelha em quem tá mais perto*

.....
*Por aqueles mano que trouxeram essa porra pra cá
Matando os outros em troca de dinheiro
E fama, grana, suja, como vem vai não me engana*

Na música "crime vai e vem" o jovem que entra na criminalidade não tem nada a perder, pois sua vida cotidiana já é carregada de violência, desemprego e sofrimento, portanto o tráfico de drogas é encarado como uma saída possível para ganhar a vida.

*CRIME VAI E VEM
Racionais MC's*

*Eu tô aqui com uma nove na mão
Cercado de droga e muita disposição ladrão
Fui rotulado pela sua sociedade
Um passo a mais para ficar na criminalidade
O meu cotidiano é um teste de sobrevivência
Já tô na vida então paciência*

.....
*O pobre, o preto no gueto é sempre assim
O tempo não pára a guerra não tem fim
O crime e a favela é lado a lado
É que nem dois aliado o isqueiro e o cigarro*

6.3.8 Subtema: Conseqüências da criminalidade e do uso de drogas

Na periferia a criminalidade pode levar a conseqüências desastrosas para os jovens e suas famílias. A morte, a prisão e a

violência são as conseqüências do ingresso no tráfico ou do uso de drogas. Algumas letras como “Gangsta Joe” e “mano na porta do bar” abordam o tema centrando-se na criminalidade.

GANGSTA JOE
Doctors Mc´s

*Na batida certa enquadram o menino
O flagrante tava em cima não tinha escapatória
E aqui infelizmente antecipo o fim da história
Quem foi Joe quer saber?
Pádia puta preta cansada de mutreta
Cagueta Joe e depois vai pra valeta
Vários tiros na cara a boca cheia de chumbo
E o sol nasce quadrado para Joe em seu novo mundo*

MANO NA PORTA DO BAR
Racionais MC´s

*Você tá vendo o movimento na porta do bar
Tem muita gente indo pra lá, o que será?
Daqui apenas posso ver uma fita amarela
Luzes vermelhas e azuis piscando em volta dela
Informações desencontradas gente, indo e vindo
Não tô entendendo nada, vários rostos sorrindo
Ouço um moleque dizer, mais um cuzão da lista
Dois fulanos numa moto, única pista
Eu vejo manchas no chão, eu vejo um homem ali
É natural pra mim, infelizmente
A lei da selva é traiçoeira, surpresa
Hoje você é o predador, amanhã é a presa
Já posso imaginar, vou confirmar
Me aproximei da multidão e obtive a resposta
Você viu aquele mano na porta do bar
Ontem a casa caiu com uma rajada nas costas...*

Outras como “Cavando sua própria cova” e “Crime vai e vem” abordam o tema, centrando-se, para além da criminalidade, no uso de drogas.

CRIME VAI E VEM
Racionais MC's

*Só, o vício da morte está a venda
Em cada rua uma alma em cada alma uma encomenda
O consumo pra alguns é uma ameaça
Vários desanda vacila e vira caça*

.....
*Vitorioso é aquele que se pá consegue
Sobrevive e não deitar crivado de bala
Igual na rua D ensangüentado no meio da vala
Muita cautela ainda é pouco
Mano armado traíra andando que nem louco
Mano passando uns barato roubado
Jogo arriscado mas quem tá preocupado
Sujeito ou cuzão, herói ou vilão
Cada ponto quarenta na mente diferente reação
Cada estrada uma lição da própria vida
Cada caminho um atalho uma tentativa*

CAVANDO SUA PRÓPRIA COVA
SNJ

Entre armas e drogas cavando a sua própria cova

.....
*Continue vacilando então como será?
Homens fardados nas rua te espera
Homens fardados nas rua te espera
Sua caçada no entanto será brutal
Eles verão seus princípios e desde o inicio
E neste exato momento você terá que pagar
A sua cabeça está
Está no mundo da lua
Você está cavando
A sua sepultura
A sua mente está
Está queimando por dentro
Você está cavando a
A sua própria cova*

.....
*Queima queima, a sua mente, a sua imagem perante a
sociedade*

6.4 Tema 2: Problemas relacionados com as drogas

Conforme esperado, as letras selecionadas tratam dos problemas relacionados às drogas recorrendo a diferentes dimensões: os focos centrais, as teorias explicativas para o consumo de drogas. Os dois grandes focos centrais são o tráfico e as conseqüências advindas do envolvimento dos jovens da periferia com o “mundo” das drogas – aí entendido não somente o tráfico, mas particularmente o consumo de crack.

6.4.1 Subtema: A denúncia do tráfico

Bem como a vida na periferia é um tema recorrente nas letras analisadas, quando se trata de invocar a problemática das drogas o tráfico evidencia-se como uma preocupação central no rap. Os grupos têm uma atitude bastante ativa em mostrar as vicissitudes do envolvimento de moradores da periferia com o tráfico, mostrando aspectos internos à essa realidade, circulando em torno do eixo constatação-lamento-alerta. Nas letras não existe menção às conexões do pequeno tráfico com os grandes esquemas de fabricação e comércio dessa mercadoria. Assim, à exceção de dois grupos que não trazem o tema explicitamente, as demais letras além de constatar e lamentar as circunstâncias que envolvem os moradores da periferia com o tráfico, denunciam o que ocorre com aqueles que se envolvem com a distribuição de drogas.

GANGSTA JOE
DOCTOR MCS

*Nascido e criado na periferia
A malandragem da área sua melhor companhia
Seu pai um traficante barra pesada
Sua mãe uma prostituta aposentada
Fuzilados a queima roupa numa emboscada
Talvez queima de arquivo por alguma treta errada
E assim cresce Joe sozinho na favela
Considerado na quebrada virou dono da viela
Assim o lugar que então o seu pai deixou
Vários pontos na favela o rei da boca agora é Joe
Armamento pesado na mão dos aliados
São contrabandeados de onde vem não interessa
Pressa, pressa na distribuição cada um dos aliados com
um trabuco nas mãos
A remessa veio boa veio bem variada
R-15, USI e uma caixa de granadas
O dinheiro entra fácil e o produto vende bem
100% pura igual à dele ninguém tem
Mas Joe não está contente diz que ainda quer mais
Disse quer vingar a morte de seus pais
Depois de um filme na TV ele para pra pensar
Se auto denomina nego Joe Gangstar*

A LEI
RZO

*Agora esquece, já foi pro além
E quem sabe está bem melhor que aqui
Ah Sandrão, aquele mano meu chapa não é tirano
De reto em reto a desandado eu diria mais dominado
Considerarei, avisei, onde for crime desiste
.....
Pode crê, no gueto tem essa desvantagem
Esse é o começo e o fim da malandragem
Contagem é feita nos dedos
Os mano que morreu, quem não perdeu um camarada
seu
Fudeu mano, a vida não é boa como parece
Dia após dia a droga e o tráfico cresce
Fecha uma boca e abre duas
Pra reforça o domínio continua*

NADA É MAIS COMO ANTIGAMENTE
Facção Central

*Eu tô falando aqui também da parte mais fudida
Aonde vale muito o crack e nada a sua vida
Do lado das cadeias do lado da cocaína
Mano preso artigo doze maldita rotina
A cada esquina um opalão preto e branco
Só ganhando a lança
Investigador de ganso a mais de uma semana
Sonhando com seu sangue querendo te ver
Na maca do hospital
Querendo sua mãe reconhecendo seu corpo
No instituto médico legal
A opressão sirene carro derrapando
Revolver engatilhado
Coronhada na cara do traficante
O crack permanece lá enquadrado após enquadrado
Levando sua jaqueta seu tênis seu dinheiro
Tirando sua família e te dando uma cela
Ou flores no seu enterro
Tá no shopping na faculdade na mansão
Só que lá ninguém derruba porta abre tv
Não tem tiro no peito não tem detenção
A doze do PM só explode a cabeça do traficante da favela
O boy que traz de avião não sangra no chão da periferia
E nem se mata por centímetros de cela
Tanto velório tanto tiro tanta morte em vão
Tanto gambé que se promove matando ladrão*

CRIME VAI E VEM
Racionais MC's

*O crime vai o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
O movimento dá dinheiro sem problema
O consumo tá em alta como manda o sistema
A quebrada tá normal e eu tô também
Onde há fogo há fumaça
Onde chega a droga inevitável embaça*

*Eu tô aqui com uma nove na mão
Cercado de droga e muita disposição ladrão
Fui rotulado pela sua sociedade*

*Um passo a mais para ficar na criminalidade
O meu cotidiano é um teste de sobrevivência
Já tô na vida então paciência*

.....
*Tráfico não tranca mais segredo
São três horas da manhã e pra alguns maluco ainda é*

cedo

*Na esquina, na entrada da favela
Uma mula de campana fumando na viela
"E ai cadê o Cláudio? Ai o Cláudio tá pedido
Foragido da quebrada e deixou tudo comigo
Os ganso tá na febre mais flagrante é dinheiro
Eu tô ligeiro a todo instante parceiro "*

*MÁGICO DE OZ
Racionais MC 's*

*Um dia ele viu a malandragem com o bolso cheio
Pagando a rodada, risada e vagabunda no meio
A impressão que dá é que ninguém pode pará
Um carro importado, som no talo
"Homem Na Estrada" eles gostam (raça do caralho)
Só bagaceira só, o dia inteiro só
Como ganham dinheiro vendendo pedra e pó
Rolex ouro no pescoço a custa de alguém,
Uma gostosa do lado pagando pau pra quem
A polícia passô e fez o seu papel
Dinheiro na mão, corrupção a luz do céu
Que vida agitada em gente pobre tem
Periferia tem, você conhece alguém
Moleque novo que não passa dos doze
Já viu, viveu, mais que muito homem de hoje
Vira a esquina e pára em frente uma vitrine
Se vê se imagina na vida do crime
Dizem que quem qué segue o caminho certo
Ele se espelha em quem tá mais perto
Pelo reflexo do vidro ele vê
Seu sonho no chão se retorssê
Ninguém liga pro moleque tendo um ataque
Foda-se quem morre dessa porra de crack
Relaciona os fatos com seu sonho
Poderia ser eu no seu lugar
Das duas uma eu não quero desanda
Por aqueles mano que trouxeram, essa porra pra cá*

*Matando os outros em troca de dinheiro
E fama, grana, suja como quem mais não me engana
Queria que Deus ouvisse a minha voz
E transformasse aqui no mundo Mágico de Oz.*

MANO NA PORTA DO BAR
Racionais MC's

*Você viu aquele mano na porta do bar
Ele mudou demais de uns tempos para cá
Cercado de uma pá de tipo estranho
Que promete pra ele o mundo dos sonhos
Ele está diferente não é mais como antes
Agora anda armado a todo instante
Não precisa mais dos aliados
Negociantes influentes estão ao seu lado
Sua mina apaixonada, linda e solitária
Perdeu a posição agora ele tem várias...
Várias mulheres, vários clientes, vários artigos,
Vários dólares e vários inimigos.
No mercado da droga o mais falado
O mais foda, em menos de um ano subiu de cotação
Ascensão meteórica, contagem numérica,
Farinha impura, o ponto que mais fatura
Um traficante de estilo, bem peculiar
Você viu aquele mano na porta do bar*

COCAÍNA
Sabotage

*É foda, é vê meus manos nesse estado
Irmão que desandaram, viajaram, não ficaram lúcidos
Chupando manga, só o pó, sujo
Imundo é foda essa parada
Sujeito a tudo ou nada
Só fita furada, tá devendo e nunca paga
Em outras áreas recebe o nome de canalha
Irmão se for parar, então que faça já
Por que vários já morreram, foram em cana enfim
Não quero isso pra eles e nem quero pra mim*

CAVANDO SUA PRÓPRIA COVA
SNJ

*Você não sabe o que faz, não mede conseqüências
Quando está na pior quer provar sua inocência
Vive neste mundo deste vício doentio
Entre armas e drogas cavando a sua própria cova
Quer agir sempre como poderoso
Não limita as suas forças para chegar aonde quer
Seus pais sempre dando conselhos
Mas não adianta você vive um pesadelo
Cercado por vários tipos que se julgam ser seus
camaradas
Lhe encaminhando como sempre para a parada errada
MALANDRAGEM DÁ UM TEMPO
Thaíde e DJ Hum*

*Faz uma cara que você não dá notícias em casa
E se acaba de graça com os manos da sua banca
O que fazer se você escolheu assim revolver pó pedra
covardia enfim
Uma vida perigosa pra você e pros outros que certamente
lhe trará o fim
A muito que eu venho observando o seu movimento
Malandragem dá um tempo
.....
Veja que ironia do destino
Nas brincadeiras de criança você nunca queria ser o
bandido
Hoje dá perdido em uns vende pedras pra outros
Se você sai do buraco te expulsam do morro
Muitos dos seus camaradas só colam na sua quando você
tá com dinheiro pra bancar várias cervejas
Ou então também quando a grana fácil não vem você é o
cara que tem como completar a ceda*

6.4.2 Subtema: O crack e a cocaína são as drogas perigosas

O crack e a cocaína são vistos pelos grupos analisados como as drogas que trazem desgraça ao indivíduo, e que realmente causam dependência. Em geral, há uma ênfase especial nos danos causados pelo

crack. Às demais drogas não são atribuídas as mesmas características de destruição do crack ou da cocaína, pelo menos na opinião de uma parte considerável dos grupos. É notável que alguns grupos considerem a maconha uma droga que não traz prejuízos e que na verdade é um elemento de socialização entre os jovens da periferia.

Assim, tanto RZO como Facção Central discutem a presença perversa do crack e da cocaína, um mostrando a alienação que essas drogas provocam no indivíduo e o outro denunciando a estrutura social que gera o problema da periferia e particularmente o Estado que não respeita os direitos, expondo os jovens a situações perigosas que têm levado à prisão e à morte.

A LEI
RZO

*É foda ver os manos nesse estado
Fracos, parados nas esquinas altamente engessados
Já era, agora é tarde pra falar
Ninguém vai me escutar ninguém vai querer parar
É mais fácil do que todo mundo pensa
Depois de algum tempo se liga se compensa
Mano e aí? Vamos dar um rolezinho
Vamo mano rapidinho são apenas dois tirinhos
Aaaaaah!, não dá, não dá*

.....
*Fulano já morreu, veja bem, beltrano também morreu
Só roubar assim não dá, uuuh!, se liga
Cachimbo é destruição, não pára de afundá
Seu sangue era tipo A, mas foi sugado foi drenado
Agora desandado é a cara do drogado*

NADA É MAIS COMO ANTIGAMENTE
Facção Central

*Um detento em formação
Um cadáver as coisas boas não foram ensinadas
Ninguém é santo mas também não tem demônio aqui*
morô

*Se tem dois 157 121 eu se atiro na cabeça do boy
É só o fruto da semente que o Brasil plantou
Desde pivete choque no DP
Polícia barulho de tiro cadáver no chão
Com miolo em volta e tiazinha gritando ajuda meu filho
Ninguém nunca respeitou nossos direitos
Deram o crack uma Glock 22 de pente cheio
A mesma que usam pra roubar o seu Rolex no sinal*

.....
*Tá aqui a receita
O Brasil dá o revolver
Põe no seu cachimbo uma pedra e adiciona a cinza
Depois um, dois, três, pá
Mais um caixão na coleção da polícia
Cansei de ver meus manos indo nessa
Virando história que
Dez a zero pro crack é um pra cada guerra
Da lâmina, da gilete à chama alta do isqueiro
Conscientização é gerada, vira fumaça, qualquer conselho
Pacto com o demônio já registrei tô saindo fora*

O Sabotage faz uma distinção entre drogas consideradas naturais e químicas. Dessa forma, o cigarro e o álcool encontram-se na mesma classificação danosa do crack, tratando-se de drogas, que por sua natureza química, assume um poder metafísico capaz de controlar o indivíduo. A maconha, por sua vez, por ser natural, não é considerada uma droga que traz prejuízo para o usuário, podendo ser considerada até como uma droga que traz felicidade.

COCAÍNA Sabotage

*Mesmo estando ausente haverá sempre quem critique
Cerveja, uísque, um trago uísque
Dos manifestos maléficos o homem é o próprio fim
A química é o demo e quer então nos destruir
Vários da função só sangue bom que viciaram
Do Brooklin ao Canãõ tem branca pura em Santo Amaro
Muitos que estão com o pensamento ao contrário*

*Quem não se aposentou só se tá preso ou é finado
Alguns pedindo nos faróis, desnorteados
Tem química na fita, contamina os brasileiros
Criança de seis anos com o cigarro nos dedos
Só no descabelo como disse o sem cabelo eu creio
Que o poder quer atitude e respeito
Mas observe os pretos sendo tirado no Brasil inteiro
Então prefiro sim um fininho do que me diz
Do que a pedra no cachimbo e o pó no nariz*

.....
*Aí, sem falsidades
Conheço manos tão feliz
Usava só um baseado e não afundava o nariz
Começou a colar com certas rapazida
Não mandava uma inteira mas ficava com a rapa
Ele foi pra mão do cara o tal do satanás*

Para XIS há uma distinção entre as drogas, bem como entre os espaços da periferia: o uso de drogas lícitas (cerveja) e das “leves” (maconha) está relacionado à periferia da paz, e o uso de drogas ilícitas “pesadas” (cocaína) à periferia perigosa.

PARANÓIA DELIRANTE

Xis

*Esquina paranóia delirante
Atrás de uma farinha loucura na pani
Seqüência de um papel
Não curto isso aí mas tô ligado na parada que domina por
aqui*

*Fumando um baseado curtindo de leve
Num pagode lá na área eu tô esperto
No movimento que se segue segue e vai
Eu vou levando vou curtindo até não dá mais
Tudo prossegue normal até onde eu sei
Enquanto isso é a melhor cerveja que vem
Leva essa traz mais uma põe na conta
Tô sem dinheiro tá valendo eu tô a pampa
São várias dela passeando por ai
No balançar no psiu Dentinho vem a mim
Meu 71 sei que é bom dá pra convence*

E essa noite ai meu Deus eu vou f (foder)
A fulerage predomina e rola solta
No tititi 1 auê e aí?
No goró eu viajei já tomei demais
Paranóia delirante eu tô na paz*

A mensagem fatalista sobre as drogas está presente em dois grupos analisados. Principalmente a cocaína e o crack são compreendidas como fatais podendo levar à prisão e ao *vício doentio*.

*COCAÍNA
Sabotage*

*Saca só sem vacilar preste atenção
Propósito futurista: se livre das drogas
Labirinto sem rumo sem volta
Falei num dá trilha sonora
Moleque ranhento com juízo se importa
Sandrão, Helião, Sabotage por essa eu não esperava
Droga eu sei que mata
Males isso não pretendo, para os meus irmão não quero*

*CRIME VAI E VEM
Racionais MC's*

*O crime vai o crime vem
A quebrada ta normal e eu to também
O movimento dá dinheiro sem problema
O consumo tá em alta como manda o sistema
O crime vai o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
Onde há fogo há fumaça
Onde chega a droga inevitável embaça
.....
Só, o vício da morte está a venda
Em cada rua uma alma em cada alma uma encomenda
O consumo pra alguns é uma ameaça
Vários desanda vacila e vira caça*

6.5 Tema 3: Teorias explicativas do consumo de drogas

É possível retirar das letras um conjunto de explicações que são dadas para o consumo de drogas. As teorias explicativas para o consumo de drogas entre os jovens oscilam das compreensões de cunho microssocial (aí envolvendo o contexto social mais próximo – família e amigos) até as de cunho macrossocial, notando-se nesta manifestação artística uma certa reprodução das explicações do senso comum e/ou da ciência.

6.5.1 Subtema: Centrada no usuário de drogas

O usuário de drogas é caracterizado de diferentes maneiras pelos grupos, podendo se apresentar como responsável pela sua situação ou como uma vítima da droga e do tráfico. Dessa forma, dois grupos responsabilizam o usuário pela sua condição. Para o SNJ, o usuário de drogas perde-se num comportamento inconsciente sem saber o que está fazendo, caminhando para a morte. Ao perder o controle da situação de sua vida, envolve-se num processo de socialização nefasto, associando-se com pessoas envolvidas com armas e drogas. As pessoas afastam-se dele devido às suas mudanças de princípios. O próprio dependente é apontado como o maior culpado pela sua situação.

CAVANDO SUA PRÓPRIA COVA
SNJ

*Você não sabe o que faz, não mede conseqüências
Quando está na pior quer provar sua inocência
Vive neste mundo deste vício doentio
Entre armas e drogas cavando a sua própria cova
Quer agir sempre como poderoso
Não limita as suas forças para chegar aonde quer*

*Seus pais sempre dando conselhos
Mas não adianta você vive um pesadelo
Cercado por vários tipos que se julgam ser seus
camaradas*

*Lhe encaminhando como sempre para a parada errada
Pare, pense, tente se conscientizar
Palavras apenas não, não adiantará
Agir com perfeição pode lhe ajudar por que então olha
Faca cravada na sua garganta
Irá explodir nas suas veias
Você não prevê seu futuro se não quiser
Continue vacilando então como será?
Homens fardados nas rua te espera
Homens fardados nas rua te espera
Sua caçada no entanto será brutal
Eles verão seus princípios e desde o inicio
E neste exato momento você terá que pagar*

*A sua cabeça está
Está no mundo da lua
Você está cavando
A sua sepultura
A sua mente está
Está queimando por dentro
Você está cavando a
A sua própria cova*

*Na escola seu jeito de ser é diferente
Um tipo cabreiro, insussegado
Quem te viu quem te vê não vai lhe reconhece
Não é de ontem, não é de hoje há
Estão visando a sua pessoa
Sujeito bom que não é
Afastam-se
Preveno algo errado só querem distância de você
Seu principio mudado te deixou assim
Adiantando do inicio cada vez mais o seu fim
"aí neguinho... nossa!"*

.....
*Desnorteado, desesperado
Com sua mente queimando por dentro, um viciado
Acha que não tem saída, nem se liga
Empenhorou com os caras errados a sua própria vida
Que coisa, ah mano*

Até o velho radio relógio do seu pai você pegou e penhorou

Pra mente você mandou

Como podem viver dessa forma

Pra mandar pra mente dão até o que não tem

Sua dignidade, o seu caráter, sua palavra de honra a sua imagem

Da próxima vez o que vai fazer?

Bodiar os manos talvez se prevaleça

Não tem sentimento se tornou um instrumento do mal

Pois está com a cabeça queimando por dentro

Outra vez, outra vez é já virou freguês

Seu auto consumo na bocada te levou além dos limites

Quem tem o controle da situação?

Para Thaíde & DJ Hum, após entrar para o mundo do tráfico de drogas, há mudança de personalidade. O sujeito fica à mercê da sorte, se torna violento e angustiado, não dá valor à sua família e não respeita mais a sua área, sendo odiado por todos.

MALANDRAGEM DÁ UM TEMPO

Thaíde e DJ Hum

Crescemos juntos sempre quis te ver numa boa

Mais parece que você não quer se ajudar o que que há?

Você não era de dar sopa pro azar, de repente ficou diferente

Não troca mais idéia com a gente

Só te vejo correndo pra cima e pra baixo angustiado descarregando pente

Às vezes nem me reconhece no meio da rua outro dia até me estranhou

Qual é a sua?

E você não precisa mentir pra mim dizendo que sua família tá bem a pampa

Faz uma cara que você não da noticias em casa

E se acaba de graça com os manos da sua banca

O que fazer se você escolheu assim revolver pó pedra covardia emfim

Uma vida perigosa pra você e pros outros que certamente lhe trará o fim

.....
*Que mancada não respeita mais sua quebrada
Até a quitanda que era antiga Cidinha
Meteu o cano que decepção levou micharia
O pior é que tirou até de quem não tinha*

.....
*Na brincadeira de criança você nunca queria ser o bandido
Hoje dá perdido em uns vende pedras pra outros
Se você sai do buraco te expulsam do morro
Muitos dos seus camaradas só colam na sua quando você
tá com dinheiro pra bancar várias cervejas
Ou então também quando a grana fácil não vem você é o
cara que tem como completar a seda*

Para o grupo RZO, o usuário não é responsabilizado pela sua condição, mas sim a droga que é entendida como agente de destruição. O dependente é aquele que faz uso de crack e cocaína, uma pessoa que não se interessa por nada a não ser a droga, e se torna infeliz por essa condição.

*A LEI
RZO*

*Mas hoje é sexta-feira e pra uns acaba mal
Vejo logo cedo com a face transformada
Não vão mais pro role não ligam mais pra nada
É foda ver os manos nesse estado
Fracos, parados nas esquinas altamente engessados
Já era, agora é tarde pra falar
Ninguém vai me escutar ninguém vai querer parar
É mais fácil do que todo mundo pensa
Depois de algum tempo se liga se compensa
Mano e ai? Vamos dar um rolezinho
Vamo mano rapidinho são apenas dois tirinhos
Aaaaaah, não dá, não dá
Assim vou acabar vendo os manos da quebrada sem curtir
sem zoar
Cara é estar chapado, sorriso pra todos os lados
Ficar irado é coisa de noiado*

.....

*Ah Sandrão, aquele mano meu chapa não é tirano
De reto em reto a desandado eu diria mais dominado
Considerarei, avisei, onde for crime desiste
Fulano já morreu, veja bem, beltrano também morreu
Só roubar assim não dá, uuuh, se liga
Cachimbo é destruição, não pára de afundar
Seu sangue era tipo A, mas foi sugado foi drenado
Agora desandado é a cara do drogado*

Da mesma forma o dependente é retratado pelo *Sabotage* como aquele que é *dominado* pela droga, tornando-se uma pessoa *anormal*, ao praticar furtos e outras atitudes, alienando-se de sua situação.

COCAÍNA Sabotage

*Vários da função só sangue bom que viciaram
Do Brooklin ao Canão tem branca pura em Santo Amaro
Muitos que estão com o pensamento ao contrário
Quem não se aposentou só se tá preso ou é finado
Alguns pedindo nos faróis, desnorteados
Tem química na fita, contamina os brasileiros
Criança de seis anos com o cigarro nos dedos
Só no descabelo como disse o sem cabelo eu creio
Que o poder quer atitude e respeito*

.....
*Aí, sem falsidades
Conheço manos tão feliz
Usava só um baseado e não afundava o nariz
Começou a colar com certas rapazida
Não mandava uma inteira mas ficava com a rapa
Ele foi pra mão do cara o tal do satanás
E o desprezo e a vergonha domina seus pais
Digo mais aos seus pivete
Esse rapaz esquece
Um zumbi, marionete um plano de maquete
Na quebrada aos dezessete furtou vídeo cassete
Rebelde, de longe sua mãe o reconhece
O dominado e tal, o lobo mal, o anormal
Profissional da zona sul é mal
Roubando roupas no varal, agora o gardenal*

No quesito criminal tá em estado final

.....
É foda, é vê meus manos nesse estado
Irmão que desandaram, viajaram, não ficaram lúcidos
Chupando manga, só o pó, sujo
Imundo é foda essa parada
Sujeito a tudo ou nada
Só fita furada, tá devendo e nunca paga
Em outras áreas recebe o nome de canalha

6.5.2 Subtema: Centrada na família e nos amigos

A família e os amigos são compreendidos por dois grupos como fatores que influenciam o jovem a ingressar no crime e no consumo de drogas. O *Doctors Mc's* aborda a questão ancorando-se na herança cultural familiar e na influência de amigos.

GANGSTA JOE
Doctors Mc's

Nascido e criado na periferia
A malandragem da área sua melhor companhia
Seu pai um traficante barra pesada
Sua mãe uma prostituta aposentada
Fuzilados a queima roupa numa emboscada
Talvez queima de arquivo por alguma treta errada
E assim cresce Joe sozinho na favela
Considerado na quebrada virou dono da viela
Assim o lugar que então o seu pai deixou
Vários pontos na favela o rei da boca agora é Joe
Armamento pesado na mão dos aliados
São contrabandeados de onde vem não interessa
Pressa, pressa na distribuição cada um dos aliados com
um trabuco nas mãos
A remessa veio boa veio bem variada
R-15, USI e uma caixa de granadas
O dinheiro entra fácil e o produto vende bem
100% pura igual à dele ninguém tem
Mas Joe não está contente diz que ainda quer mais
Disse quer vingar a morte de seus pais

*Depois de um filme na TV ele para pra pensar
Se auto denomina nego Joe Gangstar*

Já os *Racionais Mc's* associam o tema à violência doméstica e à falta de perspectiva de futuro. O jovem enxerga o tráfico de drogas como uma saída para o sofrimento e conquista de popularidade.

MÁGICO DE OZ
Racionais MC's

*"Comecei a usar pra esquecer dos problema
Fugi de casa
Meu pai chegava bêbado e me batia muito
Eu queria sair dessa vida*

.....
*Um dia ele viu a malandragem com o bolso cheio
Pagando a rodada, risada e vagabunda no meio
A impressão que dá é que ninguém pode parar
Um carro importado, som no talo
"Homem Na Estrada" eles gostam (raça do caralho)
Só bagaceira só, o dia inteiro só
Como ganham dinheiro vendendo pedra e pó
Rolex, ouro no pescoço a custa de alguém
Uma gostosa do lado pagando pau pra quem*

.....
*Moleque novo que não passa dos doze
Já viu, viveu mais que muito homem de hoje
Vira a esquina e para em frente uma vitrine
Se vê, se imagina na vida do crime
Dizem que quem quer segue o caminho certo
Ele se espelha em quem tá mais perto*

6.5.3 Subtema: Centrada na estrutura e dinâmica da sociedade

A responsabilidade pelo tráfico e consumo de drogas é atribuída às relações que se estabelecem no modo de produção capitalista. Embora as

letras não se preocupem em relacionar o tráfico existente no microespaço da periferia com o grande tráfico, dois grupos tratam de relacionar os problemas da periferia e particularmente do consumo de drogas com o lugar que a periferia ocupa nesse modo de produção, ou seja, nesta formação social, quem vive na periferia faz parte de uma classe que está submetida a vender sua força de trabalho – a classe que vive do trabalho – sob condições do projeto neoliberal contemporâneo.

Do ponto de vista da superestrutura, o Estado é notado pela sua ausência no espaço periférico e pelo desrespeito sistemático aos direitos dos cidadãos, incentivando essas práticas ao fornecer ou possibilitar acesso às armas e às drogas, principalmente o crack e a cocaína e ao incentivar a competitividade.

Assim, dois grupos abordam o tema, o Facção Central que denuncia a promoção da criminalidade na periferia e os Racionais MC's que explicam o ingresso ao crime pela necessidade de mudar de vida e desemprego. Nessa visão o crime possibilita acesso a dinheiro e prestígio.

MÁGICO DE OZ
Racionais MC's

*Cê diz que moleque de rua rouba
O governo, a polícia, no Brasil quem não rouba
Ele só não tem diploma pra rouba
Ele não se esconde atrás de uma farda suja
É tudo uma questão de reflexão irmão
É uma questão de pensa, rá
A polícia sempre dá o mau exemplo
Lava minha rua de sangue, leva o ódio pra dentro
Pra dentro de cada canto da cidade
Pra cima dos quatro extremos da simplicidade
A minha liberdade foi roubada
Minha dignidade violentada
Que nada, os mano se ligá, para de se matá
Amaldiçoar, leva pra longe daqui essa porra
Não quero que um filho meu um dia Deus me livre morra*

Ou um parente meu acabe com um tiro na boca

NADA É MAIS COMO ANTIGAMENTE

Facção Central

*Final feliz eu sempre quis
Um carango uma goma, paz, uma vida feliz
Bem humilde esquecido como toda a quebrada
Um detento em formação
Um cadáver, as coisas boas não foram ensinadas
Ninguém é santo, mas também não tem demônio aqui,
morô?*

*Se tem dois 157 121 eu se atiro na cabeça do boy
É só o fruto da semente que o Brasil plantou
Desde pivete, choque, no DP
Polícia, barulho de tiro, cadáver no chão
Com miolo em volta e tiazinha gritando:, ajuda meu filho
Ninguém nunca respeitou nossos direitos
Deram o crack uma glock 22 de pente cheio
A mesma que usam pra roubar o seu rolex no sinal
Ou a mesma do assalto a banco
Que passa batida pelo seu detector de metal*

MANO NA PORTA DO BAR

Racionais MC's

*Você viu aquele mano na porta do bar
Ultimamente andei ouvindo ele reclamar
Da sua falta de dinheiro era problema
Que a sua vida pacata já não vale a pena
Queria ter um carro confortável
Queria ser uma cara mais notado
Tudo bem até aí nada posso dizer
Um cara de destaque também quero ser
Ele disse que a amizade é pouca
Disse mais, que seu amigo é dinheiro no bolso
Particularmente para mim não tem problema nenhum
Por mim cada um, cada um
A lei da selva consumir é necessário
Compre mais, compre mais
Supere o seu adversário,
O seu status depende da tragédia de alguém,
É isso, capitalismo selvagem*

*Ele quer ter mais dinheiro, o quanto puder
Qual que é desse mano?
Sei lá qual que é
Sou Mano Brown, a testemunha ocular
Você viu aquele mano na porta do bar*

CRIME VAI E VEM
Racionais MC's

*Dinheiro, segredo palavra chave
Manipula o mundo e articula a verdade
Compra o silencio, monta a milícia
Paga o sossego, compra a política*

.....
*Eu tô aqui com uma nove na mão
Cercado de droga e muita disposição ladrão
Fui rotulado pela sua sociedade
Um passo a mais para ficar na criminalidade*
.....
*Foi dado um golpe de estado cavernoso
A máquina do desemprego fabrica criminoso*

6.6 Tema 4: Proposta de superação dos problemas relacionados diretamente às drogas

As propostas que foram abordadas pelos grupos consistem em enfrentamentos individuais, familiares, religiosos e que discriminam as drogas proibidas ou permitidas. Não foram observadas propostas políticas com a participação de grupos e classes sociais.

6.6.1 Subtema: de cunho individual, familiar e religioso

A proposta mais cantada no rap dos grupos analisados é a de valorização individual e familiar. O estudo, a prática de esporte, a música e o bom relacionamento com as pessoas que vivem na periferia são

propostas recorrentes nos grupos. O grupo *509 E*, os *Racionais MC's* e o *Thaíde & DJ Hum* invocam também a religiosidade para a superação dos problemas.

MÁGICO DE OZ
Racionais MC's

*Queria que Deus ouvisse a minha voz
E transformasse aqui no mundo mágico de Oz.*

.....
*Às vezes eu fico pensando se Deus existe mesmo morô
Por que meu povo já sofreu demais
Continua sofrendo até hoje
Só que aí eu vejo os moleque nos farol na rua
Muito louco de cola, de pedra
Eu penso que poderia ser um filho meu morô
Mais aí eu tenho fé
Em Deus*

OLHA O MENINO
509 E

*Sou Jonnathas M.C. minha cara é o rap o som tá na veia
desde pivete
Na barriga da minha mãe já fazia barulho sou preto pobre
com muito orgulho
Tenho 11 de idade e já conheço a real que o crime é fatal
só me leva pro mal
Estudar praticar esporte ser alguém não quero ser mais
um Zé ninguém*

.....
*Eu só quero que Deus me ajude a ver o meu filho nascer
e crescer e ser um campeão*

MALANDRAGEM DÁ UM TEMPO
Thaíde e DJ Hum

*Se mexa faça algo por si próprio
Tem muitos querendo adiantar o seu velório
E o pior é que você deu motivo demais
Sai fora largue tudo tente encontrar a paz*

*Leve junto a Ritinha que é uma mina descente
E você abandonou pra vida alguns meses atrás
Vai na fé construa sua família seja algum iemanjá ierê
Reconstrua sua vida que não está totalmente perdida
E crie bem essa criança que ainda vai nascer
Você deve isso aos seus pais
Que te criaram tão bem com trabalho e coragem
Com calos nas mãos te dando educação
Pra quando você crescesse se tornasse um homem de
bem
Acho que já falei de mais agora fica seu critério
Não quero visitá-lo mais cedo no cemitério*

*NADA É MAIS COMO ANTIGAMENTE
Facção Central*

*Não quero a Duda a Pa a Gabi no meu velório
Por de farinha eu não assino meu atestado de óbito
Dispensando esse papel destrói esse cachimbo
Se valorize mano segure o seu artigo
Sem essa de cocaína sai essa de crack
Bem longe na rota e Denarc*

*A LEI
RZO*

*É foda ver os manos nesse estado
Fracos, parados nas esquinas altamente engessados
Já era, agora é tarde pra falar
Ninguém vai me escutar ninguém vai querer parar
É mais fácil do que todo mundo pensa*

.....
*Cara é estar chapado, sorriso pra todos os lados
Ficar irado é coisa de noiado
Mais fique esperto no role
Tá cheio de vagabunda e é fácil se envolver
E se você estiver admirando a lua
Então se liga nos gambé quando tiver na loucura
Às vezes paranóicos descontrolados
Brincam de revólver e te deixam agoniado*

PARANÓIA DELIRANTE

Xis

Todo mundo a vontade cuidado mano que é mano tá ligado

Chega como eu cheguei fica como eu fiquei

Faz como eu fiz eu sou o Xis

Então me diz Dentinho diz pra mim

Me cita qual que é dessas esquinas que existem por aí

São todas nóia delirante ou estão naquela nossa paz

Devagar e sempre

Devagar e sempre sei lá de repente

Toda tem otário que quer mais bota pra frente

Resolve a diferença acaba com aquela treta

Eu vou pedi mais uma breja

Eu tô na paz vou colá naquela preta

Chega de morte de tiro to fora dessas puli

Particularmente, o grupo *SNJ* acredita que para deixar de usar drogas é preciso compreender as conseqüências sociais e de saúde do consumo.

CAVANDO SUA PRÓPRIA COVA

SNJ

Pare, pense, tente se conscientizar

Palavras apenas não, não adiantará

Agir com perfeição pode lhe ajudar por que então oha

Faca cravada na sua garganta

Irá explodir nas suas veias

Você não prevê seu futuro se não quiser

6.6.2 Subtema: Proposta que discrimina o tipo de droga permitida ou proibida

A proposta é de abstinência do crack e cocaína, que conforme visto anteriormente, constituem as grandes vilãs na opinião do rap. Como a maconha na visão de algumas bandas não representa perigo para o

jovem da periferia, o uso é tolerado. Não há propostas relativas a outras drogas.

A LEI
RZO

*Vejo logo cedo com a face transformada
Não vão mais pro role não ligam mais pra nada
É foda ver os manos nesse estado
Fracos, parados nas esquinas altamente engessados
Já era, agora é tarde pra falar
Ninguém vai me escutar ninguém vai querer parar
É mais fácil do que todo mundo pensa
Depois de algum tempo se liga se compensa
Mano e aí? Vamos dar um rolezinho
Vamo mano rapidinho são apenas dois tirinhos
Aaaaaah, não dá, não dá
Assim vou acabar vendo os manos da quebrada sem curtir
sem zoar
Cara é estar chapado, sorriso pra todos os lados
Ficar irado é coisa de noiado*

COCAÍNA
Sabotage

*Mesmo estando ausente haverá sempre quem critique
Cerveja, uísque, um trago uísque
Dos manifestos maléficos o homem é o próprio fim
A química é o demo e quer então nos destruir
Vários da função só sangue bom que viciaram
Do Brooklin ao Canão tem branca pura em Santo Amaro
Muitos que estão com o pensamento ao contrário
Quem não se aposentou só se tá preso ou é finado
Alguns pedindo nos faróis, desnorteados
Tem química na fita, contamina os brasileiros
Criança de seis anos com o cigarro nos dedos
Só no descabelo como disse o sem cabelo eu creio
Que o poder quer atitude e respeito
Mas observe os pretos sendo tirado no Brasil inteiro
Então prefiro sim um fininho do que me diz
Do que a pedra no cachimbo e o pó no nariz
Afinal é tipo assim, pretendo usufruir
Já vi vários lutarem contra o vício e consegui*

*Basta saber esperar, ligeiro e não vacilar
Na moralina toda estrela sei que há de brilhar por que
Cá cocaína vou parar
Eu sei coca eu sei que mata
Por isso eu tenho que parar de cheirar
Dessas eu não posso desandar*

.....
*Saca só sem vacilar preste atenção
Propósito futurista: se livre das drogas
Labirinto sem rumo sem volta
Falei num dá trilha sonora
Moleque ranhento com juízo se importa
Sandrão, Helião, Sabotage por essa eu não esperava
Droga eu sei que mata
Males isso não pretendo, para os meus irmãos não quero
Ficar tipo só o pó na capa do caderno (sem juízo)
Em dialeto: master ligado
Dicionário no bolso e a leitura de um livro é necessário
Informação a toda nação*

*NADA É MAIS COMO ANTIGAMENTE
Facção Central*

*Se valorize mano segure o seu artigo
Sem essa de cocaína sai essa de crack
Bem longe na rota e Denarc*

7 Discussão

Na análise percebe-se que um tema recorrente nas letras é a “vida na periferia”. O rap em suas letras procura **denunciar os problemas da periferia**, principalmente a exclusão social, as injustiças e a discriminação do jovem negro e pobre. Pretende também alertar o jovem para as possíveis situações perigosas e criar uma identidade comum de proteção entre eles. Para a sociedade o rap se apresenta como um discurso de enfrentamento, de ameaça, como se chamasse a atenção: “olhem o que a sua sociedade produziu, estamos de olho em vocês!” Oliveira (1999, p. 423) reitera esta percepção ao fazer uma análise semiótica do discurso do rap

(...) para a sociedade é um discurso de revolta, de denúncia da realidade deplorável em que vive a população marginalizada e para os enunciadores e a comunidade da qual fazem parte, um importante instrumento de catarse, de descarga emocional da violência, da cólera, que é extravasada por meio do léxico empregado, assim, a violência se realiza simbolicamente, pois a proposta do *rap* é criar para o negro um espaço em que ele possa reaver sua identidade, reconstruir sua auto-estima e diminuir a violência entre os jovens.

O rap procura também **“levar conhecimento” ao jovem a respeito dos mecanismos de sobrevivência na periferia**. Cria informações que contrapõem a ideologia veiculada através da mídia – da importância do *status econômico* e dos meios para conquistá-lo – principalmente televisiva, que é considerada um dos maiores vilões na “conformação das mentalidades e do imaginário juvenil” (Sposito, 1994, p. 168).

Os Racionais MC's exemplificam essa concepção

Irmão, o demônio fode tudo ao seu redor!
Pelo rádio, jornal, revista e outdoor
te oferece dinheiro, conversa com calma
Contamina seu caráter, rouba sua alma
Depois te joga na merda sozinho
É, transforma um "preto tipo A" num "neguinho" (Racionais MC's,
Capítulo 4, versículo 3, 1997)

A análise do rap mostra que trata-se de uma forma de expressão marcada predominantemente pela gíria. Dessa forma, de um lado, a gíria imprime a marca da particularidade um grupo, defendendo sua identidade - a de jovens pobres de periferia. De outro lado, vai se afirmando como símbolo de denúncia das condições de vida. Um e outro aspecto do duplo caráter da gíria (Pretti, 1984) somam-se para alertar a sociedade sobre a existência de um grupo que se forma no seio da exclusão social.

A preocupação central dos rappers com a periferia, com suas tensões e problemas, estava de certa forma anunciada, uma vez que além de sua origem estar vinculada à própria periferia, de aí ter sua *força*, é ao falar dela que o rap ganha visibilidade e carisma diante de seu público (Guasco, 2001, p. 59), criando uma identidade que está profundamente *arraigada à experiência local* (Rose, 1997). Portanto os rappers ao denunciarem os problemas de seus pares remetem-se imediatamente ao espaço ocupado por eles. Espaço que não pode ser compreendido como local geográfico em contraposição a um local central, mas que deve ser compreendido no seio da contradição inclusão e cidadania (econômica e política dos bairros ricos) versus exclusão ou impossibilidade de acessar os bens que são socialmente produzidos (bairros pobres ou *periféricos*). Guasco aprofunda essa discussão

Aqui retomamos a idéia de uma visão de mundo construída a partir de uma oposição fundamental: um mundo dividido em duas partes antagônicas: o mundo dos patrões, dos políticos, da polícia e dos playboys de um lado, sendo o outro lado constituído pelos aliados e pelos manos, pelos ladrões e pelos verdadeiros malandros ao mesmo tempo que pelos chefes de família, trabalhadores, bem como pelas mães que zelam e sofrem pelos seus filhos (Guasco, 2001, p. 151).

Os rappers assumem portanto a periferia como **espaço de exclusão**, seja pela ausência de Estado, seja pela presença perniciosa do crime, do tráfico, da corrupção policial e da discriminação social e racial. Mas a descrevem também como espaço de igualdade e de solidariedade, compartilhados no “lar” da exclusão social. É compreendida então como uma **categoria social** com características comuns aos bairros pobres com problemas semelhantes. Diferencia-se dos bairros ricos justamente pela exclusão e discriminação. O rap denuncia a ausência de Estado na periferia o que contribui também para caracterizar o que seria a vida na periferia, informação também disseminada pela mídia. Essa generalização acaba por reforçar a noção de periferia como um *determinado meio social* e não como um *lugar espacial* (Guasco, 2001, p.81). A qualificação negativa do discurso dos rappers sobre a periferia homogeneiza as diversas periferias. Esse fato faz com que os rappers dos diferentes bairros em condição de periferia construam identidades iguais, aproximando-se independentemente do lugar de origem. É por isso que os rappers valorizam a solidariedade e a lealdade entre os moradores da periferia.¹⁰

Assim para os rappers a influência negativa ou positiva da família e dos amigos são compreendidos como fatores preponderantes para que o

¹⁰Guasco, em estudo antropológico sobre os rappers, relata um episódio em que um grupo de rappers se recusa a deixar um de seus pares fora de uma “empreitada” planejada por eles. Diante desse e de outros episódios semelhantes o autor conclui que “Ser excluído por seus iguais constitui uma das mais graves ofensas, esbarrando em um dos maiores valores dessa cultura: a lealdade” (Guasco, 2001, p. 68).

jovem ingresse no crime e no consumo de drogas. Portanto as **propostas** que ficam mais evidentes nos seus discursos são as de **valorização individual e familiar**. O estudo, a prática de esporte, a música e o bom relacionamento com as pessoas que vivem na periferia, bem como a religiosidade e a compreensão das conseqüências da vida no crime e da droga tornam-se instrumentos potentes para a superação dos problemas em contraposição ao poder do consumo e do tráfico como meio de obtê-lo. Zaluar elucida tal invocação dos rappers, teorizando sobre sua reação em recorrer a referências como a família, e os amigos

É justamente esse novo etos que vai provocar o desastroso empobrecimento de sua vida social, no qual desaparecem outras figuras masculinas até então valorizadas, respeitadas e influentes no local. O bom jogador de futebol, o bom sambista, o bom pai de família, o trabalhador habilidoso e o malandro esperto, que dividia com todos esses personagens o poder no bairro, estão deixando de ser referência para o adolescente pobre. O poder do bandido armado e montado na grana é incontestável. (...) o adolescente que procura seus espelhos vê cada vez mais apenas essa figura que ostenta em si todos os atributos do poder que não admite oposição – a arma na cintura – bem como os objetos mais cobiçados do consumismo atual – o carro do ano, as roupas de grife, o brilho do pó (Zaluar, 1996, p.111).

Dessa forma a periferia aparece nas letras através de **dualidades** que são marcantes em seu cotidiano. Pode ser retratada como lugar que valoriza os talentos individuais, principalmente da música e esportes, mas que pode se tornar empecilho, devido à dificuldade de acesso e desvalorizar a condição humana devido à violência e às drogas. Possibilita portanto a ascensão individual e a destruição, a amizade e a discórdia, uma vida comum ou de criminalidade.

Como já relatado **a ausência do Estado na periferia e a corrupção** são denunciadas pelos rappers, sendo que o governo e a polícia são as instituições públicas com maior descrédito e ao mesmo

tempo são tidas como indispensáveis para a melhoria das condições de vida. A maneira como essas instituições se apresentam na periferia é vista pelos rappers como uma má influência para os jovens que acabariam por tomá-las como exemplo. A diferença da periferia para os bairros ricos é justamente o fato de nela existir a discriminação policial e criminal. Zaluar (1996) reitera essa concepção afirmando que a polícia se apóia na subjetividade interpretativa do delito (no caso do porte de drogas existe a possibilidade de classificar o infrator como usuário ou traficante) para julgar os que cometem um crime de maior ou menor gravidade. Relata que

Para mostrar sua eficiência ou pressionados para provar que não fazem parte do esquema de corrupção, policiais prendem simples usuários, pequenos portadores (“aviões”) e pequenos traficantes de drogas. Mais tarde, se o processo for enviado finalmente para a justiça muitas vezes a sentença é dada com base na moralização da força de trabalho (Zaluar, 1996, p. 114).

Dessa forma **a polícia** acaba por ter um papel discriminatório com uma atuação confusa que é percebida e denunciada pelo rap. Zaluar (1996, p.118) reforça ainda que muitas vezes o efeito esperado da atuação policial torna-se oposto, terminando “freqüentemente na antipedagogia da corrupção e da violência arbitrária.” Assim como os rappers a autora entende que a presença do Estado através da **escola - de um projeto pedagógico que valorize o diálogo, os meios verbais de negociação do conflito, em detrimento da força bruta (...)(p.117)** – e da polícia – eliminação da discriminação do sistema policial e jurídico – são atributos importantes para a melhoria da criminalidade e conseqüentemente das condições de vida na periferia.

Os rappers compreendem que **a criminalidade e o envolvimento com o “mundo” das drogas** podem levar a conseqüências desastrosas

para os jovens e suas famílias, como a morte, a prisão e a violência. Com isso concorda Zaluar (1996), assinalando que o tráfico pode ocasionar a morte dos jovens e a conseqüente diminuição das rendas das famílias da periferia.

Como as mortes violentas atingem principalmente homens jovens em idade produtiva, entre 14 e 39 anos (cerca de 80% das mortes violentas em todo país), as famílias se vêem privadas daqueles que seriam os mais importantes contribuintes para a renda familiar. Desse quadro de violência, ficam também os mutilados, os que se tornam deficientes e passam a ser mais um peso para as famílias, especialmente as mais pobres (Zaluar, 1996, p.103).

Da mesma forma Kaplan (1997), assim como os rappers, associa o tráfico de drogas à violência como uma das conseqüências da conexão entre a droga e a estrutura montada pelo crime.

Um dos aspectos marcantes nas letras é a dupla possibilidade do jovem ter uma **vida comum e respeitosa** permeada por valores familiares de amizade e com poucos bens materiais (longe dos aspectos negativos da periferia) ou de ter uma vida de tráfico e criminalidade. O cotidiano retratado nas letras exige dos jovens comportamentos e atitudes necessários para sua sobrevivência e para uma "vida do bem", baseados nas próprias contradições apresentadas na vida da periferia. Se o jovem não tiver certas qualidades pode ser atraído pelo tráfico, uso de drogas ou criminalidade. Tais qualidades positivas são encaradas pelos grupos como uma maneira de compensar os aspectos negativos da periferia.

Dessa forma, **o jovem é responsabilizado** com muita veemência pelos seus caminhos e escolhas. Os rappers assumem, portanto, duas possibilidades de resposta às condições desfavoráveis da periferia: sucumbir e morrer através da violência ou das drogas ou se adaptar e enfrentar as "armadilhas da sociedade".

(...) o indivíduo que permanece firme, apesar de estar às mesmas condições, possui uma força de caráter que em geral se explica pela própria experiência adquirida num cotidiano de adversidades. Firma-se assim uma contradição fundamental, através da qual tudo que é negativo no meio vem justificar ou reforçar uma qualidade nos sujeitos (Guasco, 2001, 96-7).

Os que não *permanecem firmes* são compreendidos como vítimas das condições sociais a que foram submetidos (Guasco, 2001).

Na periferia não é proibido sonhar, mas **os sonhos de ascensão** social parecem passar pela mesma dualidade: a satisfação de desejos de consumo pode ser encontrada pelo envolvimento com o tráfico ou, por outro lado, pelo desenvolvimento de talentos individuais notadamente a música (rap) ou o futebol.

O tráfico de drogas e o crime apresentam-se concretamente como meios para satisfazer ambições e anseios de uma vida material com mais bens e mais prestígio. Zaluar (1996) reitera essa percepção afirmando que a vontade de enriquecimento é um grande estímulo que leva o jovem ao crime. A autora também aponta que "a mera existência de opções informais do mercado ilegal de drogas e demais crimes contra a pessoa e contra o patrimônio minou a perspectiva da profissionalização e da educação como saídas para a pobreza" (Zaluar, 1996, p.107).

Dessa forma, mesmo que as dificuldades do jovem da periferia sejam explicadas pela sua impossibilidade como classe social de acessar os bens que são socialmente produzidos - mediadas por dificuldades de reprodução social das famílias, pela violência doméstica, pela falta de oportunidades e perspectivas futuras, ou pela insatisfação e inconformismo gerados pela vida cotidiana da periferia, - a disposição individual aparece como fator preponderante na escolha de vida do jovem.

Os rappers compreendem que a omissão do Estado se manifesta também na **ausência de infraestrutura urbana**, tornando a vida ainda mais difícil e o lazer finado a cargo dos bares e das esquinas.

Para os rappers **o estudo** também é considerado um dos fatores que promovem a superação dos problemas dos jovens na periferia. Apresenta-se aqui também outra contradição presente no discurso. Os rappers cultuam o ensino escolar como um importante valor e o apontam como uma saída para a transformação social. Ao mesmo tempo o estudo formal é considerado um conhecimento distante da realidade, omitindo informações úteis para as transformações propostas. Guasco (2001, p.130) afirma que

A idéia de uma falsa expectativa de ascensão social pela via da educação e de uma versão mentirosa de como as coisas funcionam em nossa sociedade põe em cheque o conhecimento fornecido pela escola diante daquilo que é observado. Para os rappers a grande diferença é que aquilo que se observa é experimentado na prática cotidiana das ruas e essa seria a única possibilidade efetiva de contato com a realidade. Por outro lado, a escola estaria relegada à produção de um conhecimento descolado da realidade, onde várias coisas seriam omitidas ou deixariam de fazer sentido frente a uma série de transformações. Essas transformações não estariam sendo absorvidas pela escola, embora fizessem parte da vida dos jovens, o que levaria a um esvaziamento do significado do espaço da escola.

Adorno (1991) fala da “socialização incompleta” explicando porque os jovens pobres acabam por evadir-se da escola. De um lado associam trabalho (geralmente no mercado informal) a estudo para poder contribuir com a renda familiar ou para prover seus novos agrupamentos familiares. De outro lado sentem a humilhação de fracassos freqüentes a que são submetidos pelo *não-saber*, pela falta de tradição de freqüência escolar da sua família ou pela sua origem pobre. Refere também um certo ceticismo proveniente da equação entre “se dar bem” e estudar.

Adorno (1991, p. 79) em pesquisa biográfica retrata que mesmo entre os jovens que param de estudar por motivos econômicos

(...) não há firmes convicções a propósito da utilidade da escola. Esta é vista de forma negativa pela imposição de um aprendizado estranho ao seu universo cultural , pelo seqüestro do tempo que seria dedicado ao lúdico, às brincadeiras e aos folguedos, pela vigilância atroz que exacerba sentimentos de rebeldia e de desobediência às normas.

Para Adorno (1991, p.78) o trabalho infantil proporciona um bloqueio na escolarização e na profissionalização do jovem. O autor argumenta que “a incorporação precoce ao mercado de trabalho, longe de amenizar a pobreza, cumpre o papel de preservá-la.”

Diante dessa realidade, apesar da negação da educação formal, os rappers ainda apostam na escola como um espaço de mediação entre eles e os jovens.

Ex-alunos ou ainda freqüentadores das escolas públicas, os membros dos grupos de RAP, de algum modo, reconhecem a importância do universo escolar, porém em um plano simbólico diferente. Enquanto espaço institucional percebem sua importância para utilização das dependências e instalações elétricas em reuniões e ensaios, capazes de garantir as atividades artísticas, em um ambiente marcado pela enorme precariedade material. Percebem , também, a escola enquanto via privilegiada de acesso aos alunos, realizando apresentações e debates para divulgar sua mensagem, sempre que alguma oportunidade se apresenta (Sposito, 1994, p. 174).

Os rappers ao tratarem da problemática das drogas, evidenciam a questão do tráfico como uma preocupação central, porém não deixam de qualificar negativamente também o **consumo de drogas**, principalmente o de crack e cocaína. Essas drogas são compreendidas como substâncias que trazem desgraça ao indivíduo, e que realmente

causam dependência e alienação. Há uma ênfase especial nos danos causados pelo crack. No geral às demais drogas não são atribuídas as mesmas características de destruição do crack ou da cocaína. É considerado viciado quem é usuário dessas drogas. Este acaba por ter um comportamento inconsciente perdendo o controle da situação, tornando-se violento, uma pessoa *anormal*, e *dominado* pela droga. Muitas vezes perde o respeito em sua "área".

A visão que os rappers têm a respeito do crack e da cocaína como drogas que incitam a violência e levam à morte ou ao envolvimento com o tráfico é explicada por Zaluar. Essas drogas contribuem para um

clima de desconfiança entre todos na medida em que produz uma paranóia em que o jovem se imagina cercado de inimigo por todos os lados, a qual só desaparece com a interrupção do consumo. Além disso, como artificialmente propicia à pessoa uma sensação de "ligação", energias multiplicadas e poder, passando o efeito, deixa-a deprimida, triste e incapaz de agir. Daí vem a vontade incontrolável de repetir a dose (...) Por isso, o usuário cria dívidas com o traficante ou com policiais corruptos e passa a furtar, roubar e até matar para manter seu vício, não morrer por falta de pagamento ou não ser preso quando apanhado (Zaluar, 1994, p.113).

Os rappers em geral (pois somente parte dos grupos adotam essa noção) fazem também uma outra **distinção entre as drogas**. Algumas são consideradas *naturais*, como a maconha, e outras *químicas*, como o cigarro, o álcool, o crack e a cocaína. As drogas naturais podem estar associadas a noção de paz, felicidade e socialização, não trazendo prejuízos ao jovem. Na direção oposta, as drogas químicas podem assumir um poder metafísico capaz de controlar o indivíduo, levando-o à dependência e possivelmente à morte e à prisão. Nota-se também outra classificação: drogas leves – como a maconha e o álcool – e drogas pesadas – crack e cocaína. As drogas leves e naturais são associadas à *periferia da paz* e as drogas pesadas ou químicas à *periferia perigosa*.

Ocorre assim uma ambigüidade em relação ao álcool que pode ser considerado destrutivo ou socializador.

Os grupos têm uma preocupação em mostrar **os aspectos internos à realidade do pequeno tráfico**, procurando alertar o jovem para as conseqüências do envolvimento. Nas letras não existe menção às conexões do pequeno tráfico com os grandes esquemas de fabricação e comércio dessa mercadoria. Zaluar estabelece uma ligação de ordem econômica entre os jovens envolvidos com o tráfico na periferia e a grande estrutura.

Os pequenos traficantes da favela, apesar de todo seu aparato militar, na verdade estão ajudando a enriquecer aqueles que controlam o tráfico de drogas em toneladas e o contrabando de armas, o receptador, o policial corrupto, o advogado criminal e assim por diante (Zaluar, 1996, p.102).

Embora o rap não se preocupe em relacionar o tráfico existente no microespaço da periferia com o grande tráfico, os problemas dos bairros e particularmente do consumo de drogas são relacionados com o lugar que a periferia ocupa no modo de produção capitalista. Compreendem que quem vive na periferia faz parte de uma classe submetida a esta formação social, estando submetida às condições da globalização e do projeto neoliberal contemporâneo. Assim como os países da periferia do capitalismo, a periferia circunscrita em si mesmo serve aos interesses de reprodução do capital, ocupando a função de prover uma força de trabalho mal remunerada, a quem a formação social destina muito pouco. Como visto, o Estado é considerado ausente e responsabilizado pela violência ao possibilitar o acesso às armas e às drogas e ao incentivar a competitividade (Queiroz, Salum, 1996).

As **teorias explicativas para o consumo de drogas** entre os jovens apresentadas pelo rap oscilam das compreensões de cunho microsocial (envolvendo o contexto social mais próximo – família e

amigos - e o próprio usuário) até as de cunho macrossocial, atribuído às relações que se estabelecem no modo de produção capitalista contemporâneo (Soares, 1997).

É possível que a ênfase dada por alguns rappers ao sujeito e ao contexto social mais próximo na explicação do consumo de drogas se deva à uma necessidade de chamar a atenção para aspectos da realidade que poderiam ser "controlados", uma vez que modificações na estrutura e dinâmica do modo de produção significariam ações mais distantes e mais globais. Sabe-se que a desconsideração de qualquer dos elementos presentes no consumo de drogas macro ou microssocial – o sujeito, os contextos mais próximos e a droga propriamente dita – pode levar à uma supervalorização da droga – sua demonização (Zaluar, 1994) - ou à atribuição de um peso excessivo ao indivíduo (Soares, 1997).

Esse processo é acompanhado pela relação entre drogas e violência facilmente difundida socialmente tanto pela mídia (Noto et al., 2003) quanto por produções de caráter científico e que como chama a atenção Minayo (1998) necessita ser desmistificada. Quase sempre a violência é produto da droga, a droga é produto da periferia ou dos bairros pobres, fechando-se um círculo que se esgota em si mesmo, sem que explicações estruturais sejam invocadas (Minayo, 1998).

Para completar, parece haver um descompasso entre os perfis epidemiológicos relacionados ao consumo de drogas e a atenção dada pela mídia a drogas como o tabaco e derivados de coca (Noto et al. 2003).

Kaplan (1997), Rodrigues (2003) e Coggiola (2001) concordam com a explicação macroestrutural dada por alguns rappers, apontando a droga como uma mercadoria. Kaplan (1997), Coggiola (2001) chamam a atenção para o caráter perverso desse comércio que vai recrutar consumidores privilegiadamente nos cinturões e bolsões de pobreza - como a periferia. Os grandes traficantes utilizam-se da força de trabalho

dos bairros pobres para a comercialização da droga e dos moradores como um grande mercado consumidor.

As propostas dos rappers consistem em **enfrentamentos individuais, familiares, religiosos ou pela abstinência das drogas pesadas** - do crack e cocaína, que conforme visto anteriormente, constituem as grandes vilãs na opinião dos rappers. A proposta mais evidente é a de valorização individual e familiar e no caso dessas drogas a abstinência. O estudo, a prática de esporte, a música e o bom relacionamento com as pessoas que vivem na periferia também são propostas recorrentes. A maconha na visão de alguns grupos não representa perigo para o jovem da periferia, sendo que o uso é tolerado. Não há propostas relativas a outras drogas.

As **propostas dos rappers para a superação** dos prejuízos que podem advir do envolvimento com o tráfico e o consumo de drogas refletem um conjunto de proposições relacionadas à uma certa "guerra as drogas", propondo a abstinência das *drogas químicas* como um fator de proteção para os jovens. Consideram que o uso da cocaína e do crack (principalmente) estão diretamente ligados à violência e à desgraça do jovem, portanto, a abstinência de drogas no mundo da periferia seria fundamental para a resolução dos problemas relacionados à violência.

A "guerra às drogas da periferia" tem portanto um teor diferente da "guerra às drogas" que fundamenta um corpo de proposições para lidar com o problema contemporâneo das drogas. A "guerra às drogas" limita-se a difundir a ideologia de que a droga é a causa dos problemas dos indivíduos, desconsiderando o processo histórico e social do uso e dos significados que este pode assumir na contemporaneidade (Oliveira, 1992, Carlini-Cotrim, 1992).

Os rappers consideram então que para a proteção dos jovens moradores da periferia a abstinência de drogas que causam dependência, como é o caso do crack é a melhor proposição, sem com isso entrar no

mérito de propostas relacionadas à concepção de “redução de danos”, que aplaude qualquer passo dado na direção de minimizar prejuízos relativos ao consumo de drogas. Em outras palavras, para os rappers reduzir danos consiste numa proposição radical de não envolvimento com o tráfico e o não envolvimento com o consumo de drogas.

Tal proposta no limite pode ser considerada idealista, uma vez que, como se viu, a periferia é o centro privilegiado do tráfico de crack. Pedir ao jovem que não se deixe alistar no exército de traficantes e consumidores é certamente desconsiderar o peso da trama formada pelo tráfico na periferia, pedindo uma resistência muito grande ao sujeito.

Isso talvez explique também o fato de que apesar do envolvimento dos rappers com instâncias políticas de atuação como as posses (Sposito, 1994), não foram observadas propostas políticas como a participação dos jovens em movimentos sociais, por exemplo.

8 Considerações finais

As mensagens do rap fazem a denúncia dos problemas relacionados à periferia, principalmente a exclusão e a violência, alertam o jovem para tais problemas e pretendem criar informações desvinculadas da mídia – ideologia dominante – para que os jovens construam mecanismos de enfrentamento das adversidades. Os rappers compreendem *periferia* como bairros que apresentam problemas de exclusão social e discriminação – principalmente policial -, mas também como lugar de amizade e ascensão social. Dessa forma a periferia pode ocupar qualquer espaço geográfico na cidade.

Os rappers apontam duas possibilidades de vida na periferia: a de se corromper pelo “sistema” ou por influências familiares e de amizade ingressando no mundo da criminalidade e/ou no consumo de drogas ou por méritos pessoais adaptar-se e enfrentar a dinâmica social imposta tendo assim uma vida respeitosa. As relações de amizade, família e religião são valorizadas pelos rappers e entendidas como fundamentais para um convívio social saudável, longe da criminalidade e das drogas. Portanto as propostas estão sempre associadas à valorização individual, familiar e de laços de amizades.

Em relação aos problemas relativos ao consumo contemporâneo de drogas pelos jovens, pode-se concluir que no campo explicativo há uma tendência de alguns grupos em expressar através do rap uma **compreensão estrutural do consumo de drogas**, localizando-as como mercadoria cuja produção, distribuição e consumo envolvem os jovens da periferia numa teia perversa que acaba muitas vezes com a criminalidade e outros desfechos trágicos. No campo propositivo as práticas se conformam em **propostas de fortalecimento do sujeito** através de um esforço de não envolvimento com o tráfico e de abstinência das drogas consideradas problemáticas como o crack e a

cocaína, drogas que possuem um poder quase que sobrenatural, capaz de *dominar* e alienar a vida do jovem.

Nesse caminho o peso dado ao indivíduo pode parecer espetacular. Tal tarefa deve ser compreendida no contexto da periferia, uma vez que não há no horizonte mudanças radicais para essa condição e uma vez que o comércio da droga que parasita os jovens da periferia é a primeira mais lucrativa empresa produzida pela globalização e pelo neoliberalismo e não vem sendo honestamente combatido (Coggiola, 2001; Kaplan, 1997). Ou seja, nos três pólos envolvidos na equação do consumo de droga, o indivíduo, a droga e o contexto, os rappers têm potência para buscar a atenção dos sujeitos para que façam escolhas mais saudáveis para si e sua família.

Uma das características da arte é a *expressão de insatisfação, questionamento, freqüentemente de revolta, em face do modo como está organizada a sociedade* (Konder, 2002), contrapondo-se à visão social de mundo dominante, e o rap o faz na denúncia das condições de vida na periferia, mostrando-se potente também para fazer proposições que tenham como objeto a transformação desse contexto. Ao negarem as informações produzidas pela mídia e pela “sociedade não periférica” sobre os problemas da periferia, o rap poderia veicular uma proposição utópica, ou seja, transformadora em relação àquela por eles criticada.

O rap assume a “função a que veio”, trazendo um discurso que além da denúncia, propõe uma alternativa de vida possível na periferia, de convivência com a violência, com o tráfico e com o consumo de drogas. No contexto da exclusão, do desemprego, da agressão policial, da discriminação e da violência do tráfico, o rap torna-se uma referência e cria uma identidade através da qual o jovem de periferia pode se (re)estruturar.

9 Referências bibliográficas

Abramo HW. Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta-Anpocs; 1994.

Acselrad G. Os discursos preventivos sobre o uso de drogas e as potencialidades dos educadores na prevenção primária : relato de uma experiência. [dissertação] Rio de Janeiro (RJ): Instituto de Psiquiatria da UERJ; 1989.

Adorno S. A socialização incompleta: os jovens delinqüentes expulsos da escola. Cad Pesq 1991, (79): 77-80.

Althusser L. Sobre a reprodução. Petrópolis (RJ): Vozes; 1999.

Anderson P. Balanço do neoliberalismo. In: Sader E, Gentili P. (organizadores) Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1995 p. 9-23.

Andrade EM. Movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo. [dissertação] São Paulo: Faculdade de Educação da USP; 1996.

Antunes R. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo: Boitempo; 2000.

Arce JMV. O funk carioca. In: Herschmann M. Abalando os Anos 90: funk hip hop, globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco; 1997. p. 139-63.

Baratta A. Introdução a uma sociologia da droga. In: Mequita FC, Bastos FI, (organizadores). Drogas e AIDS: estratégias de redução de danos. São Paulo: Hucitec; 1994.

Bianchetti RG. Modelo neoliberal e políticas educacionais. São Paulo: Cortez; 1997.

Bock SD. A inserção do jovem no mercado de trabalho. In: Abramo HW, Freitas MV, Sposito MP. (organizadores) Juventude em debate. São Paulo: Cortez; 2000 p. 11-6.

Bucher R, Oliveira S. O discurso do "combate às drogas" e suas ideologias. Rev Saúde Pública 1994; 28(2): 137-45.

Carlini-Cotrim BH. A escola e as drogas: Realidade brasileira e contexto internacional [tese]. São Paulo (SP): Departamento de Psicologia Social PUC-SP; 1992.

Car MR, Bertolozzi MR. O procedimento da análise de discurso. In A classificação internacional das práticas de enfermagem em Saúde Coletiva – CIPESC. Série Didática: Enfermagem no SUS. ABEn, Brasília (DF); 1999.

Chauí M. O que é ideologia. 16ª ed. São Paulo: Brasiliense; 1984.

Coggiola O. O comércio de drogas hoje. Rev Olho da História [periodico on line] 2001; (4). Disponível em <http://www.ufba.br/~revistao/04coggio.html> (14 set. 2001).

Coutinho CN. *Contra a corrente: ensaios sobre democracia e socialismo*. São Paulo: Cortez; 2000.

Dayrell J. O rap e o funk na socialização da juventude. *Rev Educ Pesq UFMG* 2002; 28 (1): 117 –136.

Félix JBJ. *Chic Show e Zimbabwe e a construção da integridade nos Bailes Black paulistanos*. [dissertação]. São Paulo (SP): Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; 2000.

Fiorin JL. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática; 1990.

Gonçalves MG. *Racionais MC's: o discurso de uma juventude excluída*. [tese] São Paulo (SP): Faculdade de Educação da USP; 2001.

Guasco PPM. *Num País Chamado Periferia: identidade e representação da realidade entre os rappers de São Paulo*. [dissertação] São Paulo (SP): Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; 2001.

Herschmann M. *Abalando os Anos 90: funk hip hop, globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro: Rocco; 1997.

Kaplan M. *Tráfico de drogas, soberania estatal, seguridad nacional*. *Rev Sistema* 1997;136: 43-61.

Konder L. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras; 2002.

Laurell AC. Avançando em direção ao passado: a política social do neoliberalismo. In: Laurell AC (organizadora) Estado e políticas sociais no neoliberalismo. São Paulo: Cortez 1995:151-78.

Löwy M. Ideologias e ciência social. 15ªed. São Paulo: Cortez; 2002.

Lalande A. Vocabulário técnico e crítico da filosofia. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes; 1999.

Madeira FR. Os jovens e as mudanças estruturais na década de 70: questionando pressupostos e sugerindo pistas. Cad Pesq Fundação Carlos Chagas 1986; (58): 15-48.

Magro VMM. Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o *hip hop*. Cad. CEDES 2002; 22(57):63-75.

Maricato E. Dimensões da tragédia urbana. Rev comciencia [periódico online] 2002; Disponível em: <http://www.comciencia.br/framebusca.htm> (27 out. 2003).

Minayo MCS, Deslandes SF. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. Cad Saúde Pública 1998; 14(1): 35-42.

Noto, AR, Baptista, MC, Faria, ST, Nappo AS, Galduróz JC, Carlini EA. Drogas e saúde na imprensa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais e revistas. Cad Saúde Pública 2003; 19:69-79.

Oliveira SC. Para uma análise semiótica do discurso presente no texto da música rap. [tese] São Paulo (SP): Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; 1999.

Oliveira SRM. Ideologia no discurso sobre drogas. [dissertação] Brasília (DF): Universidade de Brasília; 1992.

Pêcheux M. O. Discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes; 1990.

Pereira PAP. Necessidades humanas: subsídios à crítica dos mínimos sociais. São Paulo: Cortez; 2000.

Pretti D. A gíria e outros temas. São Paulo: EDUSP; 1984.

Queiroz VM, Salum MJL. Globalização econômica e apartação na saúde: reflexão crítica para o pensar/fazer na enfermagem. In: Anais do 48º Congresso Brasileiro de Enfermagem; 1996; São Paulo (SP). São Paulo: Aben; 1997. p.190-207.

Ribeiro TW, Pergher NK, Torossian SD. Drogas e adolescência: uma análise da ideologia presente na mídia escrita destinada ao grande público. *Psicol Reflex Crit* 1998; 11(3): 421-30.

Rodrigues T. Narcotráfico: uma guerra na guerra. São Paulo: Destivo; 2003.

Rose T. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip hop. In: Herschmann M. Abalando os Anos 90: funk hip hop, globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco; 1997. p. 192-213.

Santos M. Técnica espaço tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec; 1996.

Sposito MP. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. Rev Sociol USP 1994; 161-178.

Severino AJ. Educação, ideologia e contra-ideologia (temas básicos de educação e ensino). São Paulo: EPU; 1986.

Severino AJ. Filosofia. São Paulo: Cortez; 1994.

Soares CB. Adolescentes, drogas e AIDS: avaliando a prevenção e levantando necessidades. [tese] São Paulo (SP): Faculdade de Educação da USP; 1997.

Soares CB. O consumo contemporâneo de drogas sob a abordagem da saúde coletiva: implicações para as práticas de enfermagem em saúde coletiva. São Paulo: Escola de Enfermagem da USP; 2003 [mimeografado].

Soares CB, Jacobi PR. Adolescentes, drogas e Aids: avaliação de um programa de prevenção escolar. Cad Pesq 2000; (109): 213-37.

Vianna RLS. Jovens à busca de identidades culturais: ser jovem em São Paulo e Medellín. [dissertação]. São Paulo (SP): Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; 2002.

Yúdice G. A funkificação do Rio. In: Herschmann M. Abalando os Anos 90: funk hip hop, globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco; 1997. p. 24-49.

Zaluar A. Da revolta ao crime S. A. São Paulo: Moderna; 1994.

Zaluar A. A criminalização das drogas e o reencantamento do mal. In: Zaluar A, (organizadora). Drogas e cidadania: repressão ou redução de riscos. São Paulo: Brasiliense; 1994 p.97-128.

ANEXOS

ANEXO 1

Letras Analisadas

1. OLHA O MENINO

509 E

Lá vai o pivete, descendo a ladeira com seu ouro na mão, a sua chuteira

Ele tem um sonho quer ser campeão ser jogador de futebol e jogar na seleção

Ele vem de lá do fundão lá da Sul quem sabe será no futuro um Cafu

Guerreiro nato talento é mato as ruas foi o seu aprendizado

Tem tudo pra brilhar nas telinhas de cinema e não reprisar o pixote em Diadema

Quer vencer na vida e não ser um bandido eis a questão olha o menino

Boto fé nos guerreiros da nova geração, vai que vai, na fé mostra aí o seu dom.

Sou Jonathas M.C., minha cara é o rap, o som tá na veia desde pivete

Na barriga da minha mãe já fazia barulho, sou preto pobre com muito orgulho

Tenho 11 de idade e já conheço a real: que o crime é fatal, só me leva pro mal

Estudar, praticar esporte, ser alguém não quero ser mais um Zé ninguém.

Já fiz minha presença agora tô saindo fora, num toque de prima passo a bola

Olha o menino...

A cem mil anos o homem vive feliz fazendo guerra e asneiras

Olha o menino...

Um dia eu fui criança, um dia eu fui um rei, um dia eu fui um anjo, um dia eu sonhei

Um dia eu brinquei, corri atrás da bola, um dia eu pulei o muro da escola

Um dia acreditei em papai Noel, mas a vida me mostrou qual é o meu papel

Deus do Céu, deixa que eu cresça e a esperança não desapareça

Vejo meu filho correndo atrás da bola ao sol do meio dia voltando da escola

Moleque pobre, humilde, e sem ambição, vidrado pela bola, ligado na televisão

Me vejo nele ele, se vê em mim. Pro meu filho eu serei um bom exemplo até o fim

Se liga só se liga quem sou eu, Jeron chega mais o microfone é todo seu

Sei que nascer pobre não é fácil não posso dar ponto tenho que ser ágil

Uh! Barato é louco, desse jeito assim o futuro da nação só depende de mim

Tenho orgulho do meu pai, do meu tio e do meus mano

Chego trincando então vamo que vamo

Não deixo o sistema me fazer de refém, salve simpatia, salve Jorge Ben

Jeron Mohamed nome de guerreiro é tô lado a lado com meus parceiros

Olha o menino...

Pois a rosa é uma flor a flor é uma rosa e o menino não é ninguém

Olha o menino...

Já me vi no farol e até catando lata, lavando a Cherokee da madame pela prata

Ou cheirando cola na praça da Sé, na televisão da vitrine vendo o gol do Pelé

Tomando banho no chafariz eu e meus trutinhas, a pampa feliz

A igreja, as escadas, o sino, a cruz, vejo muita gente aqui, mais ai!, Cadê Jesus?

De rolé no calçadão, tio me dá um trocado?

Agora não dá, agora não dá moleque, tô atrasado!

Já me disseram que é melhor pedir do que roubar

Mas quando eu peço é raridade alguém me dar

O mais certo é não depender de ninguém, ai Juninho!, Chega mais, vem que vem!

Faço parte dessa luta, também Deus seja louvado e me proteja, amém!

Me dê saúde me dê sabedoria, não me deixe ser alvo de patifaria

Não quero ser um zero a esquerda como alguém

R.A.P sigo a linha desse trem

Não, não quero ser o neguinho do cachimbo

O nóia que fuma de segunda a domingo

Dessas paradas eu tô legal, obrigado 509, é nois, tô lado a lado

Eu só quero que Deus me ajude a ver o meu filho nascer e crescer e ser um campeão

2. GANGSTA JOE DOCTOR MCS

Rei da cocada preta essa é a história da vida de Joe 2x

Nascido e criado na periferia
A malandragem da área sua melhor companhia
Seu pai um traficante barra pesada
Sua mãe uma prostituta aposentada
Fuzilados a queima roupa numa emboscada
Talvez queima de arquivo por alguma treta errada
E assim cresce Joe sozinho na favela
Considerado na quebrada virou dono da viela
Assim o lugar que então o seu pai deixou
Vários pontos na favela o rei da boca agora é Joe
Armamento pesado na mão dos aliados
São contrabandeados de onde vem não interessa
Pressa, pressa na distribuição cada um dos aliados com um trabuco
nas mãos

A remessa veio boa veio bem variada
R-15, USI e uma caixa de granadas
O dinheiro entra fácil e o produto vende bem
100% pura igual a dele ninguém tem
Mas Joe não está contente diz que ainda quer mais
Disse quer vingar a morte de seus pais
Depois de um filme na TV ele para pra pensar
Se auto denomina nego Joe Gangstar

Rei da cocada preta essa é a história da vida de Joe 2x

E Joe desse bolo havia assando em posses
Abre uma boate pra lavar o seu dinheiro
Na boate cassi nego e os puteros
Prostitutas da área trabalham para o Joe
Joe é o cafetão Joe é o gigolô
Dão a vida por dinheiro mas pra Joe vai vira Bom
Ao fundo de uma sala Joe controla tudo
Ou informatizado, rei do submundo

Na batida no local ninguém achava nada
Tá tudo legal nada de anormal
Meia hora depois tudo volta como estava
Drogas, jogos, prostituição
Joe está desconfiado sentindo traição
Diz que nada nem ninguém vai lhe deter
Se alguém pisar na bola com ele vai sofrer

Rei da cocada preta essa é a história da vida de Joe 2x

Regulo o telefone uma escuta nunca fui
Na batida certa enquadram o menino
O flagrante tava em cima não tinha escapatória
E aqui infelizmente antecipo o fim da história
Quem foi Joe quer saber?
Pádia puta preta cansada de mutreta
Cagueta Joe e depois vai pra valeta
Vários tiros na cara a boca cheia de chumbo
E o sol nasce quadrado para Joe em seu novo mundo
Caso encerrado, fim da história
Talvez quem sabe?

Rei da cocada preta essa é a história da vida de Joe 2x

3. NADA É MAIS COMO ANTIGAMENTE FACÇÃO CENTRAL

Final feliz eu sempre quis
Um carango uma goma, paz, uma vida feliz
Bem humilde esquecido como toda a quebrada
Um detento em formação
Um cadáver, as coisas boas não foram ensinadas
Ninguém é santo, mas também não tem demônio aqui, morô?
Se têm dois 157 121 eu se atiro na cabeça do boy
É só o fruto da semente que o Brasil plantou
Desde pivete, choque, no DP
Polícia, barulho de tiro, cadáver no chão
Com miolo em volta e tiazinha gritando: ajuda meu filho
Ninguém nunca respeitou nossos direitos
Deram o crack uma glock 22 de pente cheio
A mesma que usam pra roubar o seu rolex no sinal
Ou a mesma do assalto a banco

Que passa batida pelo seu detector de metal
Em Alphaville é piscina
Escola particular e vigia na guarita
Aqui é sangue, algema no pulso
Professor na escola de quinze em quinze dias
Tem gram, m-10,, colt, taurus, bereta
Pra defunto em baixo do jornal
Tá aqui a receita
O Brasil dá o revolver
Põe no seu cachimbo uma pedra e adiciona a cinza
Depois um, dois, três, pá
Mais um caixão na coleção da polícia
Cansei de ver meus manos indo nessa
Virando história que
Dez a zero pro crack é um pra cada guerra
Da lâmina, da gilete à chama alta do isqueiro
Conscientização é gerada, vira fumaça, qualquer conselho
Pacto com o demônio já registrei tô saindo fora
Não quero luto na minha família
Ainda mais por ponto de drogas
Eu nem me ligo nessa vida mas lembrança do crack
A casa caiu dum dum logo Denarque
Não sei mais quem é quem não reconheço meu manos
Por pouco trocando tiro entre si
Penhorando a roupa do corpo
Ouvir meu mano me pedindo pelo amor de Deus
Uma intera pro crack, sai andando o que aconteceu
Tem algo errado aqui não mais como antigamente
Agora é crack, polícia, enterro, infelizmente

Refrão

tem algo errado aqui não mais como antigamente

Eu to falando aqui também da parte mais fudida
Aonde vale muito o crack e nada a sua vida
Do lado das cadeias do lado da cocaína
Mano preso artigo doze maldita rotina
A cada esquina um opalão preto e branco
Só ganhando a lança
Investigador de ganso a mais de uma semana
Sonhando com seu sangue querendo te ver
Na maca do hospital
Querendo sua mãe reconhecendo seu corpo
No instituto médico legal
A opressão sirene carro derrapando

Revolver engatilhado
Coronhada na cara do traficante
O crack permanece lá enquadrado após enquadrado
Levando sua jaqueta seu tênis seu dinheiro
Tirando sua família e te dando uma cela
Ou flores no seu enterro
Tá no shopping na faculdade na mansão
Só que lá ninguém derruba porta abre TV
Não tem tiro no peito não tem detenção
A doze do PM só explode a cabeça do traficante da favela
O boy que traz de avião não sangra no chão da periferia
E nem se mata por centímetros de cela
Tanto velório tanto tiro tanta morte em vão
Tanto gambé que pampa do veneno
Bem distante do prato
Não quero se promove matando ladrão
Eu me lembrei das famílias eu me lembrei dos manos
Sangue no olho enfim e de que jeito estavam terminando
Dando motivo pra essa porra de polícia maldita
Zona norte sul leste oeste periferia
Tô com vocês e tal mano Mild
Eduardo só que a Duda a Pa a Gabi no meu velório
Por de farinha eu não assino meu atestado de óbito
Dispensar esse papel destrói esse cachimbo
Se valorize mano segure o seu artigo
Sem essa de cocaína sai essa de crack
Bem longe na rota e Denarc
Tem algo errado aqui não é mais como antigamente
Agora é crack polícia enterro
I n f e l i z m e n t e

4. CRIME VAI E VEM RACIONAIS MC'S

“O mano, cê viu o tanto de polícia que tem na área aí
Tá embaçado o morro certo
Então, final de ano ir pra cadeia não vira
Olha quem tá chegando aí
E aí Cláudio, e aí firmeza família
Como é que tá o morro?
O morro tá daquele jeito certo
Tem que ficar ligeiro que tá cheio de polícia, cheio de ganço
Tô descabelado vim pra me levanta de novo...”

Tá vendo aquele truta parado ali
Rolando idéia com os mano na esquina
É envolvido com crack, maconha e cocaína
Tirou cadeia, cumpriu a sua cota
Pagou o que devia mais agora ele tá de volta
Saudades da quebrada, família
Coração amargurado pelo tempo perdido na ilha
Se levantar agora é só nada mais importa
Lôco é mato, taa cheio no morro não falta
Esses anos aguardou paciente
O limite é uma fronteira criada só pela mente
Conta com o que ficou e não o que perdeu
Quem vive do passado é memória, museu
Dinheiro, segredo palavra chave
Manipula o mundo e articula a verdade
Compra o silêncio, monta a milícia
Paga o sossego, compra a política
Aos olhos da sociedade mais um bandido
E a bandidagem paga o preço pela vida
Vida entre o ódio, traição e o respeito
Entre a bala na agulha e uma faca cravada no peito
Daquele jeito ninguém ali brinca com fogo
Perdedor não entra nesse jogo
É como num tabuleiro de xadrez
Cheque mate vida ou morte um dois três
Vê direito, pare pensa nada a perder
O réu acusado já foi programado pra morrer
Quem se habilita a debater
Quem cai na rede é peixe não tem pra onde correr

O crime vai o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
O movimento dá dinheiro sem problema
O consumo tá em alta como manda o sistema

O crime vai o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
Onde há fogo há fumaça
Onde chega a droga inevitável embaça

Eu tô aqui com uma nove na mão
Cercado de droga e muita disposição ladrão
Fui rotulado pela sua sociedade
Um passo a mais para ficar na criminalidade

O meu cotidiano é um teste de sobrevivência
Já tô na vida então paciência
Pra cadeia não quero não volto nunca mais
Aí truta, se for pra ser eu quero é mais
Aqui no covil, ninho de serpente
Tem que ser louco pra vir bater de frente
Minha coroa não pode passar veneno
Já é velha e meu moleque ainda é pequeno
Um irmão morreu outro se casou
Saiu dessa porra, firmeza se jogou
Só eu fiquei fazendo um tempo por aqui
Tentei evitar mas não consegui
Aí se meu futuro estiver traçado
Eu vou até o fim só pra ver o resultado
Quero dinheiro e uma vida melhor
Antes que o meu castelo se transforme em pó
Só, o vício da morte está a venda
Em cada rua uma alma em cada alma uma encomenda
O consumo pra alguns é uma ameaça
Vários desanda vacila e vira caça
Tem mano que dá varias narigada aqui
Cheira até umas hora, deixa caí
É intensidade o tempo inteiro
Cartel latino, São Paulo ao Rio de Janeiro
Dá mó dinheiro, dólares rato de sócios
Nesse ramo são que nem abutre nos negócios
A noite chega a febre aumenta
Pode ser da paz ou curviana violenta

(invasão de uma boca)

Tráfico não tranca mais segredo
São três horas da manhã e pra alguns maluco ainda é cedo
Na esquina, na entrada da favela
Uma mula de campana fumando na viela
"E ai cadê o Cláudio? Ai o Cláudio tá pedido
Foragido da quebrada e deixou tudo comigo
os ganso tá na febre mais flagrante é dinheiro
Eu tô ligeiro a todo instante parceiro"
Mês de agosto atravessa o inverno
Os anjos do céu guiar meus passos andando no inferno
Será eterno a estrada do fim
Ai que ta é vulnerável provável pra mim
Que seja assim um ganha e outro perde
Enquanto um louco cheira o demônio se diverte

“Nossa, o bagulho é do louco memo”
Assim que é assim que tá

O crime vai o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
O movimento dá dinheiro sem problema
O consumo tá em alta como manda o sistema

O crime vai o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
Onde há fogo há fumaça
Onde chega as droga inevitável embaça

O pobre, o preto no gueto é sempre assim
O tempo não pára a guerra não tem fim
O crime e a favela é lado a lado
É que nem dois aliado o isqueiro e o cigarro
Na viela, no beco, na rua sem saída
Na esquina da quebrada continua assim na mesma vida
Rotina que assim vai prossegue
Vitorioso é aquele que se pá consegue
Sobrevive e não deitar crivado de bala
Igual na rua D ensangüentado no meio da vala
Muita cautela ainda é pouco
Mano armado traíra andando que nem louco
Mano passando uns barato roubado
Jogo arriscado mas quem tá preocupado
Sujeito ou cusão, herói ou vilão
Cada ponto quarenta na mente diferente reação
Cada estrada uma lição da própria vida
Cada caminho um atalho uma tentativa
A qualidade aqui são das piores
Vários malucos dando sangue por dias melhores
Foi dado um golpe de estado cavernoso
A máquina do desemprego fabrica criminoso
De bombeta, tatuado sem camisa
De bermudão no pião na mesma brisa
Formação de quadrilha conduz o crime
Fora da lei eu sei eu vejo o filme
Lãs Vegas, o patrão gira roleta
Controla tudo na ponta da caneta
Sentindo na garganta o amargo do fel
Com o crime organizado na torre de babel
Inteligente é o que vai pra cama mais cedo
Com uma quadrada na cintura não é mais segredo

Não tenha medo então por que você veio aqui
É guerra fria e você tá bem no meio aí
Fogo cruzado lá do norte
Só vagabundo, bandidagem e a morte boa sorte

"(...) todas as pessoas que estão sendo aí revistadas são pessoas que estariam em locais aonde existe o comercio de drogas (...) a cada dois três quarteirão tem um ponto de tráfico e é um absurdo porque é um lugar onde moram pessoas de bem (...) nós tamô acabando com essa pouca vergonha (...) o que agente pode perceber é que uma parte dessas pessoas são bastante jovens (...)"

O crime vai o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
O movimento dá dinheiro sem problema
O consumo tá em alta como manda o sistema

O crime vai o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
Onde há fogo há fumaça
Onde chega as droga inevitável embaça

5. MÁGICO DE ÓZ RACIONAIS MC'S

"Comecei a usar pra esquecer dos problema (...)
Fugi de casa (...) meu pai chegava bêbado e me batia muito (...)
Eu queria sair dessa vida (...)
Meu sonho? É estudar, ter uma casa, uma família (...)
Se eu fosse mágico?
Não existia droga, nem fome e nem polícia" - voz de criança

"Eu tenho fé, eu tenho fé"

Aquele moleque sobrevive como manda o dia a dia
Tá na correria como vive a maioria
Preto desde nascença escuro de sol
Eu tô pra ver ali igual no futebol
Sair um dia das ruas é a meta final
Viver decente sem ter na mente o mal
Tem o instinto que a liberdade deu
Tem a malícia que cada esquina deu
Conhece puta, traficante e ladrão

Toda a raça uma pá de alucinado e nunca embaçou
Confia nele mais do que na polícia
Quem confia em polícia? Eu não sou louco
A noite chega e o frio também se demora
E a pedra o consumo aumenta a cada hora
Pra aquecer ou pra esquecer
Viciar, deve ser pra se adormecer pra sonhar
Viaja na paranóia na escuridão
Um poço fundo de lama, mais um irmão
Não quer crescer ser fugitivo do passado
Envergonhar-se aos vinte e cinco ter chegado
Queria que Deus ouvisse a minha voz
E transformasse aqui no mundo mágico de Oz.

Queria que Deus ouvisse a minha voz
(que Deus ouvisse a minha voz)
No mundo mágico do Oz
(no mundo mágico de Oz)

Um dia ele viu a malandragem com o bolso cheio
Pagando a rodada, risada e vagabunda no meio
A impressão que dá é que ninguém pode parar
Um carro importado, som no talo
"Homem Na Estrada" eles gostam (raça do caralho)
Só bagaceira só, o dia inteiro só
Como ganham dinheiro vendendo pedra e pó
Rolex, ouro no pescoço a custa de alguém
Uma gostosa do lado pagando pau pra quem
A polícia passou e fez o seu papel
Dinheiro na mão, corrupção a luz do céu
Que vida agitada em gente pobre tem
Periferia tem, você conhece alguém
Moleque novo que não passa dos doze
Já viu, viveu mais que muito homem de hoje
Vira a esquina e para em frente uma vitrine
Se vê, se imagina na vida do crime
Dizem que quem quer segue o caminho certo
Ele se espelha em quem tá mais perto
Pelo reflexo do vidro ele vê
Seu sonho no chão se retorcer
Ninguém liga pro moleque tendo um ataque
Foda-se quem morrer dessa porra de crack
Relaciono os fatos com seu sonho
Poderia ser eu no seu lugar
Das duas uma eu não quero desanda

Por aqueles mano que trouxeram essa porra pra cá
Matando os outros em troca de dinheiro
E fama, grana, suja, como vem vai não me engana
Queria que Deus ouvisse a minha voz
E transformasse aqui no mundo Mágico de Oz.

Queria que Deus ouvisse a minha voz
(que Deus ouvisse a minha voz)
No mundo mágico do Oz
(no mundo mágico de Oz)

Ei Mano! Será que ele terá uma chance?
Quem vive nessa porra merece uma revanche
É um dom que você tem de viver
É um dom que você recebe pra sobreviver
História chata mais se tá ligado
Que é bom lembrar quem entra é um em cem pra voltá
Quer dinheiro pra vendê tem um monte aí
Tem dinheiro que usar tem um monte aí
Tudo dentro de casa vira fumaça
É foda, será que Deus deve tá provando a minha raça
Só desgraça gira em torno daqui
Falei do JB ao Piqueri, Mazzei
Rezei pra um moleque que pediu
Qualquer trocado, qualquer moeda me ajuda tio
Pra mim não faz falta uma moeda, não neguei
Não quero sabe, o que que pega se eu erre
Independente, a minha parte eu fiz
Tirei um sorriso ingênuo fiquei um terço feliz
Cê diz que moleque de rua rouba
O governo, a polícia, no Brasil quem não rouba
Ele só não tem diploma pra rouba
Ele não se esconde atrás de uma farda suja
É tudo uma questão de reflexão irmão
É uma questão de pensa, rá
A polícia sempre dá o mal exemplo
Lava minha rua de sangue, leva o ódio pra dentro
Pra dentro de cada canto da cidade
Pra cima dos quatro extremos da simplicidade
A minha liberdade foi roubada
Minha dignidade violentada
Que nada, os mano se ligá, para de se matá
Amaldiçoar, leva pra longe daqui essa porra
Não quero que um filho meu um dia Deus me livre morra
Ou um parente meu acabe com um tiro na boca

É preciso eu morrer pra Deus ouvi minha voz
E transformar aqui no mundo mágico de Oz?

Queria que Deus ouvisse a minha voz
(que Deus ouvisse a minha voz)
No mundo mágico do Oz
(no mundo mágico de Oz)

"Jardin Filhos da Terra e Tal, Jardin Leblon, Jaçanã e Jabagural.
Piquiri, Mazzei, Nova Galvão, Jardin Curisco, Fontalos e Então. Campo
Limpo, Guarulhos, Jardin Peri, JB, Edu Chaves e Tucuruvi. Alô Doze,
Mimosa, São Rafael, Jaquinachi tem um lugar no céu."

Às vezes eu fico pensando se Deus existe mesmo morô
Por que meu povo já sofreu demais
Continua sofrendo até hoje
Só que ai eu vejo os moleque nos farol na rua
Muito louco de cola, de pedra
Eu penso que poderia ser um filho meu moro
Mais ai eu tenho fé
Em Deus

6. Mano na Porta do Bar **RACIONAIS MC'S**

Você viu aquele mano na porta do bar
Jogando um bilhar descontraído e pá
Cercado de uma pá de camaradas
Da área uma das pessoas mais consideradas
Ele não deixa brecha, não fode ninguém
Adianta vários lados sem olhar quem
Tem poucos bens, mais que nada,
Um fusca 73 e uma mina apaixonada
Ele é feliz e tem o que sempre quis
Uma vida humilde, porém sossegada
Um bom filho, um bom irmão,
Um cidadão comum com um pouco de ambição
Tem seus defeitos, mas sabe relacionar
Você viu aquele mano na porta do bar

(aquele mano)

Você viu aquele mano na porta do bar
Ultimamente andei ouvindo ele reclamar
Da sua falta de dinheiro era problema
Que a sua vida pacata já não vale a pena
Queria ter um carro confortável
Queria ser uma cara mais notado
Tudo bem até aí nada posso dizer
Um cara de destaque também quero ser
Ele disse que a amizade é pouca
Disse mais, que seu amigo é dinheiro no bolso
Particularmente para mim não tem problema nenhum
Por mim cada um, cada um
A lei da selva consumir é necessário
Compre mais, compre mais
Supere o seu adversário,
O seu status depende da tragédia de alguém,
É isso, capitalismo selvagem
Ele quer ter mais dinheiro, o quanto puder
Qual que é desse mano ?
Sei lá qual que é
Sou Mano Brown, a testemunha ocular
Você viu aquele mano na porta do bar

(Aquele mano)

- " Quem é aqueles mano que tava andando com você ontem a noite ? "
- " É uns mano diferente aí que tá rolando de outra quebrada aí, mas é o seguinte, eu tô agarrando os mano de qualquer jeito, certo ? "
- " Nós somos aqui da área mano !? "
- " Não tem nada a ver com você !!! "
- " Já era meu irmão ! já era !!! "
- " Qual que é ? Num tô te entendendo, explica isso aí direito... "
- " Movimento é dinheiro meu irmão... "
- " Você nunca me deu nada !!! "

Você viu aquele mano na porta do bar
Ele mudou demais de uns tempos para cá
Cercado de uma pá de tipo estranho
Que promete pra ele o mundo dos sonhos
Ele está diferente não é mais como antes
Agora anda armado a todo instante
Não precisa mais dos aliados
Negociantes influentes estão ao seu lado
Sua mina apaixonada, linda e solitária

Perdeu a posição agora ele tem várias...
Várias mulheres, vários clientes, vários artigos,
Vários dólares e vários inimigos.
No mercado da droga o mais falado
O mais foda, em menos de um ano subiu de cotação
Ascensão meteórica, contagem numérica,
Farinha impura, o ponto que mais fatura
Um traficante de estilo, bem peculiar
Você viu aquele mano na porta do bar

(Aquele mano)

Ele matou um feinho a sangue frio às sete horas da noite,
Uma pá de gente viu e ouviu, a distância
Dia de cobrança, a casa estava cheia
Mãe, mulher e criança
Quando gritaram o seu nome no portão
Não tinha grana pra pagar perdão é coisa rara
Tomou dois tiros no meio da cara
A lei da selva é assim, predatória
Click, cleck, BUM, preserve a sua glória
Transformação radical, estilo de vida
Ontem sossegado e tal
Hoje um homicida
Ele diz que se garante e não tá nem aí
Usou e viciou a molecada daqui
Eles estão na dependência doentia
Não dormem a noite, roubam a noite
Pra cheirar de dia
O tal do vírus dos negócios muita perícia
Ele da baixa, ele ameaça, truta da polícia
Não tem pra ninguém no momento é o que há
Você viu aquele mano na porta do bar

(Aquele mano)

" - E aí mano, e aquela fita de ontem a noite ? "

" - Foi um mano e tal que me devia, mó pilantra safado, queria me dá perdido... Negócio é negócio, deve pra mim é a mesma coisa que dever pro capeta, dei dois tiro na cara dele, já era... virou os olhos. "

" - Mas e agora, como é que fica !? "

" - Ih...Sai fora !!! Sai, Sai !!!

Você tá vendo o movimento na porta do bar
Tem muita gente indo pra lá, o que será ?

Daqui apenas posso ver uma fita amarela
Luzes vermelhas e azuis piscando em volta dela
Informações desencontradas gente, indo e vindo
Não tô entendendo nada, vários rostos sorrindo
Ouço um moleque dizer, mais um cuzão da lista
Dois fulanos numa moto, única pista
Eu vejo manchas no chão, eu vejo um homem ali
É natural pra mim, infelizmente
A lei da selva é traiçoeira, surpresa
Hoje você é o predador, amanhã é a presa
Já posso imaginar, vou confirmar
Me aproximei da multidão e obtive a resposta
Você viu aquele mano na porta do bar
Ontem a casa caiu com uma rajada nas costas...

7. A LEI

RZO

Aqui na nossa área está tudo normal
Passando umas gostosas e uns paga-paus
Até aí tudo igual e tal, natural
Mas hoje é sexta-feira e prá uns acaba mal
Vejo logo cedo com a face transformada
Não vão mais prô rolé não ligam mais pra nada
É foda ver os manos nesse estado
Fracos, parados nas esquinas altamente engessados
Já era, agora é tarde pra falar
Ninguém vai me escutar ninguém vai querer parar
É mais fácil do que todo mundo pensa
Depois de algum tempo se liga se compensa
Mano e aí? Vamos dar um rolezinho
Vamo mano rapidinho são apenas dois tirinhos
Aaaaaa, não dá, não dá
Assim vou acabar vendo os manos da quebrada sem curtir sem
zoar
Cara é estar chapado, sorriso pra todos os lados
Ficar irado é coisa de noiado
Mais fique esperto no rolé
Tá cheio de vagabunda e é fácil se envolver
E se você estiver admirando a lua
Então se liga nos gambé quando tiver na loucura
Às vezes paranóicos descontrolados
Brincam de revólver e te deixam agoniado

É, dando tiro por aí (pow pow)
Ih maluco sai de mim
Aonde você vai cair? Xiiii, bummm
Bala perdida estou tentando te salvar
Pra no futuro eu também te admirar
Mano eu queria um dia te trombar
Você e sua mina sossegada
Mais se continua usando, fulano
Nunca vacilando e sim como malandro

Refrão:

A lei é cada um, cada um
Já vi mano comum e desconverso e BUM!
Agora esquece, já foi pro além
E quem sabe está bem melhor que aqui

Ah Sandrão, aquele mano meu chapa não é tirano
De reto em reto a desandado eu diria mais dominado
Considerarei, avisei, onde for crime desiste
Fulano já morreu, veja bem, beltrano também morreu
Só roubar assim não dá, uuu, se liga
Cachimbo é destruição, não pára de afunda
Seu sangue era tipo A, mas foi sugado foi drenado
Agora desandado é a cara do drogado
Tem gente pra condenar mas ajudar nem pense
Telefona para a polícia, o vizinho do lado ou da frente
E de repente atrás vem gente que vem de Blazer
Vem um com cada agulha, se pá o resto não tente
Vários malucos, mesmo sangue bom
Não agüentou não, se perdeu no passado
Já é passado e não voltou
Isso não é bom, parece o fim perto do fim
Chegando mais cedo vendo morte, sofrimento
Filho chora e mãe não vê (Uh Uh)
Vai sofrer se for negro vai sofrer
Borrachada, rajada de PT
A lei vai crescer, assim prossegue
Na batida do Rap eu vou dizendo o que sucede
Escuta guarda, milianos de periferia temos
Então sabemos, morrer é um fator de menos
Não pode sem saber é tudo responsa melhor respeito toda vez

Refrão

Pode crê, no gueto tem essa desvantagem

Esse é o começo e o fim da malandragem
Contagem é feita nos dedos
Os mano que morreu, quem não perdeu um camarada seu
Fudeu mano, a vida não é boa como parece
Dia após dia a droga e o tráfico cresce
Fecha uma boca e abre duas
Pra reforça o domínio continua
Nas ruas o clima tá tenso, tem polícia
Um corpo no chão a espera da perícia
Notícia que a mãe já esperava até então
O pai é ausente, só resta o irmão, cuzão
Sem chance essa vida eu não quero
A minha mãe em primeiro lugar é o que eu quero
Prospero uma vida melhor
Não escolhi o caminho de me afundar numa carreira de pó
Só, eu tô ligado como é
Uma pá de mano errado, uma pá de mulher
É, os boy conseguio o que queria
Acabo a escravidão, continua a covardia
Que as tia do morro não entende, não compreende
Aquele filho querido que hoje depende
Será que não existe Deus?
Será que é só comigo? Será que é um problema só meu?
É foda, é difícil suportar, a pressão é maior, eu quero me matar
Deixar, largar, desistir, fugir, sumir,
Se pá ninguém me vê mais por aqui
Mas não, eu tenho uma missão
Foda-se o que dizem, foda-se a televisão
Meu lugar é do lado dos irmãos
De correria ou não, você é preto também ladrão

8. COCAÍNA

Sabotagem

Vim pra sabotar seu raciocínio 4x

Mesmo estando ausente haverá sempre quem critique
Cerveja, uísque, um trago uísque
Dos manifestos maléficos o homem é o próprio fim
A química é o demo e quer então nos destruir
Vários da função só sangue bom que viciaram
Do Brooklin ao Canão tem branca pura em Santo Amaro
Muitos que estão com o pensamento ao contrário

Quem não se aposentou só se tá preso ou é finado
Alguns pedindo nos faróis, desnorteados
Tem química na fita, contamina os brasileiros
Criança de seis anos com o cigarro nos dedos
Só no descabelo como disse o sem cabelo eu creio
Que o poder quer atitude e respeito
Mas observe os pretos sendo tirado no Brasil inteiro
Então prefiro sim um fininho do que me diz
Do que a pedra no cachimbo e o pó no nariz
Afinal é tipo assim, pretendo usufruir
Já vi vários lutarem contra o vício e consegui
Basta saber esperar, ligeiro e não vacilar
Na moralina toda estrela sei que há de brilhar por que

Refrão 2x

Cá cocaína vou parar
Eu sei coca eu sei que mata
Por isso eu tenho que parar de cheirar
Dessas eu não posso desandar

Tipo daquele jeito, quando terminar esse som
Us maluco doido vão ficar mais louco
Mas que sufoco na maior das drenalina
Com a cara e a narina em uma carreira de farinha
Ops, ops, ops, vixi, vixi espera lá
Na capa do caderno só o pó ô dó
Como é que pode aí não tem jeito (ah! ficou feio)
No pega prá capá bobiô levou sacode
Saca só sem vacilar preste atenção
Propósito futurista: se livre das drogas
Labirinto sem rumo sem volta
Falei num dá trilha sonora
Moleque ranhento com juízo se importa
Sandrão, Helião, Sabotagem por essa eu não esperava
Droga eu sei que mata
Males isso não pretendo, para os meus irmão não quero
Ficar tipo só o pó na capa do caderno (sem juízo)
Em dialeto: master ligado
Dicionário no bolso e a leitura de um livro é necessário
Informação a toda nação

Refrão

Aí, sem falsidades
Conheço manos tão feliz

Usava só um baseado e não afundava o nariz
Começou a colar com certas rapazida
Não mandava uma inteira mas ficava com a rapa
Ele foi pra mão do cara o tal do satanás
E o desprezo e a vergonha domina seus pais
Digo mais aos seus pivete
Esse rapaz esquece
Um zumbi, marionete um plano de maquete
Na quebrada aos dezessete furtou vídeo cassete
Rebelde, de longe sua mãe o reconhece
O dominado e tal, o lobo mal, o anormal
Profissional da zona sul é mal
Roubando roupas no varal, agora o gardenal
No quesito criminal tá em estado final
Mas eu não falo pelas costas
No sapatinho é minha proposta
Feche a porta dê a volta, não mosca
Minha rima força, causou revolta
Podi crê, aí ladrão agora só destroça
Eu deixo uma salve pros manos das ruas da sul
Do Broklin da Familin, do Anhangabaú
Da Catarina a Espraiada, Itapevi, Fundão, Caracas
Barueri, Jardim Peri é logo ali
São vários jogo de baralho marcado
É foda, é vê meus manos nesse estado
Irmão que desandaram, viajaram, não ficaram lúcidos
Chupando manga, só o pó, sujo
Imundo é foda essa parada
Sujeito a tudo ou nada
Só fita furada, tá devendo e nunca paga
Em outras áreas recebe o nome de canalha
Irmão se for parar, então que faça já
Por que vários já morreram, foram em cana enfim
Não quero isso pra eles e nem quero pra mim

9. CAVANDO SUA PRÓPRIA COVA SNJ

A sua cabeça mente 2x

Você não sabe o que faz, não mede conseqüências
Quando está na pior quer provar sua inocência
Vive neste mundo deste vício doentio

Entre armas e drogas cavando a sua própria cova
Quer agir sempre como poderoso
Não limita as suas forças para chegar aonde quer
Seus pais sempre dando conselhos
Mas não adianta você vive um pesadelo
Cercado por vários tipos que se julgam ser seus camaradas
Lhe encaminhando como sempre para a parada errada
Pare, pense, tente se conscientizar
Palavras apenas não, não adiantará
Agir com perfeição pode lhe ajudar por que então olha
Faca cravada na sua garganta
Irá explodir nas suas veias
Você não prevê seu futuro se não quiser
Continue vacilando então como será?
Homens fardados nas rua te espera
Homens fardados nas rua te espera
Sua caçada no entanto será brutal
Eles verão seus princípios e desde o inicio
E neste exato momento você terá que pagar

A sua cabeça está
Está no mundo da lua
Você está cavando
A sua sepultura
A sua mente está
Está queimando por dentro
Você está cavando a
A sua própria cova

Na escola seu jeito de ser é diferente
Um tipo cabreiro, insussegado
Quem te viu quem te vê não vai lhe reconhece
Não é de ontem, não é de hoje ah!
Estão visando a sua pessoa
Sujeito bom que não é
Afastam-se
Prevendo algo errado só querem distância de você
Seu princípio mudado te deixou assim
Adiantando do inicio cada vez mais o seu fim
"aí neguinho... nossa!"

A sua cabeça está
Está no mundo da lua
Você está cavando
A sua sepultura

A sua mente está
Está queimando por dentro
Você está cavando a
A sua própria cova

Desnorteado, desesperado
Com sua mente queimando por dentro, um viciado
Acha que não tem saída, nem se liga
Empenhorou com os caras errados a sua própria vida
Que coisa, ah mano
Até o velho radio relógio do seu pai você pegou e penhorou
Pra mente você mandou
Como podem viver dessa forma
Pra mandar pra mente dão até o que não tem
Sua dignidade, o seu caráter, sua palavra de honra a sua imagem
Da próxima vez o que vai fazer?
Bodiar os manos talvez se prevaleça
Não tem sentimento se tornou um instrumento do mal
Pois está com a cabeça queimando por dentro
Outra vez, outra vez é já virou freguês
Seu auto consumo na bocada te levou além dos limites
Quem tem o controle da situação?
A sua família necessita de você
Que diz: vai que vai, faz e acontece
Quando sente o desespero prevalece
De varias pessoas que se preocupam com você
Queima queima, a sua mente, a sua imagem perante a sociedade

A sua cabeça está
Está no mundo da lua
Você está cavando
A sua sepultura
A sua mente está
Está queimando por dentro
Você está cavando a
A sua própria cova

Sua cabeça mente

10. MALANDRAGEM DÁ UM TEMPO THAÍDE E DJ HUM

E aí malandragem como tá?

Já faz muito tempo que agente não tem tempo para conversar
Aproveitando hoje que você não está apressado
Me diz como é que estão as coisas lá no seu barraco
Seu pai? Sua mãe? (graças a Deus tudo bem)
Seu mano? Sua irmã? (tão legal também)
Certinho se o lance é esse eu fico contente
Afinal, nos somos quase parentes é ou não é?
Diz aí tá estudando ou trampando o que você faz?
(corro atrás do prejuí me adianto nada mais)
Pode crê é assim que tem que ser
tô ligado no avião toma mais cuidado meu irmão
Inclusive é sobre isso que eu quero falar
Tô muito preocupado com a sua pessoa
Crescemos juntos sempre quis te ver numa boa
Mais parece que você não quer se ajudar o que que há?
Você não era de dar sopa pro azar, de repente ficou diferente
Não troca mais idéia com a gente
Só te vejo correndo pra cima e pra baixo angustiado descarregando
pente
 Ás vezes nem me reconhece no meio da rua outro dia até me
estranhou
 Qual é a sua?
 E você não precisa mentir pra mim dizendo que sua família tá bem
a pampa
 Faz uma cara que você não dá noticias em casa
 E se acaba de graça com os manos da sua banca
 O que fazer se você escolheu assim revolver pó pedra covardia
enfim
 Uma vida perigosa pra você e pros outros que certamente lhe trará
o fim
 Há muito que eu venho observando no seu movimento
 Malandragem dá um tempo

Refrão:

Tô cansado de pagar um sapo te adianta o lado eu não vejo
resultado nenhum

Tô cansado de toda essa bobagem diz então meu irmão (treta,
malandragem)

A goma que você fez semana passada
É o mesmo quintal que agente se escondia quando brincava de
esconde-esconde com a molecada
Que mancada não respeita mais sua quebrada
Até a quitanda que era antiga Cedinha
Meteu o cano que decepção levou micharia

O pior é que tirou até de quem não tinha
Gente que tava comprando mistura pra família.
Esqueça a ignorância use a cabeça
Aqui passamos a infância não se lembra?
A gente chegava da escola e batia uma xepa
Depois íamos pra rua soltar capuxeta
Nem aí pro tempo nem pra ninguém
Dois pivetinhos pobres mais bem saldáveis amém
Mas todo pivete cresce e com ele suas ambições
E se vai dar certo ou errado a gente vê depois
Mano cê foi bem além do que cê pensou
A pivetada da área você já recrutou
O Nenê, o Jone, até o Zezinho, você fez 1 2 3 4 5 aviãozinho
Não importa o quanto tenha cavado eu te peço
Por favor não leve essa pivetada pra dentro desse buraco
Dê uma olhada neste retrato do meu oitavo aniversário
No nosso tempo ninguém fez isso com a gente
Seja o que quiser mais não se esqueça de ser consciente
Rodar pião, bolinha de gude, estréia a nova cela
Não tem mais a preferência que tinha na favela
O perigo se tornou o seu principal divertimento
Malandragem dá um tempo

Refrão

Veja que ironia do destino
Na brincadeira de criança você nunca queria ser o bandido
Hoje dá perdido em uns vende pedras pra outros
Se você sai do buraco te expulsam do morro
Muitos dos seus camaradas só colam na sua quando você tá com
dinheiro pra bancar várias cervejas
Ou então também quando a grana fácil não vem você é o cara que
tem como completar a seda
Se mexa faça algo por si próprio
Tem muitos querendo adiantar o seu velório
E o pior é que você deu motivo demais
Sai fora largue tudo tente encontrar a paz
Leve junto a Ritinha que é uma mina descente
E você abandonou pra vida alguns meses atrás
Vai na fé construa sua família seja algum iemanjá ierê
Reconstrua sua vida que não está totalmente perdida
E crie bem essa criança que ainda vai nascer
Você deve isso aos seus pais
Que te criaram tão bem com trabalho e coragem
Com calos nas mãos te dando educação

Pra quando você crescesse se tornasse um homem de bem
Acho que já falei de mais agora fica seu critério
Não quero visitá-lo mais cedo no cemitério
Espero que não fique chateado comigo
Só te mandei essa letra por que sou seu amigo
Vou dar linha me adiantar como sempre
Mais não se esqueça que você também é competente
Até outro dia que Deus ilumine os seus pensamentos
Malandragem dá um tempo

11. PARANÓIA DELIRANTE XIS

Esquina paranóia delirante
Atrás de uma farinha loucura na pani
Seqüência de um papel
Não curto isso aí mas tô ligado na parada que domina por aqui
Fumando um baseado curtindo de leve
Num pagode lá na área eu tô esperto
No movimento que se segue segue e vai
Eu vou levando vou curtindo até não dá mais
Tudo prossegue normal até onde eu sei
Enquanto isso é a melhor cerveja que vem
Leva essa traz mais uma põe na conta
Tô sem dinheiro tá valendo eu tô a pampa
São várias dela passeando por ai
No balançar no psiu Dentinho vem a mim
Meu 71 sei que é bom dá pra convence
E essa noite ai meu Deus eu vou f (foder)
A fulerage predomina e rola solta
No tititi 1 auê e aí?
No goró eu viajei já tomei de mais
Paranáia delirante eu to na paz

Esquina paranóia delirante
Eu tô na paz paranóia delirante eu tô na paz 4x

A esquina é perigosa atraente
Nossa quanta gente que movimento interessante
1 carro desse 1 outro sobe pro boite do Natal
Pra 11 esquinas da Cohab 2
Todo mundo a vontade cuidado mano que é mano tá ligado
Chega como eu cheguei fica como eu fiquei

Faz como eu fiz eu sou o Xis
Então me diz Dentinho diz pra mim
Me cita qual que é dessas esquinas que existem por aí
São todas nóia delirante ou estão naquela nossa paz
Devagar e sempre
Devagar e sempre sei lá de repente
Toda tem otário que quer mais bota pra frente
Resolve a diferença acaba com aquela treta
Eu vou pedi mais uma breja
Eu tô na paz vou cola naquela preta
Chega de morte de tiro tô fora dessas puli
Já to f*(fudido) Estado Crítico e aí Randal?
Tudo igual! deixa comigo
Eu ligo o movimento lá da Vila Industrial
Periferia eh periferia eu sei eh tudo igual
Agitação adrenalida acelerada
Muita fumaça muita brisa várias paulada
Me sinto bem, mas eu sei bem
O meu limite na um ultrapassa o de ninguém
aqui Randal 4P minha falange eh
Mano meu verso no remix da De Esquina então
Nu devagar e sempre du meu mano Xis
E ahe Dentinho o que você me diz?
Puxa uma cadeira traz seu copo senta aí
Pega o dominó e faz 1 10 que eu vou ali
Marcar aquele apê de logo mais com aquela mina
O meu esquema preferido da esquina

Esquina paranóia delirante
Eu tô na paz paranóia delirante eu tô na paz 4x

De esquina com us mano sempre em frente
Sexta sempre em frente Sábado e Domingo como sempre
O que vou fazer e ai fazer o que
Segunda Terça Quarta Quinta não é diferente
Dentinho 1 preto original eu sou mais 1
Mano de idéia só mexo com o pá e pum
Virei terror a rima é minha bomba
Meu território é o ll a gente se encontra
Eu tô aí pode chegá a esquina é o meu lugar hei
Eu quero é mais sou aliado do meu povo periferia em paz
Eu tô na paz 4P paz

ANEXO 2

Dicionário de Gírias

A

Abafar – esconder.

Abanar o rabo - mostrar satisfação.

Abrir o bico – confessar.

Açougue - casa de prostituição.

A dar com um pau - em grande quantidade.

Adianta vários lados – ajuda várias pessoas.

Airbags - seios grandes.

Apertar o cinto – poupar.

A parada errada – negócio feito que terminou não dando certo.

A pampa – satisfeito.

Armar banzé - provocar uma desordem.

Atirar-se de cabeça - avançar com decisão.

B

Bagulho – quando se refere a alguma coisa. (pode ser também referência à maconha)

Barato é louco – pode adquirir vários significados, desde algo muito agradável até algo preocupante, complicado, difícil, enrolado. É uma gíria definida regionalmente.

Bater uma xepa – almoçar.

Bater com a língua nos dentes – não guardar um segredo.

Bater um fio - telefonar.

Batia uma xepa – fazer uma refeição, comer.

Bem bolado - Trocar algo ou dar um jeito em alguma coisa.

Bicuda ou dedão - Chutar a bola com força.

Bicho de sete cabeças - problema de resolução difícil.

Bodiar os manos – vencer os amigos através de trapaça.

Boca – referência à bocada, local de venda de drogas.

Boa pinta - pessoa de bom aspecto.

Busão – ônibus.

Breja – cerveja.

C

Cabeçudo – teimoso ou de pouca inteligência.

Cabreiro – arredio, desconfiado.

Cabuloso - Muito bom, impressionante, sensacional. Pode também ser o oposto (ruim).

Cagueta – denunciante.

Canhão - mulher feia ou revolver.

Carango – carro.

Catando – pegando.

Cabrito - Algo não original ou roubado.

Colarinho branco – políticos, empresários ou pessoa com muito dinheiro.

Comboza - Perua, Lotação.

Coxinha – Policial.

Curviana violenta – algo ruim/violento no local.

Cola lá – ir a algum lugar.

D

Da hora - Muito bonito, da moda, de bom gosto.

Dar área - Ir embora.

Dar cartas – mandar.

Dar o golpe – roubar.

Dar sopa – dar motivo, levantar suspeita.

Dar uma – Transar.

Dar um rolé - passear, sair.

De saco cheio – farto.

Desembuchar - dizer tudo que sabe.

Desinfetar - ir embora.

E

É fria – é perigoso.

Empenhorou – neologismo de vender ou penhorar algo com traficantes ou ladrões.

F

Falar/ficar pianinho - falar baixo ou ficar quieto.

Fazer uma Fita – pode ser roubar, trapacear alguém ou simplesmente fazer algo.

Ficar pequeno – Ficar em posição ruim.

Fica na moral - Fica quieto, calado.

Fulerage – futilidade, algo fuleiro, que está á toa.

G

Gambé – policial.

Ganso – polícia.

Gás - Muito rápido.

Goma – casa.

Goró – bebida alcoólica.

Gostosa - Mulher sensual, muito bonita.

I

Insussegado – neologismo de incomodado, sem sossego.

J

João ninguém - pessoa sem importância.

L

Lábia - manha, astúcia com as palavras.

Legal - Algo bom, divertido.

Limpar – roubar.

M

Mano – Alguém. Pode ser também alguma pessoa mais chegada.

Marola - cigarro de maconha.

Meu chapa – amigo.

Milianos de periferia – “mil anos”, o mesmo que muito tempo.

Mili duk - Muito tempo.

Mina – Mulher.

Mó cara - Muito tempo.

Mocréia - Mulher feia.

Morô? – entendeu?

Muito louco - Muito bonito, bom, de boa qualidade.

Muamba - Produtos importados do Paraguai.

N

Não dar trela - não dar conversa.

Não mosca – não “encosta”, não ficar sem fazer nada ou não vacilar, não marcar bobeira.

Nóia – o termo deriva da palavra paranóia e indica o estado de descontrole provocado pelo vício e pela necessidade da droga. O nóia vai perdendo progressivamente sua dignidade e sua honra, tornando-se motivo de vergonha por transgredir as normas locais.

Neguinho do cachimbo – adjetivo de viciado de crack.

No sapatinho – fazer algo com muito cuidado, com calma e atenção, sempre raciocinando.

Num toque de prima – numa atitude “bonita”, de primeira.

O

O qué que pega – o que está acontecendo no momento.

O som tá na veia – musica conhecida desde a infância.

Otário – ingênuo.

Ouro na mão – ter dinheiro ou alguma coisa importante.

P

Paga pau - Aquele que admira as coisas dos outros.

Pagar um sapo – pagar mico, passar vergonha.

Papa anjo - Pessoa que namora alguém mais novo do que si própria.

Papel – cocaína.

Pés de pato – matadores contratados pelos comerciantes – geralmente policiais.

Pilantra – tipo de ladrão que não respeita as regras locais, roubando inclusive na vizinhança. Diferencia-se do *nóia* por ter consciência do que faz.

Pipá - Usar crack.

Pipoco – Tiro.

Pivete – criança.

Playboy – para os rappers os playboys são um tipo social que não só é definido pela sua origem e condição econômica (rico e branco), mas também por um determinado padrão de comportamento que se opõem a todo código de normas de conduta e valores comuns nas camadas populares.

Porrada – Soco.

Porra - interjeição que traduz sentimento de ira.

Prata – dinheiro.

Puxar um beck - fumar maconha.

Q

Quebrada – alusão a ruas do bairro, esquinas e lugares de passagem.

Quebrou - arregaçou, fez algo melhor do que alguém.

Queimado - aquele que perdeu prestígio.

Queimar meu filme – fazer fofoca ou alguma coisa errada.

Queimar pedra - Fumar crack.

R

Rasgá - Sair correndo, sair daqui.

Rato – gatuno, ladrão.

Rolo - Trocar algo.

S

Sacana - mau caráter.

Salve– cumprimento como “oi”.

Sarado (a) - Menino (a) muito bonito.

Salve– cumprimento como “oi”.

Sentar o dedo - Dar um tiro, matar alguém.

Se liga – presta atenção.

Sigo a linha desse trem – sigo o caminho estabelecido.

Socado - Carro rebaixado.

Só ganhando a lança – prestando atenção no que acontece.

T

Tá na correria – alusão à vida agitada; quem está fazendo algo.

Ter moral - Certa pessoa que é respeitada em algum lugar.

Tô ligado na parada –saber o que está acontecendo.

Tomar bomba - Injetar anabolizante (tipo de droga que faz com que a pessoa que faz musculação adquira massa muscular mais rapidamente).

Tô saindo fora –estou indo embora.

Trampo – Trabalho.

Traveco – Travesti.

Treta – briga, assunto discutido, acontecimento.

Trincando – fazendo coisas certas.

Truta – amigo.

U

Uma pá – bastante.

Uma pá de vezes - Muitas vezes.

V

Vacilar - marcar bobeira.

Vazar - Sair de um lugar.

Vidrado – concentrado ou contente.

Vou colá – “vou estar perto”, “vou chegar junto” do que está acontecendo.

Z

Zero a esquerda – mesmo adjetivo que “Zé ninguém”.

Zoar ou Zueira - fazer bagunça.